DETECTADOS DESDE O PRINCÍPIO DESTE ANO 35 NOVOS CASOS DE SIDA (SUBIMOS PARA 81)

Já faleceram 41 das 81 vítimas de sida até agora registadas em Portugal. O número total de cidadãos atingido por aquela doença sofreu este ano um forte acréscimo, segundo o Grupo de Trabalho da Sida, com o registo de 35 novos casos, entre os quais uma criança de nove anos. Pág. 8

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 505 Terça-feira, 3 de Novembro de 1987 Preço 45$00

Deficiências dão protesto

«Comboio operário» cortou tranvias do Norte

Desde as 23 e 30 de ontem que se têm vindo a avolumar os problemas na circulação ferroviária, afectando a Linha de Sintra, a Linha de Cascais e, sobretudo, a Linha do Norte, com os utentes de um «comboio-operário» proveniente de Tomar a ocuparem a via, pelas oito horas em Santa Iria da Azóia, a 15 quilómetros de Lisboa, como forma de protesto contra os constantes atrasos de que afirmam ser vítimas quase todos os dias, e desde há anos.

Continua na pag. 24

Novas listas da ministra Beleza dão "guerra"

MEDICAMENTOS: Caixa não paga mais de metade

A comparticipação das «Caixas de Previdência» nas despesas efectuadas com medicamentos volta a dar «guerra», desta vez com os cortes (mais de metade) efectuados pelo Ministério da Saúde sobre uma lista de novos medicamentos proposta pela Apifarma, associação empresarial do sector. Os protestos não tardaram, juntando-se ao coro dos «beneficiários» que já se sentem sistematicamente lesados pelos critérios em vigor.

Pág. 24

FC Porto - Real Madrid renderá 300 mil contos

Em directo ou em diferido a RTP transmitirá o jogo

Naturalmente que o encontro entre o F C do Porto e o Real Madrid é o acontecimento que domina as atenções, mau-grado a simultaneidade de trinta e um confrontos entre as principais equipas do futebol europeu. Quanto à transmissão do jogo para Portugal, apenas uma certeza — será transmitido... em directo ou em diferido. Pág.16

ALL STAR CONVERSE

Com o Benfica na Europa

ECONOMIA

«Hiper» e «super» mercados: expansão provoca protesto de PME's

Pág.14

Henrique Constantino (Márconi)

Marconi: enquanto não investe vai jogando na Bolsa

Pág.15

O exemplo da BP: privatizações em causa

Pág.15

jornadas de desenvolvimento do concelho

"GERIR O MUNICÍPIO COM A PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO"

PAINEL

Grandes Questões ? Que Soluções ?

6 de Novembro
21,30 h
Salão do Arquivo Municipal

INTERVENÇÕES

SECRETARIADO PERMANENTE: Apresentação/Objectivos do Painel

Secção 1 - Daniel Branco
Secção 2 - J. A. Carmo
Secção 3 - Carlos Félix
Secção 4 - Rui Brioso
Secção 5 - Artur Bértolo

22,45 h - ABERTURA A QUESTÕES QUE QUISEREM COLOCAR PARA ESCLARECER POSIÇÕES DEFINIDAS

MUNICÍPIO DE VILA FRANCA DE XIRA

MUNICÍPIO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA «FORNECIMENTO DE PEÇAS PARA OS VEÍCULOS RENAULT-PESADOS DA FROTA MUNICIPAL, PELO PERÍODO DE UM ANO».

ANÚNCIO N.º 128/87

1 — Concurso público promovido pela Câmara Municipal de Lisboa — Direcção dos Serviços de Salubridade e Transportes — Av.ª 24 de Julho, 171-C — Lisboa — Telefone 60 69 58

2 — Concurso Público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei 235/86, de 18 de Agosto.

3 — CONCURSO PÚBLICO PARA «FORNECIMENTO DE PEÇAS PARA OS VEÍCULOS RENAULT-PESADOS DA FROTA MUNICIPAL, PELO PERÍODO DE UM ANO».

4 — Prazo de entrega — As entregas serão feitas de harmonia com as necessidade da CML, mediante requisição.

5 — a) — O programa de concurso e caderno de encargos podem ser examinados na Direcção dos Serviços de Salubridade e Transportes e na Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, sitas na Av.ª 24 de Julho, 171-C — Lisboa, dentro das horas de expediente.

b) — Podem ser solicitadas cópias à Direcção de Serviços mencionada no n.º 1, até oito dias antes da data fixada para a entrega das propostas mediante o pagamento de 350$00.

6 — a) — As propostas deverão ser apresentadas até às 17.30 horas do 20.º dia contado a partir do dia seguinte à data da publicação deste anúncio no «Diário da República».

b) — A sua entrega far-se-á na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, sita na Av.ª 24 de Julho, 171-C LISBOA.

c) — As propostas deverão ser redigidas em português e não incluirão o IVA.

7 — a) — Poderão intervir no acto público do concurso representantes devidamente mandatatos para o efeito.

b) — O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 6 b), a partir das 15.00 horas, do dia útil seguinte ao da entrega das propostas.

8 — A caução é de 5 % do valor total da adjudicação, a prestar no prazo de dez dias, após a data da recepção da comunicação da adjudicação.

9 — A adjudicação será feita à proposta considerada mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios:

— preço;
— prazo de entrega;
— qualidade;
— garantia e assistência técnica.

Paços do Concelho de Lisboa, 1987/10/13

O VEREADOR,
Pedro José Del-Negro Feist

Em alternativa à actual direcção

LISTA DA JUVENTUDE CENTRISTA QUER REGRESSO DE FREITAS

Uma candidatura alternativa à actual direcção da Juventude Centrista (JC), apresentada ontem em Lisboa, vai defender o regresso de Freitas do Amaral à direcção do CDS no próximo congresso desta organização a realizar de 20 a 22 de Novembro, na Figueira da Foz.

Com uma moção de estratégia intitulada «Direito ao futuro», estes jovens democratas–cristãos salientam que a JC «é hoje uma organização ultrapassada» e defendem «menos dirigismo central e mais decisão à escala humana».

Um dos promotores da candidatura, José Segarra, disse que a sua lista mantém «uma posição crítica em relação à actual direcção do partido» e quer «sentar–se à mesa com Freitas do Amaral para discutir aspectos fundamentais da organização do partido, actualmente pouco operante».

Em conferência de Imprensa foram apresentados um manifesto e uma alteração de estatutos da JC a levar ao Congresso.

Um outro aspecto defendido nesta candidatura alternativa refere–se à representatividade nos orgãos dirigentes dos grupos estudantis, sócio–profissionais e, sobretudo, autárquicos. Para tal, preconiza–se o reforço do poder das estruturas locais nos orgãos executivos nacionais da JC e convida–se os «militantes afastados» a regressar ao partido, sobretudo «os fundadores e ex–dirigentes, com destaque para Freitas do Amaral».

No manifesto, os subscritores da moção sublinham que a JC «está ultrapassada pela forma como faz política, pela ausência de participação, pelo centralismo asfixiante, pela ausência de ambição colectiva, pelos conflitos pré–históricos com que se debate no seu seio e ausência de liderança».

O documento introduz o referendo «como via de decisão» e «alarga–se a participação das estruturas locais nos orgãos nacionais».

Na confereência de Imprensa estiveram presentes representantes de estruturas da JC do norte (Eurico Alves), centro (Luís Caetano) e do sul (José Segarra).

A actual direcção da Juventude Centrista é presidida por Manuel Monteiro que deverá apresentar também uma outra moção de estratégia no congresso da Figueira da Foz.

Conselho de Estado

Representantes do Parlamento são eleitos amanhã

A Assembleia da República vai eleger amanhã os seus cinco representantes no Conselho de Estado. O número de deputados de que o PSD dispõe nas bancadas de S. Bento permitir–lhe–á eleger quatro conselheiros, isto para além do próprio Cavaco Silva que faz parte do Conselho por inerência do cargo que ocupa enquanto Primeiro Ministro. Assim sendo, a Oposição ficará apenas representada por Vitor Constâncio, secretário–geral do Partido Socialista, visto não ser previsível que qualquer um dos outros partidos consiga fazer eleger algum dos seus candidatos.

À hora do fecho desta edição, a maioria dos partidos estavam a discutir as suas listas de candidatos, mas o PSD e o PCPjá têm os seus designados. Pelos sociais–democratas apresentam–se: Eurico de Melo, Leonardo Ribeiro de Almeida, Barbosa de Melo e Brochado Coelho; o elenco a apresentar pelos comunistas integra Álvaro Cunhal, José Vitoriano, Carlos Costa, Joaquim Gomes e José Manuel Maia.

Vitor Constâncio, António Macedo, Tito de Morais, Jorge Sampaio e Ferraz de Abreu são os candidatos apresentados pela direcção do Partido Socialista, elenco que deverá ser esta tarde ratificado em última instância pelo respectivo grupo parlamentar.

O Conselho de Estado é um orgão de consulta do Presidente da República que a ele preside. Além dos representantes do Parlamento, também o integram, por inerência, o Primeiro Ministro, os presidentes da Assembleia da República, das regiões autónomas, do Tribunal Constitucional, do Supremo Tribunal de Justiça e o Provedor de Justiça.

Finalmente, compõem este orgão cinco cidadãos escolhidos pelo Presidente da República e os Presidentes da República eleitos depois de 25 de Abril de 1974.

Conferência de líderes

A conferência de líderes parlamentares decidiu ontem que os projectos de revisão constitucional terão de dar entrada na Mesa da Assembleia até às 18 horas do dia 16 do corrente.

Esta tarde a sessão plenária do Parlamento reunir–se–á apenas para tratar temas do período antes da ordem do dia já que não há projectos ou propostas de diplomas em condições de serem debatidos. O restante período de trabalhos será preenchido com reuniões das comissões especializadas.

Entretanto, entrou ontem em funções o novo secretário–geral do Parlamento, Simões Alberto, que substitui no cargo Maria do Carmo Romão.

Parlamento madeirense debate revisão constitucional

A Assembleia Regional da Madeira tem hoje perante si um projecto de revisão constitucional em que o PSD local apresenta as matérias consideradas de necessária adaptação ao actual estágio do processo autonómico.

O Presidente da Comissão Política do PSD na Madeira, Alberto João Jardim, distribuiu ontem um comunicado em que salienta que tal Projecto «pretende esclarecer àcerca de como os portugueses desta região autonoma desejam a sua inserção na Comunidade Nacional».

O Projecto baseia–se no artigo 229 da Constituição Portuguesa, que possibilita às regiões autonómas pronunciar–se sobre as questões que sejam da competência dos órgãos de soberania mas lhes digam respeito.

As estruturas madeirenses do PSD desejam a extinção do cargo de Ministro da República, «porque está ultrapassda a fase de instalação e arranque das autonomias regionais».

Consideram que os cargos de Ministro da República — um para a Madeira e outro para os Açores — «vêm implicando despesas e encargos disponíveis à Nação e burocratizam, por acréscimo, a administração pública».

Segundo a proposta, quem nomeará o presidente e restantes membros do Governo Regional e quem assinará os decretos regionais, com direito a veto, será o Presidente da República. À semelhança do que acontece nas Canárias, a proposta madeirense pretende que o Estado seja representado nas regiões pelos Presidentes dos Governos Regionais, podendo estes participar nas reuniões do Conselho de Ministros e coordenar as funções administrativas exercidas pelo Estado com as da própria região. O projecto também admite que os Governos das Regiões Autónomas possam legislar mediante autorização da Assembleia Legislativa, à semelhança do Governo da República.

"Júpiter/87" terminou encontro com autarcas

O exercício militar «Jupiter/87», que durante uma semana decorreu perto de Chança, no concelho de Alter do Chão, terminou ontem, tendo abrangido os concelhos de Alter do Chão, Arronches, Crato, Fronteira e Portalegre.

Numa cerimónia presidida pelo brigadeiro François Martins, Comandante do Corpo de Tropas Paraquedistas, e em que participaram 1.500 homens em parada, foram entregues diplomas a 120 reservistas chamados para este exercício, atestando a sua participação. Dirigindo–se aos militares em parada, o brigadeiro François Martins salientou a maneira disciplinada e empenhada como os soldados se comportam, bem como a competência demonstrada pelos quadros, levando-o a considerar ter sido um «exercício execelente, sem problemas de maior». O Comandante do Corpo de Tropas Para-quedistas deu um «briefing» em que estiveram alguns convidados, como o Governador Civil de Portalegre e os Presidentes das Câmaras da área onde se desenvolveu o exercício.

Na oportunidade, o brigadeiro François Martins agradeceu a todo o povo do distrito de Portalegre «a forma simpática e acolhedora como recebeu os militares e aceitou o exercício», testemunhando as suas palavras com a oferta ao Governador Civil de uma réplica em miniatura do monumento aos mortos em combate existente na Escola–Base, em Tancos, o maior galardão, disse, que a Escola de Para-quedistas pode oferecer.

O Governador Cívil agradeceu a oferta, em nome do povo do distrito, frisando que se honrava muito com a presença das tropas para-quedistas em exercício no distrito, regozijando–se pela maneira digna como se comportaram, o que demonstra a sua disciplina e grau de preparação.

Paz, com data marcada

Está marcada a data do encontro de Ronald Reagan e Mikhail Gorbatchov. No dia 7 de Dezembro – se tudo se passar como se prevê –, o Presidente dos USA e o secretário-geral do PCUS vão dar um passo importante para a criação de uma perspectiva de Paz. Não queremos reduzir o significado do acontecimento, nem desconhecer o alcance relativo das negociações em curso e do acordo para que se encaminham as duas grandes potências militares, mas importa estarmos conscientes de que se trata de um primeiro passo.

As séries de mísseis que serão destruídas nos termos do acordo, cuja negociação se arrastou ao longo de meses e meses, são apenas uma pequena parcela dos arsenais nucleares existentes. E não estará excluído – antes são conhecidas as intenções nesse sentido –, que o desarmamento nuclear dê lugar, e incentivo, a um recrudescimento da produção e da inovação no plano dos armamentos clássicos.

Afastada, relativamente, a ameaça das agressões e das retaliações nucleares, a possibilidade de ser procurada uma compensação no plano dos armamentos clássicos ganha, nos meios militares dos Estados Unidos e da NATO, numerosos adeptos. E o diálogo entre os USA e a URSS, se constitui um aspecto fundamental para um real desanuviamento e uma perspectiva de paz universal, não é, todavia, a paz geral e verdadeira. Na América Latina, no Médio Oriente, na Ásia, na África, as situações de guerra eternizam-se e são graves. Em particular o longo e sangrento conflito entre o Irão e o Iraque com repercussão na situação de confronto, realmente explosiva, no Golfo. Para Portugal, os conflitos do Médio Oriente e os problemas da África Austral, são especialmente preocupantes. Deles não podemos alhear-nos, nem às suas consequências poderemos ser indiferentes. Uns, mesmo que só por questões de trânsito, outros porque envolvem interesses nacionais, exigem que lhes prestemos atenção, que nos empenhemos em encontrar soluções. A nossa segurança aconselha uma política de paz. Mais uma razão para saudarmos o acordo entre Reagan e Gorbatchov, e para que levemos a nossa voz, com a força que advém da argumentação lúcida, às assembleias e conselhos da NATO, defendendo a decisão sensata de não substituir a redução dos arsenais nucleares por uma política de corrida aos armamentos clássicos.

As conversações do próximo dia 7 de Dezembro entre Gorbatchov e Reagan espera-se que tenham por conclusão um instrumento diplomático firmado pela URSS e pelos Estados Unidos, que determine a eliminação de 2000 ogivas nucleares. É positivo e importante. Não se esqueça, todavia, que existem no mundo cerca de 50 000 ogivas nucleares e que o tratado não terá, segundo a informação de que dispomos, aplicação quanto à maioria dos vectores nucleares operacionais no teatro europeu (mísseis embarcados em navios de superfície, submarinos, aviões norte-americanos estacionados na Europa, forças nucleares da Grã-Bretanha e da França). A 7 de Dezembro não teremos a garantia da Paz, teremos a abertura de um caminho para a Paz.

Repetimos: estas notas pretendem caracterizar o encontro de Ronald Reagan e Mikhail Gorbatchov, defini-lo no plano das relações entre as duas grandes potências militares, delimitar as imediatas consequências. Mas, de modo algum, se pretende minimizar um acontecimento político de primeira grandeza e que representa um passo importantíssimo para o desarmamento real e a Paz.

No dia 28 de Outubro, discursando na Academia Militar de West Point, o Presidente Ronald Reagan afirmava: «Tenho muita satisfação em dizer que o acordo que temos para breve se baseia na proposta que os EUA, após consultas com os nossos aliados, apresentaram pela primeira vez em 1981 – a opção zero. A opção zero pura e simplesmente apela à eliminação de toda uma classe de mísseis INF americanos e soviéticos. Ao abrigo deste acordo, os soviéticos serão obrigados a retirar quatro vezes mais ogivas do que os Estados Unidos. Além disso, os soviéticos terão de destruir não só toda a sua força de SS-20 e SS-4, mas também os seus mísseis balísticos de curto alcance, os SS-12 e os SS-32. Como disse, todas estas categorias de mísseis serão eliminadas.»

Estas palavras são uma confirmação da proximidade de um acordo, mas revelam uma atitude preocupada com a superioridade militar que poderá, eventualmente, impelir o inamistoso confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética para outros domínios.

Discursando em Moscovo, no dia 1 de Novembro, Mikhail Gorbatchov disse que os encontros de Genebra e de Reiquejavique tinham conduzido a um acordo sobre a liquidação dos mísseis nucleares de médio alcance e táctico-operacionais, que a nova cimeira soviético-americana era a comprovação de perspectivas de uma nova mentalidade nas relações internacionais.

Ambos falam da Paz, ambos falam do acordo, mas o tema comum dos discursos não esconde a diferença das posições. Razão suplementar para que o diálogo deva prosseguir, e as iniciativas, as negociações, os acordos, ainda que parciais e relativos, se devam multiplicar.

Afrontam-se no mundo duas atitudes no plano das relações internacionais: a atitude daqueles que as concebem segundo uma perspectiva de paz e a daqueles que as concebem segundo uma perspectiva de guerra, de preparação para guerras inevitáveis. Esta perspectiva de guerra conduz a uma «dinâmica armamentista» com todas as suas implicações políticas e consequências económicas e financeiras.

No caso português, e em parte devido às dificuldades económicas, aos custos de uma política de desenvolvimento, aceita-se o argumento de «valorização geoestratégica» do território nacional, para retirar vantagens materiais. Todavia, é demasiado claro que os acordos relativos às bases (Lajes, Beja), e infra-estruturas, campos de manobras ou de tiro, estações de reabastecimento, são directa, ou indirectamente, prejudiciais para a segurança de Portugal e dos portugueses. São condicionantes da nossa política de País soberano e independente.

Decisão de Nino Vieira altera situação

Libertação de pesqueiros em Bissau foi tema da reunião do Executivo

A inesperada libertação dos seis pesqueiros portugueses, ordenada a noite passada em Bissau pelo Presidente Nino Vieira, foi tema da reunião desta manhã do Conselho de Ministros, admitindo-se que o Executivo possa rever a sua decisão, de quinta-feira passada, de suspensão das relações de cooperação luso-guienenses.

A decisão do Presidente da Guiné-Bissau seguiu-se a uma troca de mensagens com o seu homólogo português, Mário Soares, que terá intercedido junto de Nino Vieira no sentido do desbloqueamento rápido da situação. A ordem de libertação foi transmitida ao representante dos armadores portugueses em Bissau pelo chefe de operações da Armada guienense, primeiro-tenente Feliciano Gomes.

Os capitães dos barcos aguardavam esta manhã instruções dos seus armadores para zarparem do porto de Bissau e continuarem a faina, à excepção do «Foz do Mondego» que regressa a Portugal por ter terminado já a sua campanha.

Entretanto, e dado que a decisão presidencial não anula a continuação do processo judicial, os armadores mantêm a decisão de interpôr recurso da sentença, pelo que instruíram o seu representante em Bissau para continuar as diligências nesse sentido.

MNE reuniu com armadores

No final da reunião de ontem, nas Necessidades, entre o ministro João de Deus Pinheiro(acompanhado pelo Secretário de Estado, Durão Barroso) e os armadores dos barcos apresados, o titular do MNE defendeu a posição do Executivo de suspender as relações com Bissau como a «mais correcta».

«Não é legítimo que os armadores tenham sido condenados ao pagamento de pesadas multas devido a não terem cumprido, por razões de ordem puramente técnica, uma determinação regulamentar», considerou o ministro, para acrescentar que o Governo vai continuar «a apoiar os armadores em tudo o que for necessário, inclusive se decidirem recorrer a instâncias comunitárias».

França da Morte, o principal armador presente na reunião, considerou não ter havido culpa dos capitães dos barcos, e responsabilizou as autoridades guienenses por terem escolhido uma frequência de transmissão «muito baixa» que não podia ser ouvida pelas embarcações portuguesas.

PRESIDÊNCIA DA

SOARES DEIXA NO CIBORRO

Augusto Vilela
Enviado especial

«Fizeram aqui um esforço extraordinário. Não pode ser inútil». Foi com estas palavras que Mário Soares se despediu ontem dos trabalhadores da Cooperativa Agrícola do Ciborro, deixando-lhes uma mensagem de justificada confiança, depois de ter percorrido uma parte importante das terras transformadas pelos 210 cooperantes. Pisou a terra enlameada, viu gado, culturas e floresta e viu duas barragens que dão vida às sementeiras e constituem um exemplo de como, com muito sacrifício e determinação, se pode transformar a terra seca em regadio, como se podem desmentir os relatórios de técnicos do Ministério da Agricultura, que haviam considerado aquela cooperativa inviável. E até o secretário de Estado da Agricultura não pôde ficar indiferente. Num discurso algo inesperado, acabou por reconhecer a validade do que lhe fora dado presenciar e deixar ali «a sua disponibilidade para com a Cooperativa Agrícola do Ciborro, como aliás para com todas as cooperativas do País que queiram colaborar com o Governo para darmos o grande salto da agricultura portuguesa».

O problema da Reforma Agrária, que é, como já temos referido, a grande questão que se coloca ao futuro do Alentejo, foi, pela primeira vez nesta visita presidencial, encarado com a objectividade que permite o contacto com a realidade das coisas. Porque, como aliás o Presidente da República diria aos trabalhadores durante o almoço que estes lhe ofereceram, «uma coisa é fazer uma ideia através dos relatórios que nos chegam e outra é pisar a terra, falar com as pessoas».

«Como sabem, dadas as funçõesa que desempenhei, muitas vezes ouvi falar da Cooperativa do Ciborro e tinha uma impressão sobre ela. Mas posso dizer-lhes que hoje, depois desta visita, aprendi muita coisa. O Ciborro, digo-vos de uma maneira muito directa, mas muito sincera, tem um amigo no Presidente da República. Fizeram aqui um esforço extraordinário. Não pode ser inútil.»

Soares referiu-se com admiração ao trabalho feito pelos cooperantes, construindo barragens, transformando as terras secas em regadio.

Falou-lhes do desenvolvimento que é preciso para o Alentejo e para o País, única forma de produzir riqueza, mas salientou que o desenvolvimento só por si não basta.

«Sabemos que em certos sítios se pode aumentar o Produto Nacional, mas, depois, esse rendimento é só para alguns, não é para todos. Nós queremos explorar as terras portuguesas, mas em benefício de todos e não só de alguns».

Uma criança leu-lhe uma mensagem, queixando-se de que a escola é pequena para todos, que no Ciborro devia haver uma creche e lares para os idosos, que deveriam ter médico todos os dias e que nem todas as casas têm água e electricidade. Isto foi pretexto para uma referência de Mário Soares àquilo que o 25 de Abril trouxe aos portugueses.

«O que mais me impressionou foi justamente ver que as crianças do Ciborro, de 12 ou 13 anos, depois do 25 de Abril, vestem-se da mesma maneira, comem da mesma maneira que as outras crianças portuguesas. E isso não era assim antes do 25 de Abril. Aqueles que são mais velhos e que aqui vivem sabem que isso foi uma conquista do 25 de Abril».

Considerando importantes os partidos, e as lutas que travam entre si, «porque é dessa dinâmica que surge o progresso», Soares disse, quase no final da sua intervenção, que é preciso que os portugueses, independentemente das suas convicções políticas, ou das suas crenças, saibam respeitar-se uns aos outros, sentar-se à mesma mesa, sem abdicarem das suas ideias, para se porem de acordo no essencial, e que esse essencial é o desenvolvimento do País.

«Gostei muito de cá estar, disse à despedida. Continuem a trabalhar, tenham esperança, mantenham as vossas ideias e as vossa convicções.»

Um parecer inviável

A Cooperativa Agrícola do Ciborro, nasceu em Agosto de 1985, quando só trabalhadores da aldeia, vendo-se desempregados e as terras por cultivar, decidiram ocupá-las com o objectivo de fundar uma cooperativa.

No princípio eram cerca de 9000 hectares de terra, na maior parte inculta, sem água para gados e regadios, sem máquinas e sem gados e sem dinheiro para pagar os salários dos 442 trabalhadores que iniciaram a cooperativa, que foi reconhecida, em 31 de Outubro de 1975, por despacho do secretário de Estado da Estruturação Agrária.

Os sacrifícios dos cooperantes foram muitos. Sem acesso ao crédito, para fazer face a despesas inadiáveis, recorreram ao empréstimo das economias dos cooperantes e decidiram que durante o tempo necessário, ninguém levantaria mais do que a parte do ordenado indispensável para uma vida de subsistência modesta.

Para além dos tractores e das numerosas alfaias agrícolas, compraram duas pequenas propriedades, fizeram grandes investimentos em gado, em limpeza de terrenos, pastagens melhoradas, construções, regularização de cursos de água, adaptação de terrenos de regadio, etc.

No respeitante ao aproveitamento de água das chuvas, para além da construção e reconstrução de pequenos açudes para bebedouros para o gado, construíram duas barragens, uma com capacidade de cerca de 750 000 metros cúbicos e outra com a capacidade de 4 500 000 metros cúbicos. Estas reservas permitiram aumentar os efectivos pecuários e transformar uma zona seca e agreste de 500 hectares, numa terra que hoje produz milho, tomate, girassol, pimentão, tabaco, arroz e outras culturas, e emprega 60 por cento da mão-de-obra da cooperativa durante sete meses.

O processo de entrega de reservas fez com que, de 8877 hectares em 1976, a Cooperativa do Ciborro esteja hoje reduzida a 4711. E, no entanto, de um volume de vendas de pouco mais de 20 mil contos, em 1976, passou para cerca de 260 mil, em 1986.

Ainda durante este período são bem significativos os números que respeitam só aos efectivos pecuários: o número de vacas de carne passou de 100 para 290, as ovelhas e novilhos de carne de 39 para 2591, as vacas turinas de zero para 277.

Tudo isto foi conseguido com metade da mão-de-obra e com a área da exploração também reduzida a metade.

E, no entanto, um relatório elaborado por técnicos do Ministério da Agricultura, considerava esta cooperativa «inviável».

A linguagem dos números prova que «inviável» era o parecer, como «inviáveis» são os técnicos que o elaboraram.

A cooperativa não deixa, no entanto, de expressar o seu reconhecimento a alguns técnicos do Ministério da Agricultura, que contribuíram para os resultados obtidos.

Foi baseado nestas realidades que o presidente da direcção da Cooperativa do Ciborro, perante o Presidente da República, o secretário de Estado da Agricultura e o governador civil de Evora, lembrou que «vítimas de décadas de exploração e humilhação que muitos parecem ter já esquecido, os trabalhadores agrícolas alentejanos, após a revolução libertadora do 25 de Abril, encontraram no modelo cooperativo a forma organizativa mais adequada para promover o bem estar económico e social, prometido pelos capitães e políticos de Abril.»

Admite que o caminho percorrido não tenha sido isento de «erros e incompreensões de que todos somos responsáveis», mas afirma, também, que «os trabalhadores agrícolas e cooperativas de produção agrícola, na sua luta pela sobrevivência, contribuíram para minorar a estagnação económica e social do Alentejo e, nalguns casos, desenvolveram experiências de resultados inegavelmente positivos, que muito bem poderiam ter servido de exemplo para o desenvolvimento do Alentejo».

«As cooperativas de produção agrícola constituem, apesar de todas as vicissitudes, as maiores empregadoras de mão-de-obra da região, pelo que a sua subsistência e continuidade constituem uma necessidade regional, que não pode nem deve ser ignorada.»

Arraiolos em festa

Do Ciborro, Soares seguiu para Arraiolos, onde foi recebido em ambiente de festa, com tapetes nas varandas e a população na rua. É um concelho rural de segunda ordem, com uma população de 9000 habitantes e uma densidade populacional de 9 habitantes por km2, o que equivale a dizer que é praticamente despovoado, se considerarmos a média nacional de 107 habitantes por km2.

Durante alguns anos, o processo da Reforma Agrária, que abrangia inicialmente uma área de 40 000 hectares e dava ocupação permanente a cerca de 1600 trabalhadores agrícolas, permitiu uma melhoria considerável das condições de vida da população. Agora, a situação é preocupante. Diariamente se dirigem pessoas à Câmara procurando trabalho. A juventude começa a abandonar a terra por falta de perssspectivas de futuro. Inicia-se, assim, um novo e dra-

LOTARIA COMEMORATIVA
DO 204º ANIVERSÁRIO
DA LOTARIA NACIONAL

DIA 6 ANDA A RODA

HÁ MAIS DE DOIS SÉCULOS QUE O PREGÃO DA SORTE ECOA E A RODA NÃO PÁRA DE DISTRIBUIR MILHARES E MILHARES A MUITOS E MUITOS PORTUGUESES!

TALUDA 80.000 CONTOS

Habilite-se e Boa Sorte!

MARQUES, OLIVEIRA & SILVA, LIMITADA

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação que, por escritura de 22 de Outubro de 1987, lavrada de folhas 62 verso a 65 verso, do livro número 49-C de escrituras diversas do VIGÉSIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, a cargo da Notária Licenciada em Direito Maria Filomena Marques da Cruz, António Henriques Duarte renunciou à gerência que vinha exercendo na sociedade comercial por quotas com o firma em epígrafe, com sede em Lisboa, na Rua da Horta Seca, n.º 24, freguesia da Encarnação; Olinda dos Anjos Marques Duarte ao deixar de fazer parte da mesma sociedade, autorizou que esta continuasse a usar o apelido «Marques» na firma social. Pela mesma escritura ANTÓNIO HENRIQUES DUARTE, MARIA ISABEL MARQUES DUARTE, MARIA DOS ANJOS MARQUES DUARTE INÊS SIMÕES e JOSÉ ANTÓNIO INÊS SIMÕES como únicos sócios que ficaram sendo da aludida sociedade e de comum acordo alteraram os artigos 1.º, 4.º e 8.º do respectivo contrato de sociedade, os quais passaram a ter a seguinte redacção:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma MARQUES, OLIVEIRA & SILVA, LIMITADA, e tem a sua sede e estabelecimento em Lisboa, na Rua da Horta Seca, número vinte e quatro, freguesia da Encarnação.

QUARTO

O capital social é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de trezentos mil escudos, do sócio António Henriques Duarte; outra de trezentos mil escudos, do sócio José António Inês Simões; outra de duzentos mil escudos, da sócia Maria Isabel Marques Duarte e outra de duzentos mil escudos, da sócia Maria dos Anjos Marques Duarte Inês Simões.

OITAVO

A administração e gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas pela sócia Maria dos Anjos Marques Duarte Inês Simões, que fica nomeada gerente, sem remuneração, salvo se em contrário for deliberado em assembleia geral.

PARÁGRAFO ÚNICO — A sociedade considera-se validamente obrigada nos seus actos e contratos pela assinatura de um gerente, ou pela assinatura de um bastante procurador da sociedade.

Está conforme, Lisboa e Vigésimo Segundo Cartório Notarial, aos vinte e sete de Outubro de mil novecentos e oitenta e sete.

O Terceiro Ajudante
(Assinatura ilegível)

«DL» 3/11/1987

REPÚBLICA NO ALENTEJO

MENSAGEM DE CONFIANÇA

mático ciclo migratório.

Tudo isso foi referido pelo presidente desta Câmara APU, Joaquim Miguel, que disse, na sessão de boas-vindas, ser por isso que a população aguardava, com justa expectativa, que a visita do Presidente da República ajudasse a ultrapassar muitas dificuldades.

Lembrou, por outro lado, que algumas das questões que a Câmara coloca irão estar em foco no processo de revisão constitucional.

«O que o povo do nosso concelho espera é que V. Ex.ª, como garante das liberdades e do regime democrático, assegure a estabilização no processo da Reforma Agrária, a autonomia administrativa e financeira das autarquias locais como valores essenciais do desenvolvimento económico, social e cultural do nosso povo e única forma de fixar a nossa juventude e evitar o envelhecimento do concelho.»

Soares respondeu que tomaria nota das questões que lhe foram referidas. Visitou, depois, o novo Cineteatro de Arraiolos, uma magnífica sala resultante da reconstrução, pela Câmara Municipal, da antiga e degradada sala de espectáculos, obra que custou cerca de 30 000 contos retirados do magro orçamento do município, já que este não contou com quaisquer outras ajudas.

Antes de abandonar Arraiolos, Mário Soares visitou, no Convento dos Loios, uma exposição de artesanato alentejano, organizada em sua honra pela delegação regional do Alentejo do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Este convento, recentemente recuperado pelo Instituto do Património Cultural, fundado em 1527, é um híbrido de manuelino e renascentista. Após a extinção das ordens religiosas, em 1834, foi adquirido por uma família local que lhe fez obras de transformação em quinta de recreio. Os seus descendentes venderam-no ao Estado, em 1983.

Cinco «dossiers» foram entregues pela Câmara Municipal ao Presidente da República, contendo os problemas mais urgentes do concelho.

Um deles refere-se à Cooperativa Agrícola do Divor, com grande peso na economia da região e que esta iniciativa, após a sua desintervenção pelo Governo, em 1985, não acompanhada de nenhuma medida de viabilização.

No concelho, onde não existe indústria, esta unidade, que chegou a empregar 450 trabalhadores, tem um peso importante. No ano passado, o Ministério da Agricultura declarou que ia encontrar uma solução, mas até agora nada foi feito.

Na opinião da Câmara Municipal, a solução do Divor passa pela entrega da empresa aos produtores da região, com a garantia do escoamento da produção, já que existe capacidade de laboração.

Outro problema grave é a produção dos tapetes ditos de Arraiolos, por toda a parte (até no Brasil), e que nada têm a ver com os tapetes genuínos. Está em curso a formação de uma associação de produtores e outras entidades, com o objectivo de defender a sua genuinidade e lutar pela denominação de origem.

Arraiolos criou os seus famosos tapetes, deu-lhes a qualidade reconhecida e estes estão agora a ser fabricados noutros locais, com utilização de técnicas e materiais que degradam a sua imagem de qualidade.

A vila precisa de um museu, adquiriu para isso um edifício mas este está ocupado por particulares e aguarda que o Ministério do Plano emita o necessário despacho para que o imóvel fique livre, dado que é de utilidade pública.

Entretanto, funciona no edifício dos Paços do Concelho uma exposição permanente de tapetes de Arraiolos que é visitada anualmente por 30 a 40 mil pessoas.

Finalmente, a escola do ciclo e secundária é insuficiente. A Câmara já ofereceu um terreno e aguarda agora que o Ministério da Educação avance com as obras, o que permitirá alargar as opções dos alunos dos décimo primeiro e décimo segundo anos.

Jovens querem uma rádio

Apesar de todos os problemas da terra, Arraiolos tem uma população jovem activa e culturalmente interessada. As opções são poucas, mas a imaginação é muita.

A juventude quer uma rádio e «acha que a merece», que é uma forma de dinamização cultural da terra.

São 25 os dinamizadores da ideia, estudantes universitários e do secundário, «de todos os quadrantes políticos» que encontram neste projecto um meio de convivência sadia e um traço de união.

Em Setembro último, numa festa da juventude, fizeram já uma experiência de rádio ao vivo. E resultou tão bem que algumas pessoas vinham perguntar como poderiam sintonizá-los.

«Rádio de cá» é, em princípio, o nome que virá a ter a futura rádio livre de Arraiolos.

Os primeiros passos já foram dados com o aluguer de um moinho para instalação do emissor e dos estúdios. Falta agora conseguir os apoios necessários. Para isso, contam com o apoio da Câmara, do comércio e da população em geral.

«A rádio é o único ponto de união entre nós, jovens», dizem-nos enquanto expõem o projecto. «Aqui não há nada que fazer. Todos os dias vamos pafa o café e chateamo-nos».

O problema é sempre o mesmo nestas terras do Alentejo. Para fixar os jovens, é necessário dar-lhes condições de desenvolvimento cultural e realização profissional, porque espírito de iniciativa não falta.

Antes de regressar a Beja, Mário Soares inaugurou ainda, em Évora, a primeira sociedade de desenvolvimento regional constituída no País — a Sociedade de Desenvolvimento Regional do Alentejo (SODERA) — que integra 184 sócios, entre os quais pessoas colectivas, pertencentes à indústria, comércio e serviços da região.

Foi saudado por Armando Cunha, presidente da assembleia geral da sociedade e antigo colega de advocacia de Mário Soares.

O Presidente da República recordou os passos dados pelo último Governo a que presidiu para a implementação deste tipo de sociedades.

«Está aqui um pólo de desenvolvimento, que espero possa vir a ser posto ao serviço, não só de alguns, mas de toda a população».

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA

ANÚNCIO

CP 208/87 — 2.ª Secção

No dia 27 de Novembro de 1987, às 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de Carta Precatória com o número acima indicado, vindos do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de Torres Vedras e extraídos dos autos de Execução Sumária com o número 32/85 que pela 1.ª Secção corre seus termos e em que é exequente Carlos Bernardes & Filhos, Ld.ª e Executado FIRMINO JOSÉ PLÁCIDO MARTINS, residente em Lagoa-Mafra, há-de ser posto em praça, pela 2.ª vez, para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos autos: Metade indivisa do prédio urbano, sito em Lagoa-Santo Isidoro-Mafra, que o executado possui em compropriedade com outra, que vai à praça pelo valor de 375 000$00.

Mafra, 28 de Outubro de 1987

A Juiz de Direito,
Maria do Rosário Correia de Oliveira

O Escrivão Adjunto,
José António Coelho Carreira

«DL» 3/11/1987

5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

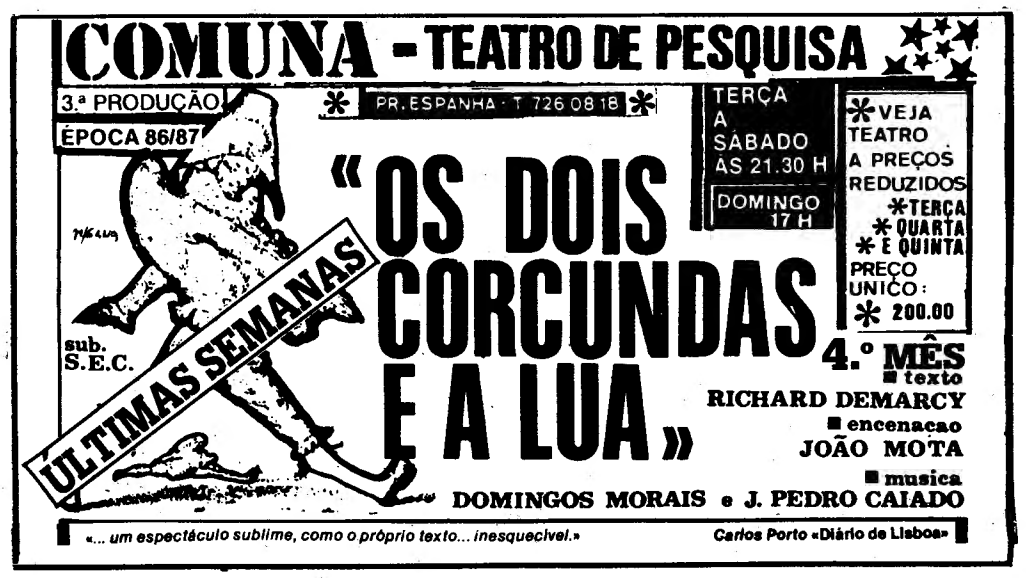
ANÚNCIO

No dia 25 de Novembro de 1987, pelas 10 horas, na 3.ª Secção deste Juízo, na Execução de Sentença n.º 8047-A que «Representações Curticouros, Lda.» movem contra a executada «Erren's Industrial Malas e Confecções, Lda.», com sede no Casal da Fonte, Porto da Paiã, 2675 Odivelas, hão-de ser postos em praça, pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, várias máquinas de costura e outro material para indústria de confecções.
Lisboa, 87/10/26.

O Juiz de Direito
Ilegível

O Escrivão Adjunto
Ilegível

DL 3/11/87 – 1.ª Pub.



«CALÇADA & GOMES, LIMITADA»

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 13 de Outubro de 1987, lavrada de fls. 18 v.º a fls. 20, do livro n.º 22-F, do 24.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria de Lurdes Pinto Damásio, o senhor Manuel de Araújo Calçada, como sócio e gerente da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que gira sob a firma em epígrafe, e com sede na Travessa das Mercês, n.º 2, em Lisboa, renunciando à gerência e autorizando que o seu apelido «Calçada», continuasse a figurar na firma social, cedeu pelo preço de 1 200 000$00 a sua quota de valor nominal de 150 000$00 a Alcino dos Santos Dias da Fonseca.

A sociedade em questão, nomeou como gerente o sócio cessionário Alcino dos Santos Dias da Fonseca.

Está conforme o original.

Lisboa e 24.º Cartório Notarial, 13 de Outubro de 1987

O Ajudante,
Fernando Lopes de Carvalho

«DL» 3/11/1987

Medidas são apenas parciais

ÁREA PROTEGIDA SINTRA-CASCAIS À ESPERA DO PLANO DE ORDENAMENTO

Rui Eduardo Paes

A instituição da área de paisagem protegida Sintra - Cascais proporcionou que naqueles concelhos funcionassem dois dos pouquíssimos pelouros do ambiente que existem no nosso Poder Local. Trata-se, de facto, de uma frente decisiva nas preocupações ambientalistas do Governo, considerando o secretário de Estado do sector que «é mesmo o principal pulmão da área metropolitana a Norte de Lisboa» — aí se encontram em equação, de modo concentrado, os vários interesses económicos da região: o turismo, a urbanização e o jogo, sobretudo. As pressões são muitas e fortes, restando saber que adequações e equilíbrios, ou que derrotas, irá encontrar a política dirigida por Macário Correia.

Aquele responsável governamental começou por nos referir que tipo de investimentos a sua Secretaria de Estado está a dirigir sobre a área de Sintra e de Cascais, resultantes de uma série de constatações de base: os peculiares aspectos históricos, culturais e paisagísticos da serra de Sintra, o facto de se ter constituído ali «um jardim botânico natural» devido ao seu microclima, e de naquele local haver uma estrutura fundiária que «confunde curiosamente a produção alimentar com o lazer».

Em suma, Macário Correia defende que entre Sintra e Cascais se estende um espaço que é «património global de Lisboa», seja das gerações contemporâneas como ainda das que hão-de vir, interessando pois preservá-lo ou revitalizá-lo nas suas melhores feições. A verdade é que, por enquanto, nenhuma acção de fundo está a ser desenvolvida, fundamentalmente porque só agora se encontra em estudo um plano de ordenamento que, a prazo, irá «definir as regras do jogo», para usar a expressão do secretário de Estado do Ambiente.

Cascais vai à frente

E, sendo assim, a comissão instaladora constituída para gerir a área protegida Sintra - Cascais, de que são responsáveis principais os engs. Flor Pereira e Luís Mendes Ferreira, não pode fazer mais do que obstar a que determinadas situações prossigam no seu avanço, como os fogos florestais ou a proliferação de clandestinos. De qualquer modo, é o próprio Macário Correia quem constata que o município de Cascais está mais adiantado quanto a medidas correctivas sentidas na localidade como urgentes.

Se o ataque às construções clandestinas tem sido planeado com rigor em ambos os concelhos da área protegida, já se tendo verificado algumas demolições na Foz do Falcão, no Magoito ou em São Julião, Cascais vai de facto à frente quanto a projectos concretos de mudança ambiental. E é assim que, por exemplo, o lançamento turístico da Quinta da Marinha terá de obedecer às regras firmadas segundo os princípios da preservação do ambiente, que restringem a funcionalidade económica ao turismo e impedem quaisquer infra-estruturas pesadas.

Maurício Barra, vereador do Ambiente da Câmara Municipal de Cascais, referiu-nos, a propósito, as medidas que a edilidade pretende desenvolver para salvar as dunas da Crismina, no Guincho, cuja areia vai avançando empreterivelmente para o interior. «É preciso vedar a área aos jipes e às motos e replantar herbáceas naturais, para reconstruir as dunas», referiu o autarca.

Numa atitude completamente diversa, mas com o mesmo sentido, foi aprovada uma proposta de conservação dos valores da arquitectura tradicional, em termos de materiais e de cores. Na área protegida correspondente a Cascais o social-democrata Maurício Barra revelou ao «DL» a firme intenção do município, para além do mais, em «só permitir a ocupação humana mediante certas regras», o que pressupõe, como aliás nos confirmou, que se está a elaborar um plano de urbanização.

Assim, foi decidido no âmbito da Comissão Instaladora da Área de Paisagem Protegida Sintra-Cascais que «em terrenos onde ocorram incêndios (...) nenhum projecto de construção para a zona ardida é passível de merecer a aprovação da Comissão Instaladora sem que previamente seja aprovado e implementado um plano de arborização».

Continuam os levantamentos em Sintra

Em Sintra, foram recentemente adjudicados o levantamento e estudo das condições existentes que poderão determinar as acções a desenvolver, designadamente «onde se pode construir e onde não se pode», segundo as palavras de Carlos Sifuentes, vereador do Ambiente na Câmara sintrense, também eleito pelo PSD. Só depois, disse-nos aquele responsável autárquico, é que se poderá propor quais serão as zonas de construção interdita e as áreas a proteger.

Para já, o princípio seguido é este: «Deixamos construir, mas com condicionalismos: tudo o que é loteamento deve ter zona de lazer». Operativamente, porém, tem-se conseguido pouco e mesmo as iniciativas contra os clandestinos têm esperado «por estudos de políticas avulsas», disse João Carlos Sifuentes ao repórter do «DL», acrescentando que mesmo o levantamento dos edifícios ilegais esteve parado. Anuncia-se para breve, não obstante, a demolição de 150 fogos não autorizados pela Câmara, espalhados pelo litoral.

É aliás o litoral a principal preocupação dos edis sintrenses: «Cremos que o turismo e o ambiente são conciliáveis, mas não queremos betão armado no litoral», adiantou o vereador. Seja como for, apurámos que num ponto a Câmara Municipal de Sintra está em discordância com a Comissão Instaladora, um organismo dependente da Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais: sobre a caracterização da zona rural sintrense.

Considera Carlos Sifuentes que os critérios aplicados naquela zona rural «não deveriam ser os mesmos que para a serra e para o litoral» de Sintra, porque — defende — «é uma área habitada e com unidades fabris, com um desenvolvimento diferente do litoral». Consequentemente, a Câmara de Sintra estará predisposta, sem dúvida, a impedir, no local, os loteamentos demasiado densos e a construção de grandes fábricas, mas pouco mais do que isso.

O vereador do Ambiente de Sintra insistiu connosco na invocação da sua incapacidade em poder fornecer informações muito concretas sobre o que se irá fazer na região, mas não deixou de nos confiar qual é a sua filosofia de princípio: «O conceito de área protegida não pode ser estático, tipo «não fazer mais nada».

Dois grandes dilemas

Entretanto, grandes dilemas assombram os dois concelhos. Um é a construção da auto-estrada Lisboa-Cscais e Cascais-Sintra, o outro a marina prevista para Cascais. Segundo Maurício Barra, a marina será bem recebida, visto ser uma aspiração com mais de 20 anos, e desde que respeite três condições: que a sua localização esteja de acordo com os critérios da Secretaria de Estado do Ambiente, que não comporte um projecto imobiliário e, finalmente, que todo o processo venha a ser o mais transparente possível, pondo-se tudo em concurso.

Não referiu o vereador um problema maior, nomeadamente no que respeita aos aspectos da hidrodinâmica costeira, que poderão ser nocivos. O «DL» soube que decorre um estudo sobre o assunto, não estando pronto senão daqui por alguns meses.

Quanto à auto-estrada, que passará a norte do Estoril, o autarca de Cascais está convencido que «os problemas irão ser colmatados», apesar de aquela ir atravessar alguns terrenos de boa aptidão agrícola (o que é interdito pela CEE) e de obrigar à implementação de sistemas periféricos de escoamento e, necessariamente, de urbanizações. Está em curso, também, um estudo de impacto ambiental, mas já os grupos ecológicos têm indicado que ele não merece confiança, dado o modo como foi adjudicado pela Câmara Municipal de Lisboa.

João Carlos Sifuentes considerou igualmente a nova auto-estrada uma introdução positiva, mas, disse-nos, «vai obrigar-nos ao dobro das preocupações». Assim como a Câmara de Cascais pôde resolver, comprando a propriedade, o problema que seria passar a via rápida pelo meio daquela que é a última produtora do vinho de Carcavelos, a Quinta do Barão, também se conseguiu em Sintra que a auto-estrada terminasse antes da serra, na zona do Linhó/Malveira da Serra.

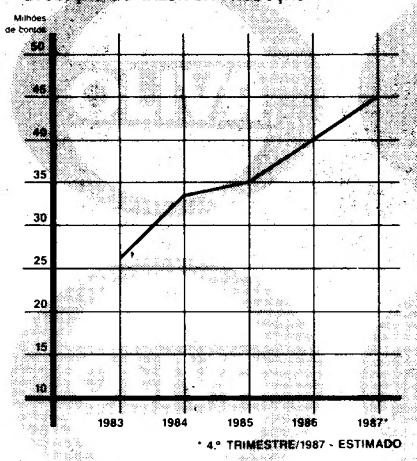
Uma e outra vitórias não são, todavia, condições suficientes para o alívio. Como disse o vereador de Sintra, «é preciso conciliar o inconciliável». O próprio secretário de Estado do Ambiente, instado pelo «DL», defendeu a auto-estrada como «uma decisão política de fundo», embora se dissesse consciente de que «vai com certeza aumentar a pressão urbanística sobre Sintra».

Importa, isso sim — continuou Macário Correia — «que se tomem medidas concretas sobre tal pressão, e depressa, porque já se nota a especulação na aquisição de terrenos». «Não queremos uma segunda Amadora ou Reboleira em Alcabideche e no Cabo da Roca» — acrescentou o governante.

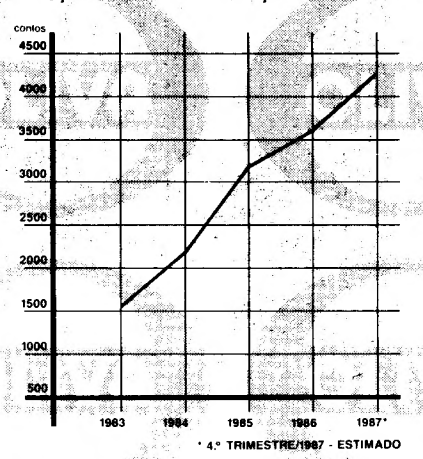
Confiança no Futuro

Indústrias Metalúrgicas, S.A.

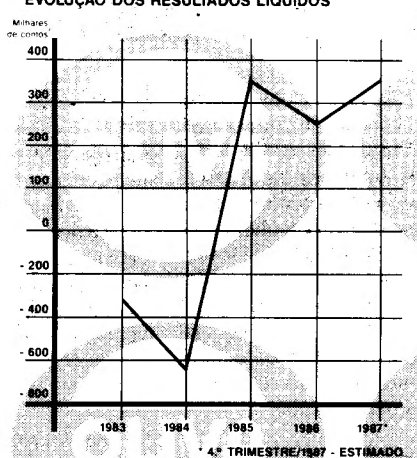
EVOLUÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO



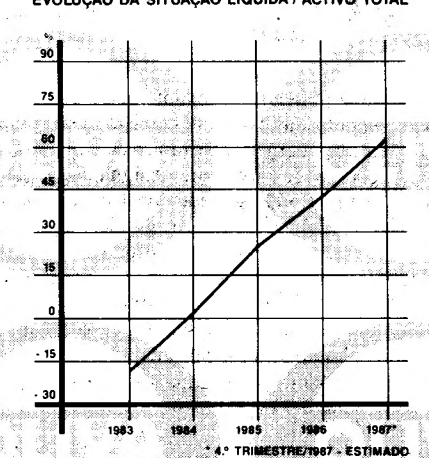
EVOLUÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO/TRABALHADOR



EVOLUÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS



EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO LÍQUIDA / ACTIVO TOTAL



A OLIVA — Indústrias Metalúrgicas, S.A. é a maior empresa, no sector metalúrgico, do Distrito de Aveiro. As suas fábricas estão situadas em S. João da Madeira, ocupando uma área de 130 000 m² e empregam cerca de 1 000 trabalhadores.

A evolução recente da sua situação económica e financeira demonstra uma recuperação muito significativa, com especial relevo no aumento da produção por trabalhador, com acentuado reflexo positivo nos resultados líquidos a partir de 1985.

A realização de resultados positivos, conjuntamente com uma gestão rigorosa dos activos, originou uma consolidação da situação patrimonial, projectando-se o valor da situação líquida em 1987 em cerca de 62% do activo total.

O aumento firme do valor da produção, nos últimos 5 anos, reflecte a consolidação da empresa como líder dos mercados que serve, nomeadamente, tubos de aço para canalizações e outras aplicações, torneiras e aparelhos de queima para combustíveis renováveis.

OLIVA — Indústrias Metalúrgicas, S.A. • Rua da Fundição — 3701 S. João da Madeira
Contribuinte n.º 500206244 • Capital social 1.904.000.000$00 • C.R.C. de S. João da Madeira n.º 78, a fls. 40-L.º C-1

Uma criança de nove anos entre os 35 novos casos deste ano

SIDA JÁ VAI EM 81 CASOS COM 41 VÍTIMAS MORTAIS

O número de casos de SIDA confirmados em Portugal atingiu 81, dos quais 41 já faleceram — informa o Grupo de Trabalho da SIDA, do Instituto Nacional de Saúde, chefiado pela médica Laura Ayres. No seu mais recente relatório trimestral, o GTS revela que entre os 35 novos casos comunicados este ano figura uma criança de nove anos, que passa a ser o português mais jovem vítima da Síndroma de Imunodeficiência Adquirida.

Internada no Hospital de São João do Porto, essa criança hemofílica sofre de toxoplasmose cerebral e de outras infecções oportunistas.

Pelas estatísticas contidas no relatório pode verificar-se que o número de novos casos de SIDA tem vindo a aumentar de ano para ano. Assim até finais de 1985 tinham sido notificados 18 casos mas durante o ano de 1986 surgiram mais 28 casos e este ano, apenas em nove meses (até 30 de Setembro), já surgiram mais 35 casos.

A grande maioria das pessoas atingidas são homossexuais masculinos, entre os 20 e os 49 anos, contra apenas 8 doentes do sexo feminino. Mas a SIDA não atinge apenas homossexuais, pelo que entre os 81 casos conhecidos em Portugal figuram 26 heterossexuais, 8 hemofílicos e 4 toxicodependentes.

Dos 81 casos a maioria (64) residia em Portugal quando se observaram os primeiros sintomas, mas 4 residiam noutro país europeu, 6 residiam em África e 7 noutras partes do mundo, incluindo os Estados Unidos.

O relatório do GTS fornece ainda dados sobre o avanço da SIDA na Europa até 30 de Junho último, verificando-se que no intervalo de um ano o número de casos mais do que duplicou, passando de 3041 para 6882 nos 27 países europeus que fornecem dados à Organização Mundial de Saúde.

As estatísticas internacionais mostram que em cada um dos quatro últimos trimestres o número de novos casos comunicados é duas vezes superior ao número comunicado no trimestre correspondente do ano anterior.

Os países europeus onde a SIDA está a alastrar mais rapidamente, duplicando em cada sete meses, são a Itália, a Áustria e a Espanha, com aumentos trimestrais entre os 30 e os 42 por cento.

Portugal é um dos oito países que acompanham a média europeia de 21 por cento de aumento trimestral, ao lado da Dinamarca, França, Grécia, Holanda, Grã-Bretanha, Suécia e da Suíça. Com um crescimento trimestral de 9 a 13 por cento, ou seja abaixo da média, figuram a Alemanha Federal, a Bélgica e a Noruega, enquanto a Finlândia, a Irlanda e Israel não comunicaram qualquer novo caso nos últimos três meses.

Atendendo ao número total de casos por milhão de habitantes, as taxas de incidência mais elevadas da Europa surgem na Suíça, com 41, na França, com 36 e na Dinamarca, com 34.

O recorde mundial continua a pertencer, de longe, aos Estados Unidos, onde a taxa de incidência atinge os 158 casos por milhão de habitantes.

Com uma taxa de apenas 8 por milhão, Portugal continua a ser um dos países menos afectados na Europa Ocidental.

Estimativas feitas a partir do tempo de duplicação do número de casos permitem prever que até Junho de 1989 haverá 45 000 casos de SIDA nos países da CEE, com destaque para a França, a Espanha e a Itália, que poderão ultrapassar os 10 000 casos cada.

Antecipando essa evolução da epidemia, o governo francês organizou há dias em Paris um simpósio internacional de reflexão sobre a SIDA, a que assistiram representantes de 140 países.

Nesse simpósio foram debatidos os problemas sociais, económicos e jurídicos levantados pela SIDA e a necessidade de intensificar a cooperação internacional como forma de enfrentar esses problemas.

Portugal esteve representado pelas doutoras Laura Ayres e Odete Ferreira.

Identificadas as vítimas do acidente na marginal

A GNR divulgou a identidade dasvítimas do acidente ocorrido ontem de manhã, tal como noticiámos, na curva de Mónaco, quando uma viatura da Marinha de Guerra portuguesa, que seguia em excesso de velocidade, se despistou na Marginal de Cascais, indo abalroar quatro veículos que transitavam em sentido contrário.

A vítima mortal foi Eurico Joaquim Varandas, de 44 anos. Quanto aos feridos são Henriques de Oliveira, de 40 anos, Maria do Céu Charneca, de 23 anos, Rui Eduardo Brito Galvão, de 48 anos, e Joaquim Portas Teixeira, motorista da viatura militar com a patente de cabo, que fracturou a perna direita.

Amílcar Morgado anunciou reforço da PSP nos Açores

O comandante-geral da PSP, general Amílcar Morgado, anunciou ontem em Angra do Heroísmo o reforço dos efectivos nos Açores, onde, disse, «a PSP dispõe de 850 agentes necessitando de mais 200».

Amílcar Morgado iniciou pela ilha Terceira uma visita oficial de quatro dias àquela Região Autónoma, tendo-se encontrado em Angra do Heroísmo com o ministro da República para a região, general Rocha Vieira. A deslocação do comandante-geral da PSP tem como objectivo, ao que referiu, «contactar com os problemas da Polícia nos Açores, entre os quais figura a falta de meios humanos e técnicos e ainda de instalações».

Falhou suicídio no Douro ao atirar-se da Ponte D. Luís

Uma jovem de 29 anos falhou ontem surpreendentemente uma tentativa de suicídio ao saltar para o rio Douro do tabuleiro superior da ponte D. Luís, no Porto, sofrendo apenas um ligeiro achatamento da quarta vértebra lombar.

Os médicos que a assistiram no Hospital de S. João pensam que para a que a queda não tivesse sido fatal se conjugaram vários factores, como sejam a velocidade do vento, a protecção das sais da jovem que funcionaram como pára-quedas e o ângulo «muito especial» da entrada nas águas.

No Tribunal Criminal de Águeda

Quatro jovens julgados por assassínio de gasolineiro

Quatro jovens indiciados no assalto à estação de serviço da «Shell» em Águeda começaram ontem a ser julgados no tribunal da comarca. Da acção, perpetrada em 8 de Outubro de 1986, resultou a morte a tiro do gasolineiro, Ricardo Figueiredo Marques, de 34 anos, que, no momento, se encontrava a contar o dinheiro angariado nesse dia. Os réus são Ezequiel Fausto Ribeiro, de 20 anos, Marília Oliveira Dias, de 17 anos, Luís Paulo e João Carlos.

Sobre Ezequiel Ribeiro pendem as acusações de homicídio qualificado, dois roubos (na «Shell» e na estação de Mogofores), um furto (nas bombas da «Galp» em Mourisca do Vouga), tráfico de droga, desobediência, falsificação de documentos (a matrícula do veículo utilizado foi falsificada), e ainda de compra de arma proibida. Marília Dias é acusada de ter cometido dois roubos qualificados, um furto e falsificação de documentos. Quanto a Luís Paulo e João Carlos são acusados, respectivamente, da autoria de um roubo, falsificação de documentos e furto de veículo, e de cumplicidade na compra de arma proibida.

Ezequiel Ribeiro incorre numa pena até 20 anos de prisão, Marília Dias, até 18 anos, Luís Paulo, também até 18 anos, e João Carlos, numa pena até três anos.

"Jackpot" de 11 724 contos no Casino Estoril

Com apenas 75 escudos, um cidadão de Timor ganhou 11 724 contos numa das «slot machines» instalada no Casino Estoril, naquele que foi considerado um maior «jackpot» de sempre na história dos casinos portugueses.

Este «jackpot» aconteceu apenas três semanas após a instalação no local de dois novos grupos de «slot machines» ligadas a computadores do último modelo que o Casino Estoril importou dos EUA para equipar a sua nova sala de máquinas automáticas, agora ampliada e totalmente redecorada.

Foi numa destas «slot machines» que um cidadão timorense ganhou 11 724 contos

Escriturária matou o marido em Matosinhos

Uma escrituaria, Maria da Conceição Sousa, de 26 anos, matou o marido em Matosinhos, afirmando que agiu em legítima defesa, dado que este a pretendia agredir e ameaçava há tempos retirar-lhe a filha de ambos.

A homicida golpeou o marido, António de Sousa Azevedo, de 30 anos, desempregado, com uma faca de cozinha, atingindo-o no peito e no pescoço, após o que se foi entregar à PSP.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

P — *Boa tarde. O senhor pode mostrar-me o certificado?*
Cidadão — *Qual certificado?*

P — *O certificado da CEE, homem de Deus! É parvo ou está a fazer-se?*

C — *Se eu me estivesse a fazer, era comigo. Agora que me façam...*

P — *Mau, mau! De duas uma, e deixemo-nos de relambório: ou o senhor me mostra o certificado...*
C — *O senhor guarda, não me peça isso tão alto, já está toda a gente a olhar para nós.*

P — *E a mim que me há-de importar! Ou me mostra o certificado ou vai comigo para a esquadra.*

C — *Esta é muito boa! Está um cidadão descansado da vida e acontece-lhe uma destas logo pela manhã!*

P — *Escusa de falar para a galeria que isso para mim não pega. O senhor olhe-me para esta areia toda suja, são papéis e latas por todo o lado.*

C — *Que culpa tenho eu?*
P — *Olhe-me para este mar. Chama a isto mar?*

C — *Quando eu aprendi chamavam-lhe Atlântico.*

P — *Podem chamar-lhe o que quiserem, isto para mim o que é, é um cano de esgoto. Veja-me ali as porcarias a boiar!*

C — *Tem razão, senhor guarda, é repugnante. Nem sei como há pessoas que se atrevem a tomar banho.*

P — *Você ainda tem o descaramente de falar assim?*

C — *Acho que sobre isto ainda posso dar a minha opinião. Ou não posso?*

P — *Não se trata disso, homem. Trata-se de apurar responsabilidades.*

C — *Estou pronto a colaborar.*

P — *Repito: mostre-me o certificado da CEE.*

C — *Está bem. Eu mostro-lho. Mas qual certificado?*

P — *Mau, Maria! Vamos lá a saber uma coisa para nosso governo. O senhor é ou não é o concessionário desta praia?*

C — *Sou, sim senhor.*

P — *Óptimo. Tem ou não tem ali uma bandeira azul? Logo, o que eu lhe peço é o certificado da CEE que lhe permite ter a bandeira azul. Mais nada.*

C — *O senhor guarda, tenho aquela bandeira ali porque sou sócio do Belenenses!*

P — *Cum raio! Muitas praias têm os sócios do Belenenses!*

A propósito do centenário das grandes obras

PORTO DE LISBOA: IGUAL A SI PRÓPRIO MAS AQUÉM DOS ANOS SESSENTA

«Pequeno, negro e claro, um paquete entrando vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira». A cena descrita por Fernando Pessoa repete-se hoje, em média, uma dúzia de vezes por dia no porto de Lisboa — não propriamente com paquetes, mas com os novos protagonistas da «Ode Marítima»: petroleiros, porta-contentores e outro tipo de cargueiros.

Números divulgados agora por ocasião do centenário do início das grandes obras do porto de Lisboa indicam que nos primeiros quatro meses deste ano entraram no estuário do Tejo 1361 navios, cerca de um terço dos quais com bandeira da Alemanha Federal, Panamá e Chipre.

A manter-se este ritmo, o número de navios entrados até ao fim de 1987 não será muito diferente do movimento do ano passado (cerca de 4700 navios), mas continuará bastante aquém dos mais de oito mil navios referidos nos balanços dos anos sessenta.

No entanto, o volume das mercadorias carregadas e descarregadas tem vindo continuamente a aumentar, e este ano, segundo as previsões da Administração do Porto de Lisboa, deverá ultrapassar, pela primeira vez, os 16 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 15 por cento relativamente a 1986.

Quanto ao número de passageiros, as estatísticas do porto de Lisboa referentes aos quatro primeiros meses de 1987 indicam apenas 15 321 — 5330 dos quais soviéticos — quase todos em trânsito.

Vêm em cruzeiros, por uma breve escala, e não chegam sequer a ver os painéis de Almada Negreiros que decoram as gares marítimas de Alcântara e Rocha Conde de Óbidos.

Abertas agora sobre uma pista de alcatrão apinhada de contentores, as gares marítimas, construídas no início dos anos quarenta, parecem hoje edifícios mortos, ou simples memória de um outro tempo.

Queda brutal

Encerrado o «Ciclo do Império», o número total de passageiros embarcados e desembarcados decaiu fortemente de um patamar onde figurava com cotas próximas dos 130 000 por ano — que estava praticamente estabilizado desde a década de 50 — para números agora em torno dos 4000» — disse o presidente da Administração do Porto de Lisboa, Alfredo Conceição Rodrigues, na sessão solene comemorativa do centenário do início das grandes obras do porto de Lisboa.

«As gares marítimas de passageiros perderam, assim, a importância que detinham e teremos que encontrar para elas solução adequada» — acrescentou.

«Cais da Europa» ou «Porta ocidental da Europa», como tem sido frequentemente designado, o estuário do Tejo deslumbrou ao longo dos séculos os mais diversos povos. Os fenícios, que precederam a colonização romana, chamaram-lhe Alis Ubbo (Enseada Amena).

As primeiras grandes obras do porto de Lisboa — adjudicadas por 10 790 réis ao empreiteiro francês Hersent — iniciaram-se em 31 de Outubro de 1887, dia de aniversário do rei D. Luís, que presidiu à cerimónia. O primeiro projecto global para o porto de Lisboa, até então um conjunto mais ou menos anárquico de pequenos cais e ancoradouros, data contudo do tempo do marquês de Pombal.

Problema de 11 concelhos

Cem anos depois, a Administração do Porto de Lisboa (APL) é hoje uma entidade cuja jurisdição se estende desde a ponte de Vila Franca de Xira até ao farol do Bugio, e do Cais das Colunas a Alcochete.

A área sob a sua administração confina com onze concelhos: Vila Franca de Xira, Loures, Lisboa e Oeiras, na margem norte do estuário do Tejo, e Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo, Alcochete e Benavente, na margem Sul.

A actividade portuária propriamente dita é exercida numa área de um milhão de metros quadrados, o que equivale a cem estádios de futebol.

Cidade dentro da cidade, a Administração do Porto de Lisboa (APL) acolhe dentro da sua área algumas das mais importantes unidades industriais do País, uma reserva natural considerada das mais preciosas da Europa, e diversas faixas de recreio e desportos náuticos.

Quanto ao futuro, a APL considera «imperativo» o alargamento da actividade portuária à faixa compreendida entre o Cais de Alcântara e a Estação Fluvial de Belém.

Segundo Alfredo Conceição Rodrigues, trata-se da «última reserva importante da expansão do porto na margem norte, não podendo ser destinada a qualquer outro fim a não ser a título muito precário».

Zona de recreio ou pejado de guindastes e contentores, o cais será sempre, como também disse Fernando Pessoa, «uma saudade de pedra».

Com vista à valorização do estuário do Tejo

Câmara de Lisboa decidiu contactar com municípios ribeirinhos

A vereação da Câmara Municipal de Lisboa decidiu mandatar o seu presidente, Krus Abecasis, para o estabelecimento de contactos com os municípios ribeirinhos com vista a uma acção comum de valorização integral do estuário do Tejo.

A decisão foi tomada ontem em reunião da Câmara, tendo-se votado também por activar o protocolo assinado em 1985 entre a Câmara e a Administração-Geral do Porto de Lisboa, no sentido do desenvolvimento e concretização do conjunto de ideias que ambas as instituições mantêm sobre a utilização da zona da doca dos Olivais e do espaço compreendido entre o Terreiro do Paço e o cais da Rocha Conde de Obidos.

O presidente da edilidade lisboeta pediu que se constituisse um grupo de vereadores para o coadjuvarem nos contactos e estudos que irão ser desenvolvidos com o presidente da Administração do Porto. Um outro grupo foi já constituído com o fim de iniciar a redacção de um documento consensual sobre a zona ribeirinha — são seus elementos Carlos Robalo (CDS), Vítor Reis (PSD), Vasco Franco (PS) e Rui Godinho (PCP).

Entretanto, e por unanimidade, a Câmara deliberou adjudicar a empreitada de construção da Rua do Cruzeiro, pelo valor de 48 mil contos, a qual deverá estar concluída no prazo de 52 semanas. Fê-lo igualmente a propósito das obras de construção do colector da bacia nascentes de Chelas, na Rua do Amorim, pelo montante de 31 mil contos.

Mais deliberou o executivo camarário enviar uma proposta à EDP para que a comissão nomeada com a finalidade de apurar as responsabilidades relativas às explosões das caixas subterrâneas da rede de distribuição de energia eléctrica, seja integrada por técnicos do município e do LNETI. Os vereadores consideraram que a Câmara deve assumir por inteiro o seu papel perante quaisquer aspectos que interfiram na habitabilidade de Lisboa.

Assembleia Municipal de Setúbal doa as senhas de presença

A Assembleia Municipal de Setúbal decidiu, no fim-de-semana, doar o valor das senhas de presença referentes a esta última sessão à delegação local da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, que presentemente comemora 17 anos de vida.

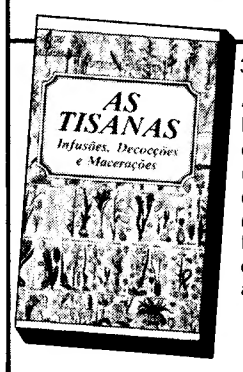
A proposta, apresentada pela bancada da maioria PSD/PS que foi aprovada por unanimidade

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

LIVROS DIFERENTES
...para ler e oferecer

1
GUIA DO VÍDEO E DA CÂMARA VÍDEO
Philippe Masson
Como escolher um gravador ou uma câmara; copiar programas, realizar montagens e fazer títulos; como utilizar uma câmara, obter imagens de qualidade e corrigir erros. Conselhos claros e precisos.

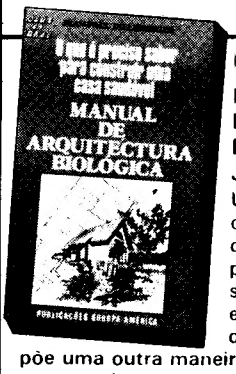
2
CONSTRUA O SEU AQUECEDOR SOLAR
Stu Campbell
Planear, construir e instalar o seu próprio sistema solar de aquecimento de água, que se irá pagar a si próprio em poucos anos.



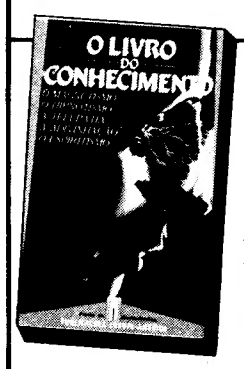
3
AS TISANAS
Léone Bérard
Como identificar, colher (ou comprar) preparar e utilizar plantas para fins medicinais. Infusões, Decocções e Macerações. Fins terapêuticos a que se destinam.

4
GUIA PRÁTICO DA MAGIA
Cécile Donner
Jean Luc Caradeau
Quem não desejou ter o poder nas mãos? Garantir o amor, a amizade, o dinheiro, êxito ou segurança? Este livro pode alterar o seu destino. Se não o ler...

5
O GRANDE INTÉRPRETE DOS SONHOS
Como interpretar, de forma sensata, os sonhos e as visões que lhes sobrevêm; conselhos sobre os sonhos; teoria dos mistérios do sonho. Dicionário alfabético dos sonhos.



6
MANUAL DE ARQUITECTURA BIOLÓGICA
Jean Paul Dillenseger
Uma casa mal concebida pode dar origem a doenças, desde a simples fadiga crónica e insónia até «à depressão» e ao cancro. O autor, arquitecto urbanista, propõe uma outra maneira de construir. Uma casa para viver e não para ser vista.



7
O LIVRO DO CONHECIMENTO
A cura pelo olhar, pela palavra, pela imposição das mãos? Que é a sugestão hipnótica? Como transmitir o pensamento? A clarividência.

Adquira no seu livreiro ou envie este cupão para
Publicações Europa-América, Ap. 8
2726 Mem Martins Codex
Remetam-me os livros que assinalo com (X)
1 ☐ 790$00 2 ☐ 1095$00 3 ☐ 895$00
4 ☐ 790$00 5 ☐ 795$00 6 ☐ 1050$00
7 ☐ 745$00
Nome
Profissão
Morada
Cód. Post. Localidade
À cobrança ( ) envio anexo cheque/vale ( )
Se fizer o pagamento adiantado poupa portes

RESPONSÁVEL DOS SERVIÇOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA PROCESSA UM DELEGADO SINDICAL

O vice-presidente dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, Lúzio Vaz, anunciou que vai participar criminalmente contra o delegado sindical Lopes Rodrigues.

Em conferência de Imprensa, Lúzio Vaz, referiu que Lopes Rodrigues «proferiu graves acusações (contra si) a propósito da gestão dos serviços sociais, que vai ter de provar nos locais próprios, os tribunais.»

Para Lúzio Vaz, as acusações feitas pela Comissão Sindical na passada semana «traduzem uma perseguição pessoal de Lopes Rodrigues».

«A sua actuação baseia-se no desejo incontido de ser ele a chefiar as compras dos serviços sociais, o que lhe tem sido recusado desde 1980, pela direcção dos SS, Reitoria e pelo próprio Ministério da Educação», afirma Lúzio Vaz.

Apresentou a propósito vários requerimentos em que Lopes Rodrigues solicita a sua ascenção a chefe de secção, chefe de compras, primeiro oficial e encarregado geral.

Na conferência de Imprensa, Lúzio Vaz afirmou que a sua conduta se tem «pautado pela legalidade, diálogo e total abertura dos serviços sociais aos estudantes.»

Salientou que as compras dos serviços sociais «são feitas por concurso público» e frisou que «nunca foi despedido nenhum trabalhador de forma arbitrária».

A propósito da segurança e das condições de trabalho, afirmou que «elas não são as melhores, mas também não existem por aqui barris de pólvora.»

Na conferência de Imprensa, participaram ainda alguns estudantes, membros de repúblicas, comissão de bolseiros, direcção-geral da Associação Académica e estudantes trabalhadores, que se manifestaram solidários com Lúzio Vaz.

Estiveram igualmente presentes os chefes de serviços responsáveis pelos diversos departamentos dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra.

Na ocasião, foram apresentados abaixo-assinados de 89 por cento dos trabalhores dos serviços sociais, segundo Lúzio Vaz, e também de «várias centenas de estudantes».

Foi ainda salientado pelo vice-presidente dos SS que está em curso um movimento para eleger «uma comissão de trabalhadores verdadeiramente representativa de todos os funcionários dos Serviços Sociais.»

«A Comissão Sindical foi eleita por uma margem muito pequena de trabalhadores, não representando a totalidade dos trabalhadores desta casa», disse Lúzio Vaz.

Portugueses em Amsterdão reivindicam no ensino

O ensino secundário de língua e cultura portuguesa como valorização individual e colectiva dos alunos é uma das reivindicações segunda-feira apresentadas pela comunidade portuguesa em Amsterdão.

Em documento enviado às autoridades holandesas e portuguesas, os representantes da comunidade portuguesa definiram como objectivo «o estímulo da percepção crítica do património sociocultural português e da sociedade actual, de forma a permitir ao jovem a sua participação consciente e solidária na sociedade».

Elaborado pela subcomissão do ensino da comunidade portuguesa em Amsterdão, o documento reivindica o direito de co-participação na definição desta modalidade de ensino, visto ser o seu exclusivo destinatário.

A comunidade portuguesa propõe-se colaborar com as autoridades para a reforma do ensino secundário, no seu conteúdo programático e de organização.

Esta posição surge na sequência dos acordos bilaterais, assinados entre a Holanda e Portugal, segundo os quais compete às autoridades holandesas o financiamento e organização do ensino da língua e cultura portuguesa na Holanda.

No campo do ensino, a comunidade portuguesa, representada pela subcomissão de ensino, tem feito um trabalho considerado de mérito pelo departamento de ensino da Câmara de Amsterdão, responsável directo pelo ensino em geral na cidade.

Cabe agora a essa subcomissão pressionar as autoridades holandesas para a discussão e aceitação dos princípios e metodologias reivindicados no documento, e obter delas o seu financiamento.

Em 1983, a comunidade apresentou um documento semelhante para o ensino básico que foi aceite pela Câmara e posto em prática nas escolas da capital.

Prova global para docentes de Trabalhos Manuais e do 12.º Grupo

Os professores que frequentam o curso de complemento de formação de trabalhos manuais e do 12.º grupo prestam a prova global presencial no próximo dia 7.

Cerca de 1500 professores de trabalhos manuais e do 12.º grupo prestam provas nas disciplinas específicas e de higiene e segurança no trabalho e inovação da técnica e da organização do trabalho.

Os professores serão distribuídos pelas seguintes escolas: os docentes dos distritos de Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real prestam provas na Universidade do Minho; os dos distritos de Aveiro, Coimbra, Guarda, Castelo Branco, Leiria e Viseu, na Escola Preparatória Martim de Freitas (Coimbra) e os dos distritos de Beja, Évora, Faro, Lisboa, Portalegre, Santarém e Setúbal nas Escolas secundárias de Camões e D. Filipa de Lencastre.

As provas começam às 9 horas e terminam às 13, sendo a primeira de «Disciplina Específica».

Ministério apresenta projecto para efectivar docentes primários

O gabinete do ministro da Educação enviou aos Sindicatos de professores um projecto de decreto-lei visando a integração no quadro de professores do ensino primário e de educação pré-escolar.

As normas constantes do projecto resultam de um protocolo celebrado entre a equipa do governo anterior e duas estruturas sindicais minoritárias, a Federação Nacional dos Sindicatos dos Professores e o Sindicato Democrático dos Professores.

Os pareceres dos Sindicatos deverão ser apresentados até ao próximo dia 16, de modo a que o decreto-lei esteja concluído em tempo oportuno e em vigor no próximo concurso a realizar no início de 1988.

Escolas da Fenprof vão debater projectos

Dirigentes dos sete sindicatos que constituem a Fenprof reuniram-se em Coimbra no dia 29 para debater questões do ensino primário. Continam más as condições de trabalho neste grau de ensino, por falta de pessoal auxiliar, existência de verbas muito reduzidas para manutenção e limpeza das escolas, indefinição das competências das autarquias e total ausência de orientação pedagógica do ME.

Quanto ao projecto de decreto-lei de integração dos professores nos quadros, que na opinião da Fenprof deverá abranger 40 mil docentes, será objecto de debate nas escolas.

A Fenprof apresentou ao ME uma proposta de gestão democrática e formação contínua no ensino primário, ao aguardar que o Ministério calendarize a negociação.

Curso nocturno não abre por falta de pessoal

Os alunos do período nocturno da escola secundária de Arcozelo (Barcelos) continuam sem aulas, informou o presidente do conselho directivo.

Segundo Manuel David Macedo Lourenço, a anomalia deve-se à falta de funcionários auxiliares, «não tendo havido a menor compreensão nem empenho para a resolução deste problema» por parte das entidades responsáveis.

A escola secundária de Arcozelo, disse, teve «uma redução significativa no número de funcionários e se tivesse aberto as aulas para o período nocturno estaria sempre em causa o encerramento de alguns sectores fundamentais», nomeadamente a biblioteca, o ginásio, o bar, a papelaria e a reprografia.

Alqueva: polémica reacende-se

Amigos da Terra contra Soares e Álvaro Barreto

O apoio de Mário Soares ao projecto Alqueva, explicitado nesta sua estada em terras do Alentejo, foi mal recebido pela direcção da Associação Ecologista Amigos da Terra: «Reafirmo que o Presidente Soares exorbitou das suas funções: excedeu as suas competências constitucionais e criou um pésimo precedente em relação à prática presidencial ao imiscuir-se em áreas que sabe polémicas e que constituem competência exclusiva do Governo», afirmou, em comunicado à Imoprensa, António Eloy.

Baseia-se a posição daquele dirigente na constatação de que «o programa do Governo é explícito na recusa de projectos tipo Alqueva», pelo menos no que toca ao capítulo energético e no que se refere, considera ainda, «à consideração dos impactes ambientais previsíveis».

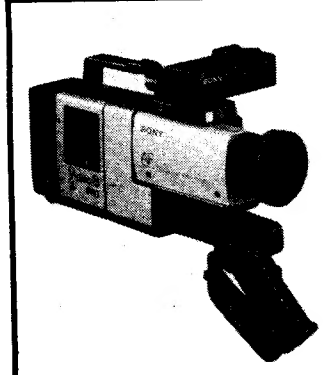
«Não existe política governamental para o Alqueva, pelo que não existe, neste caso, princípio de solidariedade governamental», pensa António Eloy, que indica, no documento distribuído pelos órgãos de Comunicação Social, que caso «a posição positiva sobre o Alqueva, do ministro Alvaro Barreto assumir o carácter de política governamental, esta terá a minha total oposição e a oposição da Associação a cuja direcção presido».

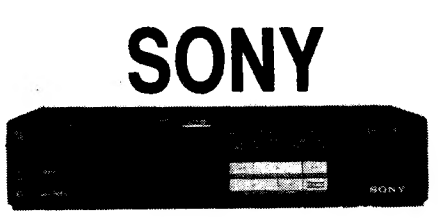
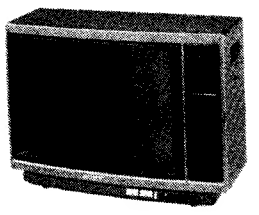
CAMPANHA DE ANIVERSÁRIO

RAIO DE SOM ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

AGENTE OFICIAL

SONY



AV. ALMIRANTE REIS, 74-B (ao Metro dos Anjos junto ao BPA) — Telef. Loja 82 60 68 — Escritório 82 20 34 — 1100 LISBOA

José Mattoso foi o primeiro orador na Fundação Gulbenkian

DEBATE SOBRE "CIDADES E HISTÓRIA" COMEÇOU SOBRE O PODER

«O nascimento das cidades não pode ser visto apenas do ponto de vista económico. Por trás de cada cidade está um lugar de concentração e fixação do Poder: político, religioso ou militar. E 'A Cidade de Deus', sonhada por Santo Agostinho, tornou-se num centro cinzento». Esta a principal conclusão da conferência do Doutor José Mattoso, ontem, na Fundação Gulbenkian.

Integrado no ciclo de conferências «Cidades e História», promovido pelo Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, José Mattoso falou ontem sobre «Introdução à História Urbana: a cidade e o poder».

Perante uma vasta audiência, que enchia de tal modo o pequeno auditório 3 da Fundação que, a meio da palestra, foi necessário mudar para uma sala maior, José Mattoso, professor da Faculdade de Ciências Socias e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, acentuou a paralisação estática da vida no campo, por oposição à das cidades, consideradas centros de mudança.

Reconhecendo que não é um especialista na matéria, José Mattoso preferiu centrar a sua exposição na interpretação global do perímetro da cidade do ponto de vista da mudança: o que é a cidade vista pela História?

«As teorias mais correntes explicam o termo cidade segundo três vectores: demográfico, económico e topográfico». Do ponto de vista da Demografia, a cidade é analisada pelo número de homens que nela habitam. Associa-se à ideia de cidade uma maior densidade populacional, uma maior concentração de pessoas num determinado espaço, ao contrário do que se passa no campo onde, pela própria estrutura agrária, os habitantes se encontram mais dispersos.

As cidades estão também ligadas ao tipo de actividade a que os seus habitantes se dedicavam. O abandono da agricultura e a concentração de artífices e comerciantes, o florescer de indústrias proporcionou o aparecimento de centros urbanos.

Do ponto de vista topográfico, a cidade está associada ao tipo de habitação que se encontra dentro da cerca.

«No entanto, estes conceitos não têm o mesmo valor nas diferentes épocas. A ideia de cidade é diferente na Idade Média da Idade Moderna», referiu o professor.

«Estes limites entre cidade e campo são muitas vezes convencionais, pois a realidade permite encontrarem-se casos de milhares de habitantes que se dedicam à agricultura e núcleos citadinos contraditórios destes princípios, sobretudo nas suas épocas mais recuadas, em que se encontram cidades que do ponto de vista demográfico mais não seriam que vilas ou aldeias», afirmou José Mattoso.

Concentração de poder

As leis de produção, a circulação, o consumo e a influência das cidades em regiões mais vastas foi apontado por este estudioso como um vector importante na mudança de mentalidades. «Nas cidades concentram-se as actividades económicas, e com elas a maioria dos artesãos, operários e comerciantes, e com essa concentração dão-se os mais decisivos confrontos sociais entre o capital e o trabalho».

Centrando a sua conferência no aparecimento de cidades pelo controlo administrativo e na concentração de poder, José Mattoso afirmou: «Não basta estudar a Economia para explicar o aparecimento de cidades. Se o fizermos corre-se o risco de desprezar o papel histórico de certos centros urbanos, que pela quantidade mínima de comerciantes não se pode falar de cidade, mas de vila».

«A cidade é o lugar de concentração do poder político, religioso ou militar. É a relação entre o centro e a área que domina».

«A fixação do chefe de um determinado território num centro implica que reúna à sua volta quem o sirva, não só para subsistir, como para manter a sua autoridade. Isso leva à concentração de comerciantes que o servem, que são autónomos».

«Não contam as cercas que separam a cidade, mas as torres, os recintos abertos, as praças onde o poder é exercido», explica o historiador.

«Quanto ao Poder religioso, ele concentra-se no templo, que deixa de ser lugar de contemplação, mas de Poder judicial. No caso das forças militares, elas actuam nas praças fortes».

«A cidade torna-se assim a sede do poder político, onde a força atrai e reúne à sua volta os comererciantes, e por isso estabelecem-se as trocas, o que os leva a aceitarem o domínio das autoridades».

«A decadência do Império no fim da Alta Idade Média, a incapacidade de controlo e a insegurança gerada permite a penetração dos chefes Bárbaros. No mundo muçulmano os detentores do poder asseguram a sua continuidade, ao contrário do que se passa no mundo feudal, pois estes cuidam mais do luxo do que da defesa e contra-ataque dos vizinhos», refere José Mattoso.

O poder religioso também se fragmenta, e as cidades

José Mattoso ontem, na Gulbenkian

perdem os seus antigos pontos de referência.

«As cidades só voltam a recuperar o seu domínio quando aí se fixam príncipes ou quando os senhores feudais — leigos ou religiosos — ganham novos poderes com as conquistas e podem assim manter as suas cidades. «É o caso de Santiago de Compostela e Aveiro, por exemplo. Quando os bispos encontram o poder nascem cidades como Coimbra e Porto».

O mesmo não se passa com os concelhos do interior, que quando se alargam se fragmentam, dando origem a outros.

«A preferência que o rei tem por certas cidades está directamente ligada ao seu desenvolvimento, como aconteceu com Santarém, Lisboa e mais tarde Évora. O rei permanece mais tempo nas cidades maiores e mais desenvolvidas, onde tem mais condições para exercer o seu poder».

«A cidade aparece sempre como factor de ordem que o homem impõe á natureza e de poder, que opõe os homens entre si. A ordenação de um território a partir de um ponto fixo estabelece o poder régio, muito longe do sonho de santo Agostinho, de uma cidade governada por Deus e sujeita à sua vontade, 'A Cidade de Deus'», concluiu José Mattoso.

Na posse do novo director-geral dos Hospitais

Conciliar a humanização com a gestão hospitalar

— pretende Leonor Beleza

«Conciliar a humanização que supõe tratar de quem sofre com as modernas técnicas e com a lógica da gestão empresarial, eis o desafio diário que se coloca a quem trabalha nos hospitais», disse Leonor Beleza enquanto falava, ontem, na tomada de posse do novo director-geral dos Hospitais, Luís Ferraz de Oliveira.

Segundo a ministra da Saúde, a profissionalização dos responsáveis pela gestão hospitalar e o reforço da autonomia dos estabelecimentos hospitalares são «mudanças que se impõem», designadamente no que se refere à criação do «sistema de informação para o controlo de gestão e financiamento dos hospitais», que disse estar em fase «muito adiantada».

Esse programa inclui vários projectos entre os quais «a classificação dos doentes internados nos hospitais de agudos nos grupos de diagnósticos homogéneos, o controlo de produtividade hospitalar e a revisão da utilização dos hospitais».

Para a ministra, o actual sistema de gestão hospitalar «não encontra paralelo em nenhum país civilizado e certamente não em qualquer país das Comunidades europeias» e «necessita de profunda revisão».

Dentro do novo esquema de gestão hospitalar, a Direcção-Geral dos Hospitais «poderá libertar-se para actividades de planeamento e orientação de toda a rede, de definição de filosofia de actuação e de salvaguarda da correspondência da actividade hospitalar aos superiores interesses que prossegue».

A ministra da Saúde inseriu estas medidas na necessidade de «conciliar a humanização que supõe tratar de quem sofre com as modernas técnicas e com a lógica empresarial», afirmando que os hospitais devem ser encarados «como uma grande empresa que não deve escapar à lógica da gestão de tudo o que são recursos escassos».

Para o empossado, Luís Ferraz de Oliveira, «a saúde em Portugal está doente».

Defendendo que «se deixe o nó górdio para os políticos», o novo director-geral dos Hospitais pergunta se «o desentendimento entre médicos e a ministra da Saúde... resistirá a uma análise desapaixonada e séria».

Luís Ferraz de Oliveira considerou que a solução para os problemas da saúde em Portugal reside no «diálogo racional, transparente, responsável, sem fronteiras» e no «sentido do dever, do bem servir, de missão, individual e colectiva».

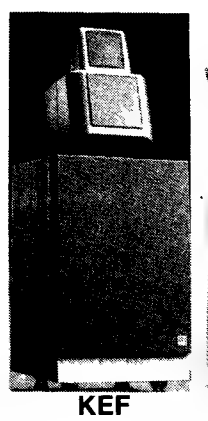
O novo director-geral dos Hospitais tem 52 anos e é professor catedrático de Oftalmologia. Director do Serviço de Oftalmologia do Hospital de Egas Moniz, exerce desde 1986 o cargo de director do Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

Foi presidente do Sindicato dos Médicos Livres após o 25 de Abril e posteriormente presidente da Secção Regional do Sul da Ordem dos Médicos. Dirigiu mais de vinte missões de oftalmologia a todos os países de expressão oficial portuguesa, a maior parte delas ao serviço do programa de cooperação da Fundação Calouste Gulbenkian.

Mais detenções no Barreiro por consumo e tráfico de haxixe

A PSP do Barreiro anunciou ter capturado, no último fim-de-semana, naquela cidade dois consumidores e dois suspeitos de tráfigo de droga. Os consumidores, ambos com 18 anos, serventes de pedreiro, naturais e residentes no Barreiro, tinham em seu poder, no momento da captura, pequenas quantidades de haxixe que disseram ter adquirido a um desconhecido. Quanto aos outros dois, ambos com 23 anos, tinham escondido, na viatura em que se transportavam, 325 gramas de haxixe, dez mil escudos em dinheiro, uma navalha de ponta e mola tipo militar e três pesos de 20, 5 e 2 gramas, que se presume serem para pesar os estupefacientes.

Presentes ao juiz de Instrução Criminal da Comarca, dos quatro jovens três ficaram em liberdade a aguardar julgamento e o outro foi remetido para a cadeia do Montijo.

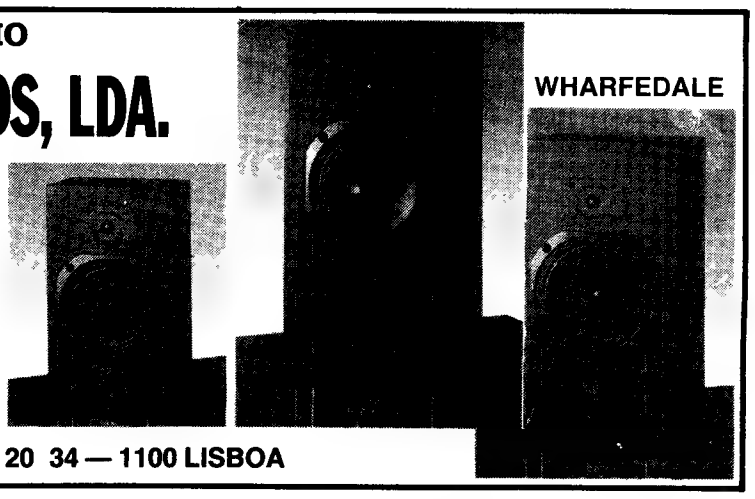


CAMPANHA DE ANIVERSÁRIO

RAIO DE SOM ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

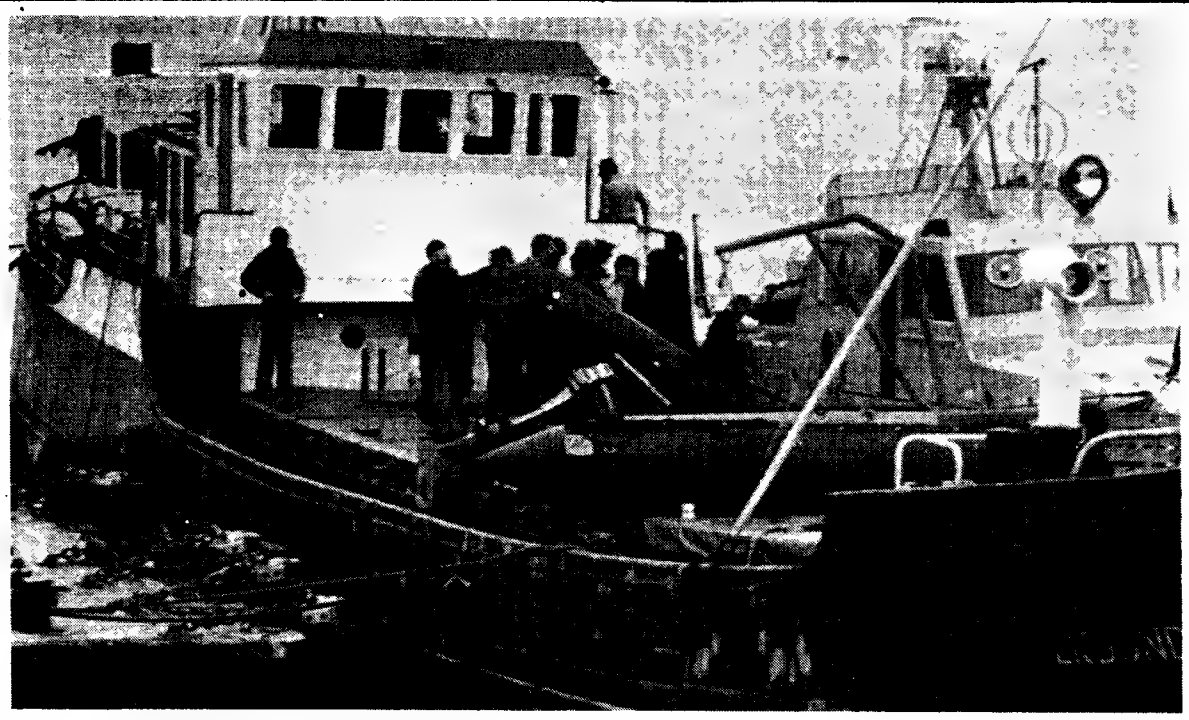
AGENTE OFICIAL

TECHNICS, MARANTZ, NAD, AKAI, PANASONIC, SANYO, MITSUBISHI, NEC, SHARP, SONY, JVC, ALPINE, CLARION, MISSION, BOSE, CELESTION, B&W, ROGERS, DENON, YAMAHA, TANDY, KEF, WHARFEDALE, BASF, TDK, THATS, SKC, KONICA, ETC.



KEF

AV. ALMIRANTE REIS, 74-B (ao Metro dos Anjos junto ao BPA) Telef. Loja 82 60 68 — Escritório 82 20 34 — 1100 LISBOA



Autoridades alfandegárias francesas a bordo do navio «Eksund» iniciando o desembarque das armas encontrados no barco

O governo de Washington disse segunda-feira que a mulher de Douglas Ginsburg, nomeado por Ronald Reagan para o Supremo Tribunal, realizou vários abortos no início da sua carreira médica, mas que depois decidiu parar com essas operações. Halee Perkins Morgan, mulher de Ginsburg, é ginecologista, embora actualmente não pratique medicina. A nomeação do seu marido é apoiada pela comissão nacional anti-aborto intitulada «Direito À Vida». Segundo um comunicado da Casa Branca, Morgan, após ter realizado abortos durante o primeiro ano em que praticou medicina, «tomou um decisão pessoal» de não fazer mais operações desse género. O presidente dos Estados Unidos é fortemente contra o aborto e tem conduzido uma campanha nacional contra essa prática.

O secretário norte-americano da Defesa, Cuar deverá anunciar a sua demissão do cargo ainda es Washington afirmam que Weinberger poderá ser s Carlucci (à esquerda), actual conselheiro de Segurança N

RFA:polícias mortos em manifestação

Dois polícias morreram e nove pessoas ficaram feridas segunda-feira à noite, durante uma manifestação de protesto contra a construção de uma nova pista do aeroporto de Francoforte, informou a Polícia local. Cerca de 200 manifestantes, alguns deles com máscaras, concentraram-se perto da pista, que durante muitos anos foi palco de manifestações ecologistas, até que a Polícia deu ordem de dispersar. Segundo as autoridades, os manifestantes responderam lançando uma chuva de pedras e «cocktails molotov» sobre a Polícia. Os agentes da Polícia foram mortos por tiros de pistola disparados a curta distância. Segundo uma fonte policial que pediu para não ser citada, os dois homens morreram dos ferimentos de bala após terem sido transportados para hospitais próximos. Trata-se do pior acidente de que há memória ocorrido na área de Francoforte, tradicional centro de manifestações radicais, na sua maioria estudantis. A nova pista, chamada «pista oeste», operacional desde Abril de 1984, foi construída sob protestos de grupos ecologistas e residentes na zona do aeroporto, um dos mais movimentados da Europa. Os oponentes do projecto consideram que o ruído provocado pelos voos extra que utilizam a nova pista tornará insuportável residir naquela área. As autoridades afirmam que a manifestação de segunda-feira foi convocada para comemorar o sexto aniversário do dia em que a Polícia destruiu um acampamento erguido pelos manifestantes nos bosques, perto da pista.

O "Irangate" do PS Francês

O Partido Socialista Francês exigiu ontem ao governo que divulgasse um relatório revelando, alegadamente, que os socialistas receberam dinheiro proveniente da venda ilegal de armas ao Irão, efectuada por uma companhia francesa entre 1983 e 1986. As revistas semanais «Le Point» e «L'Expresse», divulgaram nos seus últimos números que cerca de 120 milhões de dólares em armas foram embarcadas para o Irão sem o conhecimento das autoridades francesas, num acto que viola o embargo determinado pelo próprio governo de Jacques Chirac. «Uma vez que este relatório classificado como 'confidencial-defesa' chegou às mãos dos jornalistas, deve ser tornado público», afirmou o porta-voz do PSF, Jean-Jack Queyranne, acrescentando que o primeiro secretário do Partido Socialista, Lionel Jospin, fará ao governo um pedido formal nesse sentido. Funcionários do Ministério da Justiça citados pelos órgãos de Comunicação Social franceses afirmaram que, até agora, as investigações feitas acerca deste caso, já conhecido como o «Irangate francês», revelaram não haver qualquer prova de que os socialistas tenham recebido fundos provenientes da venda de armas. Os dirigentes do PSF acusaram o executivo de centro-direita de divulgar este relatório para desacreditar os socialistas. De acordo com os mesmos líderes, este acto faz parte de uma série de medidas destinadas a diminuir a popularidade dos socialistas nas vésperas do início da campanha eleitoral para as presidenciais, marcadas para a Primavera. Em 1986, pouco antes do partido de Jacques Chirac ter ganho as eleições, expulsando os socialistas do governo, foram divulgadas diversas notícias relativas ao embarque de armas francesas para o Irão. Estas vendas teriam sido efectuadas entre 1983 e 1986. Em 1985, dois barcos com pavilhão das Bahamas transportaram mais de 140 000 bombas de artilharia para o porto iraniano de Bandar Abbas, embora o manifesto de carga entregue na alfândega refira que as armas se destinavam a Portugal, ao Brasil, Paquistão e Tailândia.

Em ataque no Sul de Angola

FORÇAS DE PRETÓRIA MATAM MAIS DE 150 GUERRILHEIROS NAMIBIANO

Forças sul-africanas atacaram no sábado uma base da SWAPO no sul de Angola e mataram mais de 150 nacionalistas namibianos, anunciou ontem o Ministério da Defesa em Pretória. Um comunicado ministerial afirma ainda que no ataque, classificado como medida de prevenção, morreram 11 soldados sul-africanos.

Segundo o comunicado, a operação, a maior desde que em Julho 190 guerrilheiros namibianos foram mortos, teve por objectivo impedir planos da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO) para penetrar na Namíbia.

Os guerrilheiros da SWAPO, envolvidos numa guerra pela independência do território desde 1966, cruzam normalmente a fronteira angolana em missões de sabotagem durante a estacão das chuvas.

Cessar-fogo

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros divulgou, entretanto, uma nota onde afirma que Angola se tornou num campo de disputa das superpotências e que o Conselho de Segurança das Nações Unidas deve debater urgentemente esta situação.

Roelof Pik Botha afirma que a África do Sul não está em guerra com Angola, mas que tem o dever de proteger os habitantes da Namíbia, território que continua a administrar em violação das numerosas resoluções da ONU.

O governo angolano acusa a Áfrcia do Sul de ter voltado a invadir em Setembro as províncias do Cunene e do Cuando Cubango para socorrer as forças da UNITA.

O Conselho de Segurança aprovou sexta-feira, com a abstenção dos Estados Unidos, uma resolução que autoriza o secretário-geral Javier Perez de Cuellar a tentar obter um cessar-fogo entre a África do Sul e a SWAPO.

Na carta enviada a Perez de Cuellar, Botha diz que se a SWAPO cessar os actos de terrorismo não haverá necessidade de contra-taques pelas Forças Armadas de Pretória. O ministro sul-africana confirma ainda que o seu país está pronto a participar numa conferência com todas as partes interessadas com vista ao restabelecimento da paz em Angola e à resolução da questão da Namíbia.

Vai demitir-se do cargo de primeiro-ministro

Zhao Ziyang nega divergências no seio do PC Chinês

O novo líder do Partido Comunista Chinês, Zhao Ziyang, negou ontem a existência de divergências na cúpula do partido e disse que consultaria Deng Xiaoping, que abandonou o Comité Central, acerca de todos os problemas mais importantes.

O secretário-geral eleito no 13º congresso do PC Chinês, concluído domingo em Pequim, falava numa conferência de imprensa dada no Palácio do Povo, na presença de outros quatro membros do Politburo: Li Peng, Hu Qili, e os vice-primeiros-ministros Qiao Shi e Yao Yilin.

Zhao confirmou que se demitiria em breve do cargo de primeiro-ministro, que exerce desde 1980 e que acumulava dese Janeiro de 1987 com o desempenho das funções de secretário-geral interino do partido.

A demissão de Zhao da chefia do governo confirma a intenção do novo líder de proceder à separação de poderes do PC e do executivo.

Zhao escusou-se a revelar o nome do novo primeiro-ministro, limitando-se a afirmar : «posso dizer-vos que é mais novo do que eu».

O rejuvenescimento da direcção do partido foi um das «vitórias» de Deng, que saiu em triunfo do congresso do PC Chinês, mas Zhao fez questão de reafirmar aos jornalistas estrangeiros que o «pai» das reformas económicas, com 83 anos, não ficava totalmente afastado da política activa. Conforme ontem noticiámos, Deng preside à Comissão Central Militar.

Zhao, visivelmente bem disposto, agardeceu aos jornalistas que fizeram a cobertura do congresso para a imprensa internacional, mas negou a existência de divergências entre «reformistas» e «conservadores» na direcção do PC Chinês.

Acerca da liberdade e da democratização da sociedade chinesa, Zhao disse que a direcção do partido estimula a democratização, mas deve assegurar que não se cometam erros.

O líder chinês frisou ainda que as reformas em curso na URSS e na China «não são processo identicos,Não pretendemos competir com Moscovo nesse domínio. Mas atribuimos a maior importância às reformas empreendidas na URSS».

Cessar-fogo na Am só em Janeiro?

O prazo para a entrada em v América Central pode ser larga admitiram fontes do gabinete do e autor do palno de paz regional assinado a 7 de Agosto pelos pre nos previa que as disposições inc no Arias», e que valeram aque fossem implementadas no prazo

As dificuladdaes surgidas em El na Guatemala entre os respectiv lhas levaram alguns comentador plano regional.

O governo nicaraguense em r ciará com os «contras», mas fon tais salientaram que a URSS par Manágua no sentido de aceitar o

No entanto, a suspensão das ne no guatemalteco e a guerrilha emoção suscitada pelo assassínio são de Direitos Humanos de El sa rilha slavadorenha a suspender as verno de Napoleon Duarte,ific clusiva responsabilidade ao gove so da implementação do plano de

Caspar Weinberger
inda esta semana. Fontes de
á ser substituído por Frank
rança Nacional

IS
IOS

Massacre de Taninga

Mais de 60 corpos das 278 vítimas do massacre de Taninga, executado na quinta–feira pela Renamo, foram ontem sepulatdos em Maputo, ainda por identificar. Um total de 104 corpos foi transferido para a capital moçambicana, enquanto os restnates foram depositados em Magude, Xai–Xai e Manhiça, entre outras localidades.

Todos os corpos que transitaram para Maputo estão a ser sepultados no cemitério de Lhanguene e as despesas dos funerais decorrem por conta das autoridades moçambicanas.

América Central

?

l vigor do cessar–fogo na
alargado até Janeiro próximo,
ete do presidente da Costa Rica
gional, Oscar Arias. O acordo
los presidentes centro–marica-
es incluídas no chamado «pla-
a este o prémio Nobel da Paz,
prazo de 90 dias.
em El Salvador, na Nicarágia e
pectivos governos e as guerri-
ntadores a prever o fracasso do

tem reafirmado que não nego-
as fontes diplomáticas ociden-
SS parece decidida a pressionar
o cessar–fogo.

das negociações entre o gover-
rilha de esquerda do país, e a
ssínio do presidente da Comis-
e El salavdor, que levou a gue-
der as conversações com o go-
, dificultam a atribuição de ex-
) governo de Manágua no atra-
ano de paz.

Segundo historiadores ocidentais

Gorbachev apenas repetiu as críticas já feitas por Kruschev

Historiadores ocidentais exprimiram ontem o seu desapontamento pela apreciação da história soviética feita por Mikhail Gorbachev no âmbito das comemorações do 70º aniversário da revolução bolchevique e afirmaram que ele foi pouco mais longe nas críticas ao período stalinista do que Nikita Kruschev há 30 anos.

Estudiosos dos assuntos soviéticos em vários países da Europa Ocidental salientaram que o discurso ontem proferido por Gorbachev é uma prova da sua fraqueza face aos opositores das reformas políticas por ele implementadas.

«Afirmar que Staline cometeu graves erros políticos não é particularmente novo. Kruschev já o tinha afirmado», salientou Karel Van Het Reve, professor de línguas eslavas na Universidade holandesa de Leiden. Numa posição idêntica, o professor italiano Vittorio Strada,da Universidade de Veneza, afirmou: « parece que houve 30 anos que passaram em vão. Gorbachev está simplesmente a repetir, em termos mais moderados, o que o sucessor de Staline já tinha dito». Kruschev, deposto em 1964 da liderança da União Soviética, atacou as depurações maciças ocorridas durante o domínio stalinista e o culto da personalidade ao intervir no 20º congresso do Partido Comunista da URSS, em 1956.

Na opinião de Martin Mcçauley, docente de História da Universidade de Londres, o discurso de Gorbachev demonstra que a oposição à «glasnost» (abertura) e à «perestroika» (reforma) é muito maior do que se suspeitava. Por seu lado, Alexander Adler, um especialista francês e colunista do jornal «Libération», exprimiu a suspeita de que Gorbachev teria feito algumas concessões domésticas no Politburo a troco da realização de uma cimeira com o presidente norte–americano, Ronald Reagan. .

No discurso porferido ontem em Moscovo, Gorbachev acusou Staline de ter cometido «graves erros» e apelou para um exame cabal dos «assuntos penosos» da história soviética, tendo anunciado à criação de comissões do partido para investigar a repressão levada a cabo sob o governo de Staline. No entanto, Gorbachev elogiou- o pela «contribuição incontestável para a luta pelo socialismo».

O «número 1» do Kremlin mencionou os opositores políticos de Staline, incluindo Bukharine, Zinoviev e Kamenev, mas não disse que else foram abatidos a tiro após julgamentos sumários entre 1936 e 1938. Por outro lado, Gorbachev defendeu o pacto germano–sovi–ético de 1939, argumentando que a França e a Grã–Bretanha se preparavam para forçar a URSS a entrar em guerra com a Alemanha, mas não mencionou a ocupação soviética da Polónia Oriental e dos Estados bálticos ao abrigo desse acordo.

Prestou anda homenagem a Kruschev por ter criticado a repressão exercida por Staline, mas acusou-o de «subjectividade e voluntarismo».

O presidente da Nicarágua, Daniel ortega, coloca uma coroa de flores no mausoleu de Lenine, por ocasião da sua estadia em Moscovo para assistir às comemorações do 70º aniversário da revolução bolchevique

Segundo o Pentágono

Navio dos EUA disparou contra vedeta do Irão no golfo Pérsico

Uma fragata dos Estados Unidos disparou domingo, no golfo Pérsico, contra uma de três vedetas aparentemente iranianas que estavam a aproximar–se a alta velocidade de um cargueiro norte–americano, segundo informou ontem o Pentágono. O Irão anunciou, contudo, que não tinha conhceimento do incidente.

Segundo o Pentágono, as vedetas que se dirigiam ao cargueiro mudaram de rumo e abandonaram a área depois da fragata «Carr» ter disparado as metralhadorasa de calibre 50. O Departamento norte–americano de Defesa acrescentou que a fragata disparou depois de as vedetas não terem acatado anteriores disparos de aviso, continuando a seguir «um rumo aparentemente hostil» em direcção ao cargueiro «MV Patriot» dos Estados Unidos.

A mesma fonte adiantou que a vedeta alvejada foi atingida e que o cargueiro prosseguiu a sua viagem. O Pentágono não revelou, contudo, a que distância estava a fragata norte–americana quando disparou contra as vedetas supostamente iranianas, nem especifica como é que as forças dos Estados Unidos concluíram que estas poderiam estar a preparar–se para atacar.

Khadafi contra cimeira árabe

O líder da Líbia, Moammar Khadafi, afirmou, entretanto, que não participará na cimeira árabe de Amã do próximo domingo, inicialmente convocada para discutir a guerra Irão–Iraque. Todavia, a agenda foi deixada em aberto depois de o presidente sírio Hafez Al–Assad ter dito que só participaria se fosse abordado o conflito israelo–árabe. Por seu lado, Khadaffi anunciou que a recusa em participar na cimeira se deve ao facto desta ter sido «ordenada pela América e realizar–se especificamente para combater o Irão». O líder líbio propôs a realização de uma outra reunião para discutir, entre outras coisas, o fabrico de uma bomba atómica árabe.

24 HORAS

Filipinas: encontrada bomba de relógio

A polícia filipina desactivou hoje uma bomba de relógio encontrada no edifício de Manila onde os seis dirigentes dos países da Ásia e do Pacífico se reunirão em cimeira no próximo mês , informaram as autoridades. Um porta–voz policial disse que dois cartuchos de dinamite, com um mecanismo de relógio e baterias, tinham sido encontrados dentro de um saco no rés–do–chão do Centro de Convenções internacionais filipno.

Conservadores britânicos têm novo presidente

O tesoureiro do governo britânico, Peter Brooke, foi ontem nomeado pela primeiro–ministro Margaret Thatcher para presidente do Partido Conservador, após uma disputa interna acerca de quem deveria ocupar este cargo. Brooke, de 53 anos, tesoureiro do executivo britânico desde 1985 e deputado pelo círculo de Londres, substitui Norman Tebbit, que passará a presidir a diversos conselhos de administração de empresas privadas.

EUA podem adoptar sanções contra o Brasil

O secretário norte–americano da Finanças, James Baker, é favorável à adopção de sancões comerciais contra o Brasil, devido à recusa deste país de importar material informático dos EIA, revelaram fontes governamentais de Washington. As sanções poderão tomar a forma de direitos aduaneiros suplementares totalizando entre 50 e 100 milhões de dólares aplicados às improtações de produtos brasileiros.

"El Bandido" começou a ser julgado

O julgamento do argentino «El Bandido», uma das figuras lendárias do mundo do crime europeu e latino–americano, começou ontem no Tribunal de Nice, em França. Fernando Alonzo de Celada, conhecido por «El Bandido», está preso em França desde 1983. Alonso foi preso depois de uma verdadeira «caça ao homem» que durou mais de um mês e durante a qual sequestrou quatro epssoas e raptou outra. «El Bandido» estivera anetriormente preso na Argentina e em Espanha, mas conseguiu fugir.

CUNI-SOCIEDADE DE COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LIMITADA,

Sociedade comercial por quotas, com sede em Lisboa, na Rua Latino Coelho, número 10, 3 º andar esquerdo, titular do cartão de pessoa colectiva número 500 438 595, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número 49 022, com o capital social de 600 contos.

Certifico que por escritura de 10/8/87 lavrada de folhas 23 a folhas 24 verso do livro número 236-E das notas do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, Tawfiq Ahmed Khalil Hamdan dividiu a quota de valor nominal de 300 000$00, em 2 novas quotas uma de 250 000$00 que cedeu a José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e uma de 50 000$00 que cedeu a Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos.

O cedente renunciou à gerência.

José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e mulher Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos como únicos sócios da referida sociedade deliberaram nomear Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos gerente da sociedade. Alteraram os artigos 3.º, e 5.º do pacto nos termos seguintes·

3.º

O capital social é de seicentos mil escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma quota de trezentos mil escudos e outra de duzentos e cinquenta mil escudos, de José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e uma quota de cinquenta mil escudos, de Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos.

5.º

Ambos os sócios são gerentes, vinculando-se a sociedade validamente com a assinatura de qualquer dos gerentes.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 18 de Agosto de 1987.

A Ajudante,
Maria da Ressureição Pereira Felício Patrício.

«DL» 3/11/1987

SECCOLOR-ACTIVIDADES METALOMECÂNICAS, LIMITADA,

Sociedade comercial por quotas, com sede em Lisboa, na Rua Latino Coelho, número 10, 3.º andar esquerdo, titular do cartão de pessoa colectiva número 501 301 186, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número 57 232, com o capital social de 3 000 000$00.

Certifico que por escritura de 10/8/87 lavrada de folhas 19 a folhas 20 verso do livro número 236-E das notas do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, Tawfiq Ahmed Khalil Hamdan dividiu a quota de 1 500 000$00, em 2 novas quotas, uma de 1 200 000$00 que cedeu a José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e uma de 300 000$00 que cedeu a Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos.

O cedente renunciou à gerência

José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e mulher, Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos, como únicos sócios da referida sociedade deliberaram nomear Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos gerente da sociedade e alterar os artigos 4.º, e 7 º do pacto nos termos seguintes·

4.º

O capital é de três milhões de escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma quota de um milhão e quinhentos mil escudos e outra de um milhão e duzentos mil escudos, de José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e uma quota de trezentos mil escudos, de Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos.

7.º

Ambos os sócios são gerentes, vinculando-se a sociedade validamente com a assinatura de qualquer dos gerentes.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial, que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 14 de Agosto de 1987.

A Ajudante,
Maria da Ressureição Pereira Felício Patrício.

«DL» 3/11/1987

OPV's de ontem com valores mais realistas

Os montantes gerados nas oito Ofertas Públicas de Venda de acções ontem realizadas nas Bolsas de Lisboa (3) e do Porto (5) excederam os encaixes mínimos em percentagens que variaram entre os 4.5 e os 86.6 por cento. A maioria das OPV's realizadas desde finais de Agosto proporcionou encaixes duas a três vezes superiores aos montantes que teriam sido gerados se as acções fossem vendidas aos respectivo preço base. O número recorde de 1.225.000 acções, de oito empresas, vendidas num só dia, nas Bolsas, rendeu um total de 6.701.637 contos, valor que excede em apenas quarto (25.2 por cento) o montante mínimo global, que era de 5.350.000 contos. No entanto, este valor não chega a metade do montante global recorde gerado no passado dia 12 de Outubro, quando apenas quatro OPV's proporcionaram um encaixe total de 15.6 milhões de contos. O montante global gerado nas cinco OPV's de ontem, na Bolsa do Porto, foi de 4.178.397 contos, contra um mínimo de 3.150 contos, ou seja, mais 32.6 por cento. As acções da «Vilatéxtil» renderam 962.460 contos (mais 53.9 por cento do que o valor mínimo), as da «Oliveira e Ferreirinha» 283.600 contos (mais 13.4 por cento), as da «Mecânica Alfa» 370.296 contos (mais 48.1 por cento) e as da «Valdec» 140.013 contos (mais 86.6 por cento). Em Lisboa as três operações de venda proporcionaram um encaixe tortal de 2.523.240 contos, valor superior ao mínimo (2.200.000 contos) em apenas cerca de 14 por cento. A OPV da «Copan» rendeu 604.561 contos (mais 51 por cento que o montante mínimo), a da «Ariston» 1.568.845 contos (mais 4.5 por cento) e da «ERG» 349.834 contos (mais 16.6 por cento). Na operação da «Ariston» é de salientar duas transações significativas: uma de 24.900 acções e outra de 236.480 acções, ambas a preço de rateio.

OUTRAS NOTÍCIAS

•A «SOPOL» lançou ontem, aos balcões dos Bancos Espírito Santo e Comercial de Lisboa e Pinto & Sotto Mayor e CISF, uma emissão de 70 mil acções ao preço de 3.000 escudos cada. A operação termina hoje e faz parte de um aumento do capital da empresa para 280.000 contos.

•A **«Téxtil José Machado de Almeida»** vai emitir, por subscrição particular, um empréstimo obrigacionista no valor de 500.000 contos. A operação é liderada pelo Banco de Fomento Nacional e a data proposta para a emissão é 16 deste mês. O empréstimo destina–se a financiar um investimento no valor de 1.5 milhões de contos, tendo como objectivo a produção de fio de alta qualidade utilizado em modernas tecnologias.

•A «GAP» (Gestão Agro–Pecuária) decidiu elevar o capital social da empresa de 265 mil para 500 mil contos. Dentro de duas semanas, uma assembleia geral, já convocada, deverá decidir um novo aumento de capital. O aumento agora decidido será parcialmente realizado através de uma subscrição pública de 106 mil acções que está a ser preparada pela ESSI (Espírito Santo Sociedade de Investimentos) para princípios de Dezembro. O preço previsto é de 2 mil escudos por acção.

•O grupo «D.Pedro» (investimentos turísticos) decidiu aumentar o seu capital social de um milhão de contos para 1.45 milhões. A empresa vai emitir 450 mil novas acções, no valor nominal de 1.000 escudos. A subscrição decorrerá de 14 a 18 de Dezembro.

•A «EDP» vai sortear, no próximo dia 16, 572 obrigações com o valor nominal unitário de mil escudos emitidas pela Hidro Eléctrica do Alto Alentejo. Os títulos sorteados serão reembolsados pelo seu valor nominal a partir de de 15 de Dezembro deste ano.

Bolsa do Porto ultrapassa previsões

Ao transacionar ontem 4.178 milhões de contos, a Bolsa do Porto elevou para 103.720 milhões de contos o volume de transacções realizadas desde o início do ano, número que ultrapassa as previsões iniciais da sua comissão directiva, as quais apontavam para 40 milhões de contos até ao final do ano. Este movimento deve–se, em parte, aos montantes trasacionados em sessões especiais de Bolsa através de Ofertas Públicas de Venda de acções, que representam cerca de 50 por cento dos totais transacionados. Em sessões normais de Bolsa foram movimentados um total de 13.516 milhões de títulos, que envolveram 58.219 milhões de contos. Ontem, nas cinco Ofertas Públicas de Venda, a Bolsa nortenha transacionou um total de 725 mil acções, envolvendo um total de 4.178 milhões de contos. Em declarações públicas, o auditor geral do mercado de títulos, Pires de Matos, declarou, entretanto, que o modo como estão a decorrer as Ofertas Públicas de Venda na Bolsa do Porto é bastante positivo pela rapidez e transparência dos processos. Referindo–se aos baixos preços atingidos pelas acções das cinco OPV's ontem realizadas, Pires de Mato atribuiu o facto ao «arrefecimento» a que se tem assistido nas Bolsa de Valores, dado que os investidores estão a ser mais cuidadosos nas suas aplicações.

CONFEDERAÇÃO DAS PME'S CONTRA 'GIGANTES COMERCIAIS'

O desenvolvimento dos «gigantes comerciais» e as formas usadas pelo Governo para controlar a inflação, limitando o crescimento do consumo, são algumas das questões que preocupam a Confederação portuguesa das Pequenas e Médias Empresas (CPME).

- Número de supermercados 375
- Taxa de crescimento entre 31.12.74 e 31.8.85 91%
- Superfície total de exposição e venda 179 004 m²
- Superfície média 477 m²
- Superfície de exposição e venda por 1 000 habitantes 19,2 m²

Em documento distribuído aos orgãos de comunicação social, aquela confederação considera que o evoluir das grandes cadeias de comércio no nosso país constitui «um perigo real para o pequeno e médio comércio», até pelo tratamento preferencial de que gozam.

No plano legislativo, «as grandes empresas têm sido favorecidas pela Lei da Concorrência, com a liberalização dos preços, pela Lei da Fiscalização Económica, pela Lei dos Horários do Comércio, pela Lei das Sociedades Comerciais, pela Lei das Vendas a Prestações, pela introdução extemporânea do IVA e pela existência de um conjunto numeroso de taxas específicas que paralizam sobretudo o pequeno comércio», considera a CPME. Isto acontece devido à «ausência de uma política de crédito estimulante para os pequenos e médios empresários, em contraste com a abertura aos grandes grupos».

No plano económico, as grandes empresas comerciais «são favorecidas pela expansão de um determinado tipo de consumo oneroso», em detrimento do «consumo corrente», e pelas «enormes vantagens que obtêm junto da banca e dos fornecedores» no acesso ao crédito, queixa–se a CPME, que protesta contra a ausência total de «medidas protectoras dos pequenos e médios empresários».

A mesma confederação considera que «a articulação desta conjuntura legislativa e económica» com a adesão às Comunidades Europeias, «incentiva as cadeias internacionais a penetrarem no mercado nacional, subtraindo-o à pequena e média iniciativa privada nacional». Exigindo a «alteração da legislação para defesa das PME´s», a CPME mostra–se disponível para colaborar nesse processo.

Prioridades contestadas

Considera igualmente a CPME que a decisão de Governo de limitar o crédito e de condicionar as vendas a prestações «não ajuda à expansão desejada da nossa economia». Manifestando embora entendimento das intenções do Governo de limitar o consumo e, através dele, a pressão sobre as importações e a inflação, a CPME considera que «é positivo que a nossa população possa ter acesso a melhores padrões de vida e que possa consumir mais para aumentar o mercado interno e estimular a produção nacional». Do mesmo modo, a CPME acha justo o combate ao défice externo, mas reclama uma política expansionista que leve a um aumento acelerado da produção nacional.

Sempre na mesma linha de raciocínio, a CPME, «sem pôr em causa o esforço que o actual Governo está a fazer para estabilizar a economia», contesta o último aumento dos preços dos combustíveis, que não pode deixar de se reflectir na actividade comercial e industrial. Após sustentar que Portugal é, no contexto europeu, um dos países em que os preços dos combustíveis mais oneram os consumidores, a CPME considera injusto que, pela opção do Governo de reduzir o consumo dos particulares, «tenham de pagar os agentes económicos e a economia nacional como um todo».

«O Governo deveria estudar formas de incentivar a indústria e o comércio, em primeiro lugar as PME´s, e não o contrário», conclui a CPME.

Por último, a CPME anuncia para a primeira metade do próximo ano uma conferência nacional de pequenos e médios empresários para concluir sobre as repercussões da adesão à CEE na economia do país em geral e nas PME´s em particular.

Evolução do número de supermercados

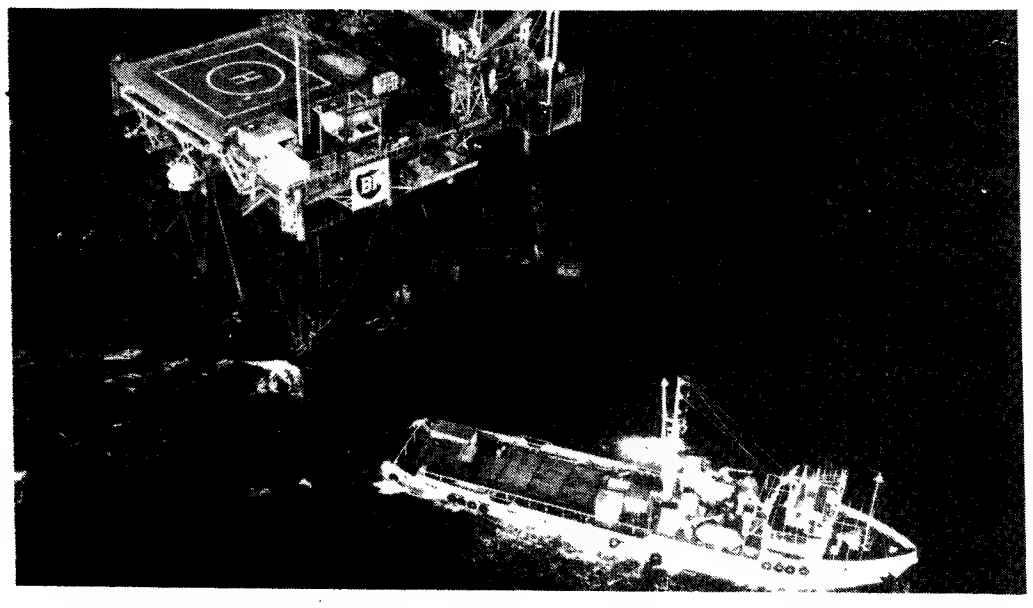
Distritos	Número de Supermercados			Estrutura regional em 1985
	31.12.74	31.12.80	31.8.85	
Aveiro	12	14	19	5,1%
Beja	-	-	-	
Braga	3	10	12	3,2%
Bragança	1	1	3	0,8%
C. Branco	-	2	2	0,5%
Coimbra	13	17	17	4,5%
Évora	2	2	3	0,8%
Faro	8	12	20	5,3%
Guarda	4	4	4	1,1%
Leiria	9	11	14	3,7%
Lisboa	92	127	153	40,8%
Portalegre	-	1	3	0,8%
Porto	30	40	70	18,7%
Santarém	6	9	15	4%
Setúbal	9	12	22	5,9%
V. Castelo	3	5	10	2,7%
V. Real	1	1	2	0,5%
Viseu	3	6	6	1,6%
Continente	196	264	375	

CPME reclama lugar na concertação social

A Confederação portuguesa das Pequenas e Médias Empresas (CPME), define–se como uma organização que, «sem pretender ocupar espaços já ocupados por outras congéneres, reivindica para si a representação do sector mais vasto da nossa economia, formado pelas pequenas e médias empresas».

Como forma de actuação a CPME afirma privilegiar o diálogo: com os orgãos institucionais, nomeadamente a Presidência da República, a Assembleia da República e o Conselho de Ministros, e também com os parceiros sociais da área das PME´s, sejam eles representativos dos trabalhadores ou da parte patronal.

Por essa razão, a CPME considera–se com direito a participar no Conselho Permanente de Concertação Social e anuncia que irá «promover as diligências necessárias para que tal ocorra» o mais cedo possível.



Em consequência das tempestades bolsista e monetária

A PRIVATIZAÇÃO POSTA EM CAUSA

Os países em causa devem render-se à evidência: o grande movimento de privatização que se alastou a todo o mundo no curso dos últimos dezoito meses está temporariamente parado.

Para levar por diante a sua teimosia, o governo conservador britânico que se assumiu como a vanguarda do movimento de privatização no mundo ocidental, quebrou deliberadamente a regra do jogo.

Ao aceitar, quinta-feira passada, recomprar as acções da British Petroleum (BP) a um preço inferior ao de emissão, o chanceler do Tesouro deu um prazo de um mês ou dois aos bancos garantes da operação de modo a que possam definir uma estratégia sobre a maneira de ajustar as suas contas, as perdas e proveitos e de financiar a sua implicação num negócio infeliz.

Com efeito, do total de 2,1 mil milhões de títulos correspondente a 31,5 por cento do capital ainda na mão do Estado e ainda a um aumento de capital, apenas 3,5 por cento foi subscrito por 270 mil pequenos investidores. Com o título cotado sexta-feira passada a 86 pences, cerca de 34 por cento menos que o preço de emissão, a operação resultou na primeira vez que uma privatização dá tão elevados prejuizos.

Em contrapartida, Nigel Lawson não resolveu em nada o problema de fundo que é saber se será necessário, em nome dos grandes princípios, se obstinar no erro e sistematicamente ignorar os termos da «cláusula de força maior» incluída em todo o tipo de contrato deste género.

Se, na borrasca sem precedente que arrastou todas as Bolsas do mundo e que, em definitivo, afectou mais Londres que Nova Iorque precisamente pela amplitude da operação da BP, não se pôde aplicar a dita cláusula que estipula que uma emissão pode ser anulada em caso de as condições de mercado se revelarem adversas, quando será que se levá-la-à a cabo?

O paradoxo é que, ao agir do modo que se agiu, as autoridades britânicas, quer elas queiram ou não, renacionalizaram parcialmente a BP no mesmo momento em que a sociedade petrolífera havia sido privatizada.

Este foi o resultado pouco satisfatório de um laborioso compromisso entre, de um lado, os bancos britânicos que se desembaraçaram junto da sua clientela do papel que lhes cabia, e de outro, os estabelecimentos estrangeiros, particularmente os canadianos e americanos, que sem alternativa foram compelidos a assumir perdas importantes.

Qualquer que seja o objectivo inicial ou a vontade política, o último julgamento sobre a matéria deve caber ao mercado. Este, declarando-se claramente contra a privatização da BP tendo em conta as condições nefastas, levou o governo britânico a diferir a transacção. À excepção dos britânicos que puderam retirar as suas peças do jogo, os banqueiros internacionais são unânimes sobre este ponto: não há nenhuma vergonha em retardar uma escolha a partir do momento em que uma situação se altera. e que a imbecilidade consiste em previamente politizar uma decisão que deveria ser exclusivamente financeira.

Em França, será preciso esperar que Balladur retira as conclusões que se impõem da saga BP. Porque ela se desenrolou num clima de euforia, as primeiras privatizações francesas foram efectuadas ao preço muitas vezes demasiado elevados. As últimas que se realizaram a partir de preços baixos, não se portaram melhor quando a tempestade chegou. A queda do preço de emissão, em muitos casos como a do Suez testemunha, significa que o preço não é o melhor critério, devendo este ser transposto para o estado do mercado.

Só uma baixa generalizada, forte e contínua, das taxas de juro, acompanhada de uma baixa suficiente do dólar - para que esta moeda se encontra num nível realista aos olhos dos investidores internacionais -, é susceptível de trazer a calma aos mercados, onde as preocupações monetárias substituiram as advindas do «krash» das últimas semanas.

Os euro banqueiros estimam que, para amainar a atmosfera, seria necessário que a divisa americana se desvalorizasse o mais rapidamente possível de 10 a 20 por cento em relação do marco e ao iene.

As taxas de juro começaram a baixar um pouco por todo o mundo. É necessário que esse ambiente persista de modo a que, ao provocar uma baixa suplementar dos rendimentos obrigatórios, estes se aproximem dos das acções. Logo que no espírito dos investidores a componente «ganhos de capital» diminuia ou desapereça, a componente «rendimento» cresce em proporção. Se os rendimentos sobre as obrigações regressam suficientemente para não fazer concorrência excessiva aos rendimentos das acções, a harmonia entre valores de rendimentos fixos e aqueles que são variáveis deverá se reestabelecer.

Por outro lado, a baixa substancial das taxas de juro amorteceria o efeito deflacionista que não pode, mais tarde ou mais cedo, deixar de levar a um afundamento dos mercados bolsistas superior a 1 500 mil milhões de dólares, não falando já do aligeiramento que teria sobre a dívida norte-americana e sobre a do terceiro mundo.

Marconi: jogar em títulos antes de investir na empresa

Companhia Portuguesa de Rádio Marconi: há dois anos atrás este nome representava, para a maioria dos cidadãos, apenas mais uma empresa. De então para cá, a Marconi quase se tornou um símbolo. As suas acções foram as mais transaccionadas na Bolsa de Lisboa, quer em 1986, quer no primeiro semestre deste ano, e são unanimemente apontadas como um dos títulos cotados mais apetecíveis - porventura o mais apetecível. Para além disso, é, num sector difícil pela rápida inovação tecnológica que o caracteriza, uma empresa com evidente sucesso económico, com a curiosidade de o seu accionista maioritário ser o IPE - Investimentos e Participações do Estado, que detém 52% do capital social.

Se o facto de a Marconi ser a mais transaccionada em Bolsa é, de algum modo, do conhecimento de todos, o mesmo não se pode dizer em relação ao facto de a Marconi, entre o fim de Junho do ano passado e momento idêntico deste ano, ter aumentado a sua carteira de títulos de menos de um milhão para mais de 5,5 milhões de contos. Estes números representam um aumento de 488,7 por cento no saldo da conta de imobilizações financeiras, enquanto o valor global dos custos correntes da empresa - que podemos interpretar, de forma genérica, como o esforço desenvolvido na sua actividade produtiva - aumentou apenas 3,5 por cento, no mesmo período.

Confrontado com esta situação pelo «Diário de Lisboa», Henrique Constantino, presidente do Conselho de Administração da Marconi, justificou-a pela necessidade da empresa colocar os fundos libertos no decorrer da sua actividade, com «rentabilidade, liquidez e segurança». Isto, enquanto não chega a altura para «investimentos importantes que a Marconi vai ter de fazer nos próximos anos» e que se prendem com o reforço e substituição da rede de cabos submarinos (o cabo de ligação ao Reino Unido termina a sua vida útil em 1989) e com o acompanhamento da inovação tecnológica, de modo a poder sustentar um aumento do tráfego de comunicações, disse Henrique Constantino, que falava em mais um encontro com jornalistas organizado pelo Hotel Meridien. De passagem, salienta-se a afirmação de Henrique Constantino de que a Marconi tem acompanhado com atenção a inovação tecnológica do sector, ombreando de igual para igual «com qualquer empresa congénere de qualquer parte do mundo».

Questionado pelo «DL» sobre se a presente crise que o mercado de capitais vive em Portugal e em todo o mundo não poderia pôr em causa as características de «rentabilidade, liquidez e segurança» do investimento em títulos, o presidente da Marconi salientou que a importância da carteira de valores mobiliários da empresa «não é tão grande quanto isso» e mostrou-se convicto de que «a retoma a que internacionalmente se assiste nas Bolsas também se reflectirá em Portugal». Neste momento, «a Marconi não está a vender títulos nenhuns», garantiu.

Quanto à hipótese de realização de uma OPV, Henrique Constantino, sem a afastar definitivamente, disse que a Marconi «não tem necessidades de capital a curto prazo» e que quando essas necessidades se fizerem sentir, existem outras alternativas, «quer no mercado primário, quer no secundário».

Outro tema bastante em foco no diálogo com os jornalistas, foi a hipótese de privatização da Marconi. Henrique Constantino começou por referir que «não é correcto falar-se em privatização», porque a Marconi é uma empresa com estatuto jurídico privado, na qual o IPE detém uma participação maioritária. «Não existe qualquer restrição legal à venda da participação do IPE na Marconi», disse Henrique Constantino, acrescentando que a sua concretização ou não constitui «uma opção estratégica do Estado»..

Henrique Constantino disse ainda que o Estado não interfere na gestão corrente da Marconi. Interrogado sobre se a empresa funcionaria melhor ou pior sem participação estatal, Henrique Constantino disse: «só experimentando».

E.P.

BATECO-INDÚSTRIAS METALÚRGICAS E MELALOMECÂNICAS, LIMITADA,

Sociedade comercial por quotas, com sede na Quinta do Lamas Estrada da Paiã, em Odivelas Concelho de Loures, titular do cartão de pessoa colectiva número 500591156 matriculada na Conservatoria do Registo Comercial de Loures sob o número 2 414 e com o capital social de 600 000$00

Certifico que por escritura de 10/8/87 lavrada de folhas 21 a folhas 22 verso do livro 236 E do 20 Cartório Notarial de Lisboa, Tawfiq Ahmed Khail Hamdan dividiu a sua quota do valor nominal de 300 000$00 em duas novas quotas uma de 250 000$00 que cedeu a José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e uma de 50 000$00, que cedeu a Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos, o cedente renunciou a gerência

José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e mulher D. Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos como unicos socios da referida sociedade, deliberaram por unanimidade nomear gerente Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos da sociedade Pela mesma escritura alteraram os artigos terceiro e quinto do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção

3.º

O capital social e de seiscentos mil escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios uma quota de trezentos mil escudos e outra de duzentos e cinquenta mil escudos, de José Alberto da Silva Loureiro de Lemos e uma quota de cinquenta mil escudos, de Maria Fernanda Rosa Faria de Lemos.

5.º

Ambos os sócios são gerentes, vinculando-se a sociedade validamente com a assinatura de qualquer dos gerentes

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 17 de Agosto de 1987

A escriturária-superior,
Maria José Lopes Guerra de Barros

«DL» 3/11/1987

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	53$80	59$80
ALEMANHA FED. (marco)	79$50	80$70
ÁUSTRIA (xelim)	11$30	11$50
BÉLGICA (franco)	3$604	3$854
BRASIL (cruzado)	1$301	2$001
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104$00	106$50
(notas de 5 a 1000)	104$50	107$00
DINAMARCA (coroa)	20$60	21$00
ESPANHA (peseta)	1$161	1$281
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$75	140$25
(notas de 5 a 1000)	137$25	140$75
FINLÂNDIA (marka)	32$35	32$95
FRANÇA (franco)	23$45	24$15
HOLANDA (florim)	70$65	71$75
IRLANDA (libra)	212$55	216$55
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$953	1$008
NORUEGA (coroa)	21$00	21$50
REINO UNIDO (libra)	237$50	242$00
SUÉCIA (coroa)	22$15	22$65
SUÍÇA (franco)	96$20	97$70
VENEZUELA (bolívar)	4$046	5$046

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Guimarães a caminho da Bélgica

Suecos treinam em Alvalade

Pelas 21, em Alvalade

Começa com o Sporting-Kalmar mais uma caminhada "uefeira"

Quando o relógio marcar 21 horas será dado o silvo primeiro para que tenha início a segunda eliminatória das competições futebolísticas da UEFA, com as «honras de abertura» a pertencerem ao Sporting e ao Kalmar, tendo por palco o Estádio Alvalade. Um jogo em que se deseja a total reconciliação entre os futebolistas «leoninos» e os seus consócios, mas, para isso, é necessário que o Sporting «sacuda» os suecos da Taça das Taças. Hoje, vencer é o importante, mas cuidado que os «leões» têm a desvantagem de 1-0, pelo que Rui Correia terá que fechar as «comportas» da sua baliza. Burkinshaw em mostrado andar um pouco amuado com os seus comandados e discute-se quem terá a razão por seu lado. Esta noite o que importa é vencer e se possível convencer. Como novidades, as ausências de Fernando Mendes no lote dos 16, e tudo aponta para este onze inicial: Rui Correia; João Luís, Duílio, Morato e Virgílio; Carlos Xavier, Oceano, Mário Jorge e Silvinho; Sealy e Cascavel. No banco: Damas, Vítor Santos, Mário, Houtman e Litos.

●

Enquanto os «leões» se preparam para o grande exame desta noite, pela Luz reina total serenidade ainda que Skovdhal não possa contar com Diamantino e Magnusson para o encontro com o Aarhus. Quanto aos demais mr. Ebbe escolheu: Silvino, Bento, Veloso, Mozer, Álvaro, Edmundo, Carlos Pereira, Dito, Tueba, Shéu, Carlos Manuel, Vando, Nunes, Chiquinho, Chalana e Águas.

●

Por terras da Bélgica e da Hungria estão o Vitória de Guimarães e o Chaves, dispostos a não cessarem ainda a sua participação na Taça UEFA. Quanto aos vimaranenses, todos os elementos disponíveis, enquanto que Raul Águas não pode contar com duas pedras influentes. São eles: Serra (castigado) e Padrão (lesionado), mas a confiança mora em Beveren e em Budapeste. Confiança lusa, já se vê.

FC Porto - Real Madrid renderá 300 mil contos

EM DIRECTO OU EM DIFERIDO A RTP TRANSMITIRÁ O JOGO

Ivic atento ao comportamento de Barriga

E ponto assente: em directo ou em diferido, a RTP vai transmitir o encontro FC Porto-Real Madrid, tido por quase toda a gente como uma final antecipada da Taça dos Clubes Campeões Europeus. Esta manhã, ainda, decorriam contactos entre o conselho de gerência da RTP e a direcção do FC Porto com vista a um acordo para a referida transmissão, acordo esse que passará, naturalmente, pela defesa dos interesses do Benfica que joga, também, amanhã, à noite no seu estádio.

Seja como for, uma coisa é certa: os portuenses e os nortenhos, de uma forma geral, terão quase garantido o espectáculo em directo, assegurada que está a transmissão para toda a Europa, Espanha incluída. Assim sendo, dada a facilidade de captação do segundo canal da TV espanhola, especialmente na região do grande Porto, poucos serão os que deixarão de testemunhar as peripécias do grande jogo.

Bilhetes não há. Ou melhor: os poucos que restam estão nas mãos dos candongueiros (portugueses e espanhóis) que, desde ontem, os puseram à «venda» por preços absolutamente proibitivos. Nas imediações do reduto portista, houve quem pedisse 20 contos por uma bancada cujo preço facial é de 3500 escudos e 15 contos por uma superior que vale, oficialmente, apenas 2500 escudos. Refira-se, a propósito, que dado o elevado número de reservas feitas com grande antecedência, os responsáveis do clube «azul e branco» ficaram como se costuma dizer de mãos a abanar, razão pela qual as bilheteiras nem sequer chegaram a abrir.

Está assim garantida a moldura humana adequada para um encontro desta dimensão, podendo adiantar-se, desde já, que o remodelado anfiteatro portista irá registar a maior enchente de sempre, traduzida em 90 mil pessoas, entre elas 3500 espanhóis. Com isto, o FC Porto deverá arrecadar qualquer coisa como 120 mil contos, verba que será acrescida com mais 150 mil da venda dos direitos de transmissão para todo o mundo ao Canal 5 da TV italiana, propriedade do conhecido empresário Berlusconi, mais cerca de 30 mil contos da venda de publicidade no Estádio das Antas. Tudo somado, dá a bonita soma de 300 mil contos, um montante jamais alcançado em Portugal por qualquer clube.

Butragueño: concentra as atenções em Pedras Rubras

O interesse pelo encontro está bem patente, ainda, no número de jornalistas estrangeiros — cerca de meia centena — que solicitaram acreditação, o que motivou, desde logo, uma ampliação dos lugares destinados à informação, que passou para 256, mediante o «sacrifício» de alguns cativos habitualmente ocupados pelos dirigentes portistas.

●

O Primeiro-Ministro Cavaco Silva assistirá ao encontro, após proceder ao lançamento da primeira pedra da piscina olímpica coberta, projectada para as Antes e depois, também, de ser obsequiado com um jantar no novo restaurante das Antas, cuja inauguração ocorrerá igualmente amanhã, à noite.

No tocante à equipa portista, razão de ser, afinal, de tudo isto, está concentrada desde ontem no Hotel Sheraton, voltando esta tarde às Antas para um derradeiro ensaio. De acordo com as últimas informações do médico portista, mantêm-se as dúvidas quanto à possibilidade de utilização de Celso e Jaime Magalhães, ambos a contas com problemas nas virilhas. A recuperação está a decorrer dentro da normalidade e só amanhã se saberá, com segurança, se os dois jogadores estarão em condições de serem utilizados por Ivic.

Quanto aos espanhóis, «moram» desde ontem em Espinho. O Real Madrid trouxe todas as suas «estrelas» e o técnico Beenhakker revelou, à chegada, que pensa apresentar o mesmo «onze» de Valencia. Camacho e Jankovic, que estavam em dúvida, também vieram e segundo o técnico, estão em perfeitas condições. Os jogadores espanhóis evidenciaram um certo optimismo e todos eles, sem excepção, expressaram a convicção de que o jogo de amanhã à noite vai proporcionar alguns golos. Para que lado? Bem, sobre isso, os madrilenos limitaram-se a dizer: «Nós queremos marcar alguns...»

À hora de encerrarmos esta edição, decorria no Hotel Praia-Golfe, em Espinho, uma conferência de Imprensa do Real Madrid que, entretanto, se deslocará também logo, ao fim da tarde, às Antas, para testar o relvado e a luz artificial.

Manuel Neto

ALL STAR CONVERSE

A ESCOLHA DAS ESTRELAS

A "PRIMEIRA PARTE" FOI ASSIM

Realmente as esperanças mantêm-se intactas para as cinco equipas portuguesas, ainda que o Desportivo de Chaves, com uma derrota no seu estádio tenha a «vida» um pouco complicada e o Vitória de Guimarães com um reduzido golo no bornal não possa alimentar grandes ilusões na Bélgica. Quanto ao Sporting, com o golo negativo, tem todas as possibilidades de continuar em prova e o Benfica seria «escandaloso» não passar. No que toca ao grande confronto ibérico tudo poderá acontecer tão nivelados são os artistas em confronto, mas estamos em crer que os «dragões» terão boas razões para confiar.

Vejamos como estão as coisas:

Taça dos Campeões

Neuchatel Xamax (Suíça)-Bayern Munique (RFA) 2-1
Real Madrid (Espanha)-**FC Porto (Portugal)** 2-1
Lilleströem (Noruega)-Bordéus (França) 0-0
Aarhus (Noruega)-**Benfica (Portugal)** 0-0
Glasgow Rangers (Escócia)-Gornik Zabrze (Polónia) 3-1
Sparta Praga (Checoslováquia)-Anderlecht (Bélgica) 1-2
Rapid Viena (Áustria)-PSV Eindhoven (Holanda) 1-2
Steua Bucareste (Roménia)-Omónia Nicósia (Chipre) 3-1

Taça das Taças

Vlaznia (Albânia)-Rovaniemi (Finlândia) 0-1
OFI (Grécia)-Atalanta (Itália) 1-0
Den Haag (Holanda)-Young-Boys (Suíça) 2-1
Real Sociedad (Espanha)-Dynamo Minsk (URSS) 1-1
Kalmar (Suécia)-**Sporting (Portugal)** 1-0
Hamburgo (RFA)-Ajax (Holanda) 0-1
Maline (Bélgica)-St. Mirren (Escócia) 0-0
Marselha (França)-Hajduk Split (Jugoslávia) 4-0

Taça UEFA

Borússia Dortmund (RFA)-Velez Mostar (Jugoslávia) 2-0
Dundee United (Escócia)-Vitkovice (Checoslováquia) 1-2
Spartak Moscovo (URSS)-Werder Bremen (RFA) 4-1
Brondby (Dinamarca)-Sportul (Roménia) 3-0
Inter Milão (Itália)-Palloseura (Finlândia) 0-1
V. Guimarães (Portugal)-Beveren (Bélgica) 1-0
Milão A.C. (Itália)-Español (Espanha) 0-2
Wismut Aue (RDA)-Flamurtari Vlora (Albânia) 1-0
Aberdeen (Escócia)-Feyenoord (Holanda) 2-1
Chaves (Portugal)-Honved (Hungria) 1-2
Ultrecht (Holanda)-Hellas Verona (Itália) 1-1
Barcelona (Espanha)-Dynamo Moscovo (URSS) 2-0
Toulouse (França)-Bayer Leverkusen (RFA) 1-1
Panathinaikos (Grécia)-Juventus (Itália) 1-0
Estrela Vermelha (Jugoslávia)-Bruges (Bélgica) 3-1
Victoria Bucareste (Roménia)-Dynamo Tbilissi (URSS) 1-2

Futebol: sorteio da Taça

Campeões da Europa vão a Moura

Com a presença de José Manuel Torcato, César Grácio e António Malva, realizou-se, ontem, o sorteio relativo à 3.ª eliminatória da Taça de Portugal que teve o seguinte desfecho:

Sporting Farense-Sporting.

●

Paços de Ferreira-**Benfica;** Silves-**Varzim; Espinho**-União de Almeirim; Felgueiras-**Belenenses;** Tirsense;**Portimonense;** Nacional-**Boavista; Sporting da Covilhã**-Torreense; Samora Correia-**Elvas;** Olhanense-**Académica;** Bragança-**Chaves; Sporting de Braga**-Moreirense.

Palmelense-**Penafiel; Salgueiros**-Leça; Quarteirense;**Marítimo;** Vitória de Lisboa-**Vitória de Setúbal;** Moura-**FC Porto.**

●

Sport Lisboa e Fanhões-**Rio Ave.**

●

Esperança de Lagos-Trofense; Sacavenense-Estarreja; Águeda-Mangualde; Lixa-Costa de Caparica; União de Lamas-Oliveira do Bairro; Cova da Piedade-Estoril; União de Santiago-União da Madeira; Leixões-Amora; União de Coimbra-Desportivo de Aves; Associação Desportiva de Fafe-União de Santarém; Oriental-Feirense; Gil Vicente-Barreirense; Académico de Viseu-Atlético.

●

Vianense-Serpa; Sport Lisboa e Olivais-Freamunde; Joane-Beira Mar; Estrela de Portalegre-Atlético do Cacém; Anadia-Famalicão; Alcanenense-Mirense; Seia-Montijo; Vila Real-Vilafranquense; Juventude de Évora-Santa Clara; Odivelas-Macedo de Cavaleiros; Lusitano de Évora-Vizela; Futebol Benfica-Guarda; Marinhense-Santa Combadense; Peniche-Pedrouços; Marco-União de Montemor; Lourosa-Sandinenses.

●

União de Leiria-Argus; Paredes-Lusitânia dos Açores.

●

Lousanense-Sintrense; Esposende-Sporting de Lamego; Alverca-Valonguense; Paroquial de Fátima-Amarante; Fundão-«Os Vilanovenses» Ponte da Barca - Mirandense; Ermesinde - Cinfães.

●

Vitória de Guimarães (I Divisão)-Murça (III) ou Mogadouro (D); Maia (III) ou Sangalhos (D)-Quimigal (III); Torres Novas (D) ou Luso (III)-Oliveira do Hospital (III); Caldas (II)-Pesseguei-rense (III) ou Nazarenos (III); Candal (D) ou Pedras Salgadas (D)-Estrela da Amadora (II); Oliveirense (III) ou Vinhais (III)-Louletano (II); Marinha (D) ou União de Tomar (D)-Marialvas (II); Oliveirinha (III) ou Mealhada (III)-Portalegrense (III).

EP

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	12	12	0,0	M. nub.
V. Castelo	14	14	0,0	Encob.
Vila Real	14	14	0,0	Encob.
Porto	15	14	0,0	Encob.
Coimbra	17	17	0,0	P. nub.
C. Carvoeiro	15	15	0,0	Encob.
C. Branco	13	13	0,0	Neblina
Portalegre	13	11	0,0	P. nub.
Lisboa	14	14	0,0	M. nub.
Evora	13	12	0,0	P. nub.
Beja	13	13	0,0	Encob.
Faro	16	14	0,0	Chuva f
Sagres	15	15	0,0	Chuva
P. Delgada	15	15	0,0	Limpo
Funchal	18	18	0,0	P. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 17 Porto 20, Faro 18, Ponta Delgada 20, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

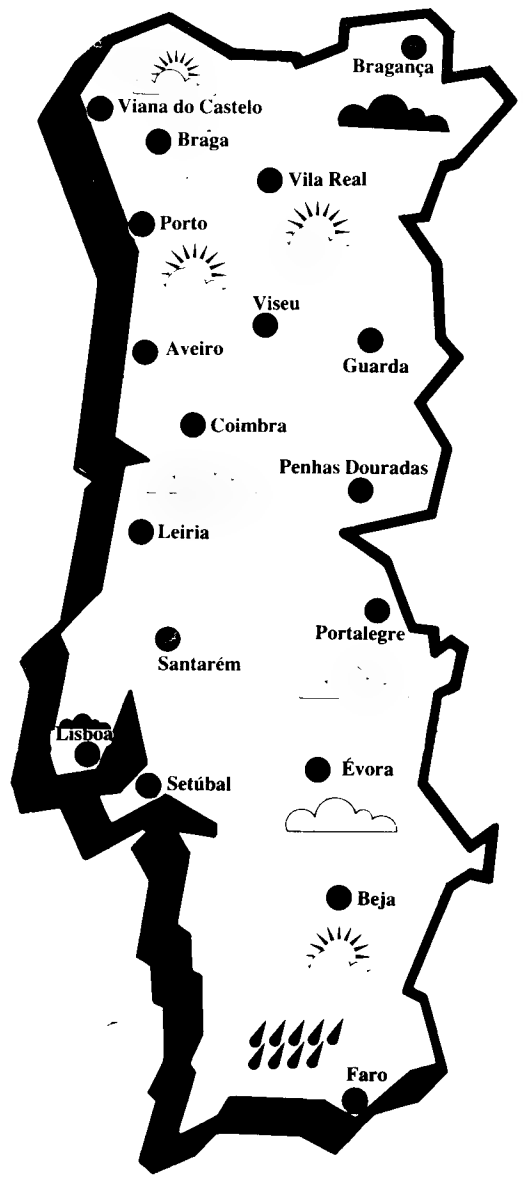
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	13	13	M. nub.
Londres	7	7	Neblina
Paris	7	7	Neblina
Bruxelas	6	5	Neblina
Amesterdão	5	2	Nevoeiro
Genebra	10	10	Neblina
Roma	13	13	Trovoada
Oslo	0	0	Nevoeiro
Copenhaga	2	3	Neblina
Estocolmo	0	0	P. nub.
Berlim	6	5	P. nub.
Viena	6	4	Neblina
Varsovia	3	2	Neblina
Atenas	13	11	Encoberto
Moscovo	-4	-	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	20	28	Limpo
Joanesburgo	16	26	Nublado
Los Angeles	17	22	Chuva
Montreal	3	9	Limpo
Nova Deli	18	31	Limpo
Nova Iorque	7	18	Nublado
R. de Janeiro	15	29	Limpo
S. Francisco	15	18	Nublado
Sao Paulo	14	25	Limpo
Luquio	13	14	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu geralmente muito nublado. Vento sueste fraco a moderado. Períodos de chuva e aguaceiros.

Estado do mar:

Costa Ocidental — Mar de pequena vaga. Ondulação de sudoeste de 1 a 2 metros.

Costa Sul — Mar de pequena vaga. Ondulação sueste com 2 metros.

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento sueste em geral fraco e aguaceiros fracos, em especial no Sul.

DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento sueste em geral fraco. Possibilidade de aguaceiros fracos.

Nos Açores:

Céu muito nublado, com vento sul fraco a moderado, e períodos de chuva, nas ilhas dos Grupos Ocidental e Central, e céu pouco nublado com vento fraco, nas ilhas do Grupo Oriental.

Estado do Mar: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**

Na Madeira:

Períodos de ceu muito nublado. Vento noroeste moderado. Aguaceiros.

Estado do Mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste com dois metros.**

MARÉS

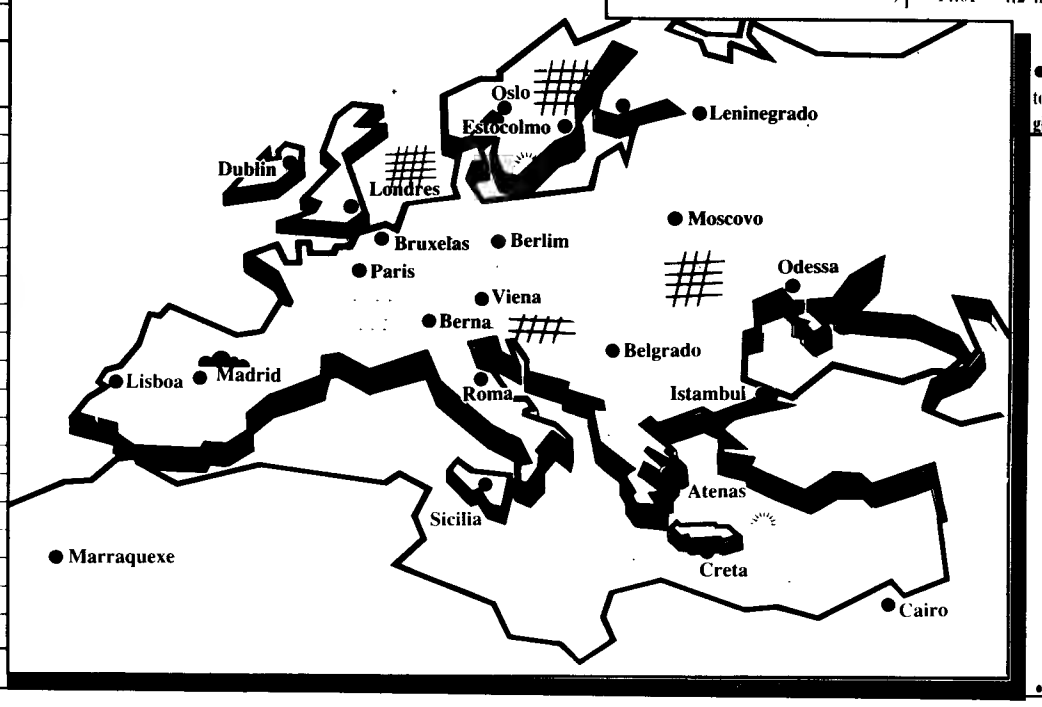
Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
1.01	3,9 m	6.47	1,2 m
13.17	3,9 m	19.12	1,0 m

Amanhã

1.44	4.1 m	7.28	1.0 m
14.01	4.2 m	19.49	0,9 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ODEMIRA

– ANÚNCIO –

Pela secção única do Tribunal Judicial de Odemira, correm termos a ACÇÃO SUMÁRIA N.º 9/87 em que são autores JOSÉ CASIMIRO EZEQUIEL MARREIROS, residente em Alverca do Ribatejo e outros, e réus a C.ª SEGUROS BONANÇA, EP com sede em Lisboa e JOSÉ MANUEL ALVES DA SILVA, solteiro, funcionário dos Serviços Hidráulicos, residente em parte incerta e com última residência conhecida no Rossio n.º 9 em Montemor-o--Novo, é este réu CITADO PARA CONTESTAR, no prazo de DEZ DIAS que começam a contar da data da segunda e última publicação do presente anúncio, sob pena de ser condenado no pedido que os autores deduzem naquele processo e que consiste em pagar aos autores a quantia de 789 223$60, acrescida de juros à taxa legal. É por este meio também CITADO para no mesmo prazo deduzir oposição à concessão do benefício de Assistência Judiciária aos Autores. – DILAÇÃO MÍNIMA –

O respectivo duplicado encontra-se à disposição do réu na Secretaria Judicial desta comarca.

Odemira, 22/Outubro/1987

O JUIZ DE DIREITO
Ilegível

ESCRIVÃ ADJUNTA
Ilegível

DL 3/11/87 – 1.ª pub.

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Notário: Francisco Roldão Pinheiro

A presente fotocópia, extraída da acta número um barra oitenta e sete, lavrada das páginas nove e dez, do livro de actas da assembleia geral, devidamente selado, com termo de abertura e de encerramento, da sociedade «AUTOCOLUMBANO – Oficina de Reparações, Limitada», com sede na Rua António Granjo, números dezasseis B, dezasseis C e dezasseis D, em Lisboa, está conforme ao original.

Lisboa catorze de Outubro de mil novecentos e oitenta e sete.

A Ajudante
Helena Maria

ACTA N.º 1/87

Aos doze dias do mês de Junho do ano de mil novecentos e oitenta e sete, na sede social, pelas vinte horas, reuniram-se os sócios de AUTOCOLUMBANO – OFICINA DE REPARAÇÕES, LIMITADA, respectivamente Mário Lopes, Hortense Vidal Gonçalves Lopes, Maria Clara Lopes, Matilde Maria Gonçalves Lopes de Matos Helena Maria Gonçalves Lopes Faria e Cecília Gonçalves Lopes, os quais representam a totalidade do capital social, após a escritura de cessão de quotas e alteração do pacto social, lavrada no dia oito de Maio de mil novecentos e oitenta e sete, no Décimo Quinto Cartório Notarial de Lisboa. A Ordem de Trabalhos da Assembleia Geral tinha um único ponto: Nomeação dos Gerentes. Iniciados os trabalhos, foi, pela sócia Hortense Vidal Gonçalves Lopes, pedida a palavra, sendo-lhe concedida, no uso da mesma, propôs fossem nomeados gerentes, com dispensa de caução e sem remuneração, os sócios Mário Lopes e Matilde Maria Gonçalves Lopes de Matos. Posta a proposta à votação foi a mesma aprovada por unanimidade. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Assembleia Geral, da qual se lavrou a presente acta, a qual, depois de lida e achada conforme, vai por todos ser assinada.

DL – 3/11/87

COMEPO – CONSÓRCIO MERCANTIL PORTUGUÊS, L.DA

Certifico que, por escritura de 9 de Julho de 1987, lavrada de fl. 37 a fl. 39 do livro de notas n.º 103-C do 19.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Luís Lopes Pereira, Carlos Cachulo Pires saiu da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas, com sede em Lisboa, na Rua de Andrade Corvo, 27, 5.º, direito, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 27 780, com o capital de 500 000$, e renunciou à gerência que nela vinha exercendo.

Está conforme o original.

19.º Cartório Notarial de Lisboa, 10 de Julho de 1987

O Ajudante,
Rui Jorge Pires Carrondo

«DL» 3/11/1987

DUAS VOZES COM DISSONÂNCIAS SOBRE A GASTRONOMIA DE ÉVORA

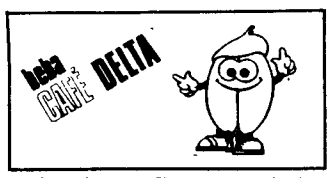
A bela capital alentejana e centro de uma das mais ricas gastronomias nacionais (não se enganem com os «slogans» que dizem o contrário!) demonstrou ontem as suas potencialidades no VII Festival de Gastronomia de Santarém. Ausentes por força das circunstâncias, recorremos uma vez mais às opiniões expressas por dois jornalistas da especialidade, David Lopes Ramos, de «o diário», e Melo Lapa, do «Diário de Notícias». Com a devida vénia, claro.

Trata–se, no caso de hoje, de dissonâncias sem grande significado, até porque partem de uma mesma base que é a qualidade geral da representação eborense (e afinal alentejana...), quer no que se reporta a confecção quer no plano da qualidade dos produtos.

É o caso, assinale–se, do enviado especial de «o diário», que refre desde logo: «A Câmara Municipal de Évora, numa demonstração, de que leva a sério a sua classificação de integrante do «Património Mundial», apresentou em Santarém uma refeição de prestígio em que se destacava uma favada de caça. Este prato, em que as favas pareciam mesmo frescas, tão tenras e doces eram, é uma composição bem interessante. No meu prato caíram bocados de perdiz, javali e lebre. Todos os bichos conservavam o seu sabor característico, o mesmo sucedendo às favas. Quem fez esta favada de caça conhece a arte do tempero».

Dissonância de Melo Lapa, no «DN»: «No entanto, para nós, este prato deveria ter levado um pouco mais de coentros; para nós que já mastigámos a referida favada feita por grandes mestres da cozinha alentejana, faltava–lhe o golpe de asa. Apesar disso, os nossos parabéns ao cozinheiro».

Ora, as entradas também mereceram elogios de Lopes Ramos e uma referência discreta de Melo Lapa. Diz o primeiro: «Cumpre ainda destacar a qualidade dos torresmos de «rissol» (a gordura que liga os intestinos do porco); do entrecosto de pimentão (uma delícia); o queijo de ovelha de Tolosa; as azeitonas novas pisadas».



«Maravilha das maravilhas» foi o qualificativo que mereceu a Melo Lapa a presença do «calducho», já em matéria de sopas, na sua simplicidade que assenta em grande parte no recurso a ervas, no caso os poejos. Diz o cronista: ««O Alentejo, em cuja gastronomia imperam as ervas, encontrava–se presente naquela sopa de receita simples, feita com água de cozer o bacalhau. Com o 'fiel amigo' desfiado, batata cortada em pequenos quartos, alho, azeite, poejos».

Mas havia mais, ainda em matéria de sopas. Trata–se de umas ervilhas com ovos, afinal a segunda dissonância: «cumpriram a sua missão, sem destaque nem grandezas, isto é, não estavam totalmente más», para Melo Lapa. «Parecia que este dia cinzento de fim de Outono era dia de Primavera e primícias», para Lopes Ramos.

Consonância, no caso das migas de batata com carne de porco: «estavam de acordo com as regras», segundo Melo Lapa, «bem temperadas, bem esmagadas com garfo, embora pouco quentes».

Uma nota de alguma unanimidade e, refira–se pela nossa parte, que com alguma perpetuação de anos anteriores: a escolha dos vinhos. Digamos, pela nossa parte, que os vinhos do Alentejo têm nos últimos anos sido representados por colheitas menos boas, até porque são as «reservas», cada vez mais, as legítimas representantes do que de bom há no Alentejo. Digamos que é uma questão de «sovinice», talvez a falta de convicção de que Santarém é uma aposta na divulgação da qualidade... a todos os níveis.

No entanto, Melo Lapa ainda revela alguma tolerância: «cumpriram com dignidade a missão que lhes foi pedida». Lopes Ramos é mais frontal: ««O branco do ano da Vidigueira bebia–se; o tinto não: apresentou–se aguardentado; o tinto do ano de Borba bebeu–se melhor, mas a favada pedia uma boa reserva». Enfim, às vezes são garrafas...

Uma nota, uma citação, do cronista de «o diário»: «Os restaurantes 'Garfo', 'A Nau' e 'Chaparral' confeccionaram o almoço e confirmaram que, no Alentejo há, pelo menos, mais três restaurantes — além de «O Fialho», em Évora, «Águias de Ouro», em Estremoz, onde pode comer bem, à alentejana».

Évora: património é tambám a gastronomia,. Mas o município eborense levou ainda a Santarém uma exposição fotográfica sobre os seus monumentos

Programa do festival

O dia de hoje no VII Festival de Gastronomia de Santarém está reservado à presença da capital, representada pelo Páteo Alfacinha, que, de resto, ocupa grande espaço na Casa do Campino com amostras diversas, que vão da doçaria aos vinhos da região de Lisboa.

Planos para a mesa são como seguem: aperitivo com mimos do Páteo; sopa rica de mariscos; caldeirada à fragateiro; perna de vitela assada à Castelo de S. Jorge; nos doces, sonhos da D. Tininha, pastéis de Belém, doce nobre; fruta diversa e vinhos branco de Bucelas e tinto Romeira.

Amanhã será um dia especial, da responsabilidade da Região dos Templários, dado que os pratos a apresentar são o resultado de alguma investigação histórica, sobre hábitos antigos e tradicionais, completado por um aturado trabalho de ensaios na cozinha para que fosse possível obter uma respeitável aplicação das velhas receitas.

Temos, assim, que as entradas são as seguintes: pinhões de Oleiros, figos secos de Torres Novas, enchidos de Vila de Rei, pão de brazões de Tomar, broa de Macieira da Sertã, maranhos e bucho à sertanense.

Segue–se a sopa, de feijão à moda de Vila Nova da Barquinha, com petingas; no peixe, há migas à moda de Torres Novas com enguias no espeto; na carne, couves à D. Prior (prato inspirado na cozinha conventual dos frades de Cristo). Uma tábua de queijos (Mação, Areias, Sertã, Torres Novas, Oleiros); fruta de procença–a–Nova; e fatias de Tomar, queijinhos de Vila de Rei, tijeladas de Ferreira do Zêzere, cavacas de Mação, arroz doce de D. Emília Camejo, de Vila de Rei, completam o cenário.

A RECEITA DO DIA

Patrocínio GALPgás
uma chama mais viva

Sopa gata

Ingredientes (para seis pessoas): 400 gramas de bacalhau cozido sem peles nem espinhas; um litro e meio de água a ferver; 150 gramas de pão de trigo cortado ás fatias; dois alhos; três colheres das de sopa de azeite e uma de vinagre; uma colher de sobremesa de colorau doce; pimenta moída.

Confecção: Na terrina em que há-de ser servida a sopa deitam-se os alhos pisados, o azeite, o vinagre e o colorau. Depois de tudo bem misturado, junta-se o bacalhau desfiado, o pão às tiras e a água a ferver, rectificam-se os temperos de sal e pimenta e serve-se a seguir bem quente. A água a ferver pode e deve ser substituída pela água da cozedura do bacalhau. Trata-se de uma espécie de açorda do bacalhau, cuja consistência varia de região para região.

uma chama mais viva
GALPgás

URSS: um apelo à «inteligência criativa»

A revista «Kommunist» define uma nova política cultural

«Kommunist», a revista teórica e política do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), publicou, em Outubro, a primeira definição da política cultural do «gorbatchevismo».

Este artigo, de onze páginas, que coloca em causa a política cultural seguida durante os «reinados» de Stalin e Brezhnev, intitula-se «Vocação da Cultura Soviética». Apresentado como um «editorial», não assinado, traduz as teses gerais defendidas por Alexander Yakovlev, responsável pela Cultura e Propaganda, figura muito próxima de Gorbatchev.

Um ano e meio depois do 27º Congresso, a revista lança um apelo à «inteligência criativa»: «Venham até nós e trabalhemos em conjunto, em novos moldes, em condições renovadas». Apela ao regresso «à revolução cultural leninista», por forma a permitir «uma abordagem moderna, flexível e atenta, dos problemas culturais e da sua diversidade crescente». «A sociedade socialista deve aprender a apreciar e a respeitar os artistas que ousam dizer a verdade». «É este o penhor de um desenvolvimento são e civilizado da sociedade».

«Estão criadas as permissas para o nascimento de uma vida intelectual muito rica», afirma. «Hoje em dia, os órgãos estatais da cultura, os serviços ideológicos do partido, devem procurar novas formas, mais flexíveis, de cooperação aberta com os grupos criadores. É necessário rejeitar a pressão administrativa. É necessário apoiar e compreender as novas formas de organização da vida artística, dos sindicatos, dos estúdios, das associações. Quanto mais diversificada for a vida artística, mais natural será o seu desenvolvimento».

«Livre competição de grupos e correntes»

O papel da crítica artística, menor na vida cultural soviética, deve desenvolver-se paralelamente, para o que será necessário «esquecer as castas intocáveis».

O editorial aborda, sem o nomear, o problema da música «rock» ou da «cultural musical de massas», durante longo tempo rejeitado e, presentemente, progressivamente oficializado: «Aqui, uma vez mais, os interditos e a indignação são inúteis e prejudiciais. A arte deve deve contrapôr, à cultura de massas, a qualidade , a diversidade, a popularidade e o atractivo para a juventude».

Num levantamento histórico das diferentes etapas da vida cultural soviética depois da Revolução, o «Kommunist» sublinha que Lenine não quis a rejeição de toda a cultura burguesa. Em 1925, um resolução do partido perconizava «a livre competição entre grupos e correntes literárias, sem interferência administrativa».

Não foi assim nos anos de antes da guerra, sob a ditadura de Stalin, quando Jdanov, que então controlava a cultura e a ideologia, tratava o escritor Mikhail Zochtchenko de «pequeno-burguês» ou Anna Akhmatova de «freira». «Nenhuma referência ao «diktat» das circunstâncias históricas pode justificar a grosseria, a incompetência, a injustiça cometidas para com a arte e a cultura», sublinha a revista do Comité Central. «Houve erros. O seu regresso causaria danos irreparáveis em todos os aspectos do socialismo».

A «Kommunist» não é mais «suave» para com a era de Brezhnev, identificada como um «período de estagnação».

FESTIVAL DE TRÓIA: A SEGUIR A CANNES EM 88

A próxima edição do Festival Internacional de Cinema de Tróia realizar-se-á um mês depois do Festival de Cannes, altura em que não sofrerá a concorrência de «festivais notáveis», anunciou a organização.

Nas suas três edições, o festival decorreu em finais de Outubro, princípios de Novembro.

«Depois de Cannes — disse o presidente do festival, Mário Ventura, em conferência de Imprensa — não há o risco de duplicação de festivais na Europa, além de que se acabam as 'angústias' desse tempo de chuva e vento.»

A data exacta do quarto festival será formalmente anunciada pela organização antes do final do terceiro, agora em curso.

O Festival de Cannes decorre habitualmente em Maio.

Está nos propósitos da organização, segundo a mesma fonte, privilegiar em próximas edições as pequenas cinematografias «mais notáveis no esforço e na qualidade».

Novidade no terceiro Festróia, um jornal interno denominado «Festróia Jornal , de que saiu domingo o segundo número.

Além de uma saudação aos participantes, o primeiro número continha uma retrospectiva dos anteriores Festróias e uma entrevista com o realizador espanhol Basilio Patino, que sofreu sábado, perto de Tróia um acidente de viação em que ficou ferido, tal como a actriz Pilar Duval, que o acompanhava.

O segundo «Festróia Jornal» inclui uma entrevista aos realizadores do filme «Rocinante», exibido 2.ª feira, e um texto de Pascal Montjovent sobre o filme «Poissons» de Pierre Maillard.

Filme de Luís Filipe Costa

Retrato de uma certa esquerda — a chamada «esquerda festiva» — de antes do 25 de Abril —, o filme «A Borboleta na Gaiola», de Luís Filipe Costa, passou domingo, extraconcurso no Festival de Cinema de Tróia.

A sessão decorreu com a sala quase cheia e no final houve aplausos.

A explicação do realizador à Lusa antes da sessão: «É um filme sobre os que, em Portugal antes do 25 de Abril, faziam a revolução em 'part-time', pessoas generosas mas sem estatura de revolucionários e que, talvez, por falta de estrutura ideológica, não conseguiam entender os projectos possíveis, nem eram capazes de uma entrega total.»

E ainda: «Não é portanto um filme sobre as pessoas que, ao longo dos anos, tiveram um papel um grande papel na revolução, mas sobre aquelas que sofreram na pele o facto de se oporem ao regime, generosamente e o fizeram de certa forma 'movidos a álcool', os projectos podendo esperar entre dois copos.»

Filme autobiográfico, até pelo facto de se basear na novela homónima do autor?

«Godard — lembra Filipe Costa — diz que quando escrevemos ou fazemos cinema, somos permanentemente autobiográficos. Direi por mim que nenhum personagem sou eu mas que estou em muitos.»

Actores da Comuna (João Mota, Almeno Gonçalves, Amélia Videira e Paulo Ferreira, entre outros) dominam o elenco. Em plano de destaque, aparecem ainda João Lagarto e Helena Isabel.

A história do filme: gente da «esquerda festiva», aqui gente do Teatro e do Cinema e das Artes Plásticas, envolvida (o caso tem fundamento real, aconteceu) numa tentativa de assalto a uma emissora de Rádio para «impor» a leitura de comunicado antigovernamental, é presa pela PIDE.

Omer Kavur, o cineasta turco que está em Tróia para apresentar a sua retrospectiva: esta noite na Sala B, «Uma História de Amor Triste»

Os amigos assistem à margem de qualquer viável estratégia. Falharam ou adiaram os projectos de oposição ao regime, falharam ou adiaram projectos amorosos, limitam-se a perguntar «que esperar deste país?», já não esperando nada.

No fim, liga-se num automóvel uma telefonia (a revolução «veio» pela telefonia), são 23 horas e poucos minutos de 24 de Abril de 1974 e Paulo de Carvalho canta «E Depois do Adeus». É sabido como a história prossegue.

«A Borboleta na Gaiola» foi buscar o título — lembra Filipe Costa — a um verso de Basho, poeta japonês, que reza assim: «Se a borboleta cantasse haveria de sofrer a tortura da gaiola.»

Filme para a Televisão, dessa especificidade se ressentiu a sua mostra em ecrã grande de cinema.

Isso mesmo apontou à Lusa o crítico de cinema António Cabrita, que considerou algo «defraudadas» as expectativas com que assistira ao filme em vista, designadamente, de anteriores trabalhos de Filipe Costa para a Televisão («Era Uma Vez na Cidade» e «Morte de Homem»).

«Desagradaram-me os diálogos, que são fracos, por vezes mesmo patéticos e que não dão consistência às personagens.»

Tecnicamente, opiniou, «o som é um desastre».

De positivo, realce para a «potência narrativa que é invulgar no cinema português».

Com «um bom argumento, e não era o caso», António Cabrita acredita que Luís Filipe Costa faria melhor. «Tem competência para isso.»

João Lopes, crítico do «Diário de Notícias» entende que, «a um primeiro nível», se trata de «um trabalho profissionalmente sério», mas no tocante a resultados estéticos «menos interessante».

«Parece-me — explicou — que não conseguiu ultrapassar um certo tipo de convenção, no encenar da nossa história de antes do 25 de Abril, apesar de alguma tentativa de ironia em tudo aquilo.»

Acresce que «as condições de projecção» prejudicaram o filme, mormente no que respeita ao som, e por isso propõe que ele seja revisto quando exibido na Televisão, o media a que afinal se destina.

Poeta que já escreveu para o cinema, Fernando Assis Pacheco confessa que o livro em que o filme se baseou o divertiu, o filme também, mas «tem texto a mais, às vezes forçado», o que no livro «não se sentia».

Seja como for, crê estar-se perante um filme «bastante interessante» e com «um grande actor, João Lagarto», a encher o ecrã.

Mário de Carvalho, escritor com um texto (Era uma Vez um Alferes...) a caminho de ser filme, gostou também de «A Borboleta na Gaiola».

«Tem — disse — um bom argumento, retrata bem uma geração e uma época, tipos e situações.»

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

JAMES BOND 007 RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

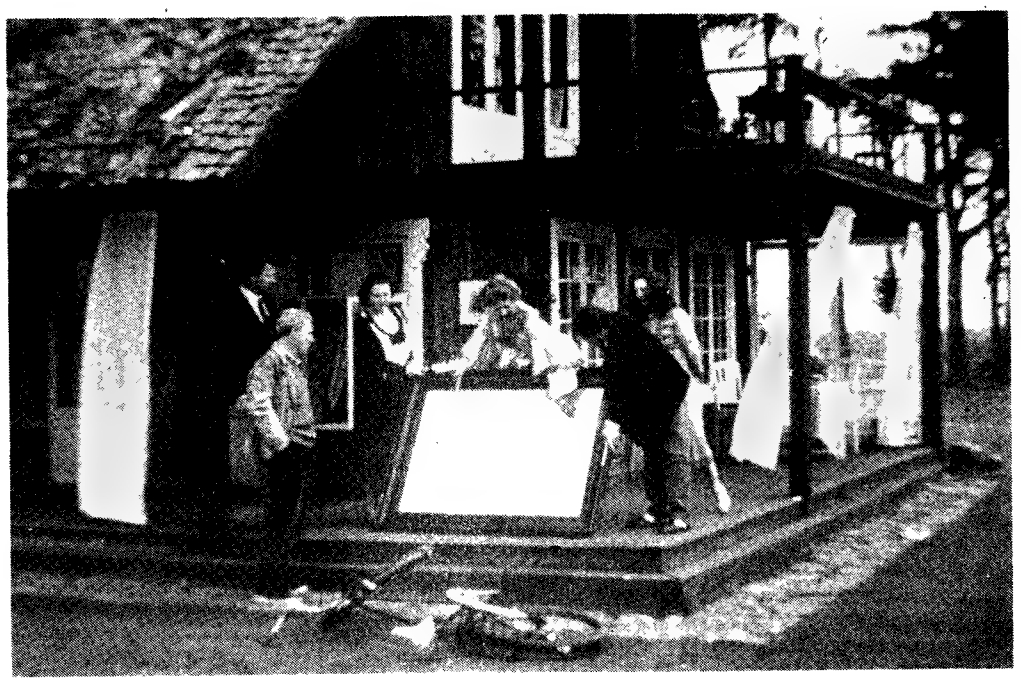
— T. 547163

ENCERRADO

Berna

— T. 776098

A DESCOBERTA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

MISTER PORNO
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

NOVIDADES SEXUAIS
(Int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
TARDES ESCALDANTES DUMA BURGUESA FRUSTRADA
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

A FÚRIA DO HERÓI
(maiores 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
KRULL
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

A MULHER DO PATRÃO
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

PREDADOR
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O EXPRESSO DA MEIA-NOITE
(n/acons. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

Condes

— T. 322523

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O GRANDE ASSALTO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.30 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

VAMP – O CLUBE DA MEIA-NOITE
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 18.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

ROBOCOP — O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

O PREDADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

QUE SORTE DANADA
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

BLUE CITY – CIDADE CORRUPTA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.15 h

Gemini

— T. 734009

DESAPARECIDO EM COMBATE – PARTE II
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

O GRANDE ASSALTO
(maiores 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

FREIRAS PERVERSAS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

DOCE ALICE
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 82193.3

RUAS SELVAGENS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

O ANJO VINGADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O REGRESSO DE BOUNTIFUL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h
A FAMÍLIA
(maiores 12 anos)
21.30 h

Sala 2

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
III FESTIVAL INT. CINEMA DE TRÓIA FORA DO DIA
(maiores 12 anos)
14.30 h

Sala 3

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 21.30 e 23.45 h
III FESTIVAL INT. CINEMA DE TRÓIA RAT BOY PERDIDO NA MULTIDÃO
(maiores 12 anos)
19.00 h

Sala 4

O SACRIFÍCIO
(maiores 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
III FESTIVAL INT. CINEMA DE TRÓIA A FAMÍLIA
(maiores 12 anos)
24.00 h

Roma

T. 889192

O GRANDE ASSALTO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

ESQUADRÃO SELVAGEM
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

FULL METAL JACKEY
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

OS INTOCÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45e 24.00 h

Star

— T. 804210

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A DESCOBERTA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

FÚRIA SELVAGEM
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

A ESPADA ENCANTADA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Força Delta», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
AMADORA — Cinestúdio — «Robocop, o Polícia do Futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).
AMADORA — Babilónia — «As Bruxas de Eastwick» às 14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Regresso de Jedi», às 21.30 h (maiores 6 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Encerrado para descanso do pessoal».
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «4.º Protocolo», às 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Segredo do Meu Sucesso», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «O Quarto Protocolo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Arma Mortífera», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «007 – Risco Imediato», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Quem é Aquela Garota», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «007 – Risco Imediato», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Crónica de Uma Morte Anunciada», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Nascido para Matar», às 16.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Predador», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Jardins de Pedra», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «Os Comandos da Elite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Voluntário à Força», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Mona Lisa», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Quem é aquela garota?», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Humilhação», às 15.00 e 21.15 h (maiores 18 anos).

DESENHOS REALISTAS DE ALEMÃES E PORTUGUESES

Até ao próximo dia 15, encontram-se patentes na Sociedade Nacional de Belas Artes (R. Barata Salgueiro, 36) e no Instituto Alemão/Göethe Institut (Campo dos Mártires da Pátria, 37), duas exposições paralelas, apresentando desenhos realistas de artistas da República Federal da Alemanha e de Portugal.

Na SNBA estão expostas obras dos seguintes oito artistas alemães: Göttlincher, Grützke, Knipp, Petrick, Sartorious, Sorge, Vogelgesang e Willikens; no Instituto Alemão encontram-se expostos desenhos realistas da autoria de portugueses, também oito: Gaetan Graça Morais, Jorge Pinheiro, Lima de Carvalho, Querubim, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira e Virgílio Domingos.

Com estas duas exposições simultâneas, o Instituto Alemão e a Sociedade Nacional de Belas Artes dão continuidade às exposições paralelas, uma de 25 jovens pintores alemães e a outra de 11 jovens pintores portugueses, realizadas com o mesmo esquema em 1984, apreentando pela primeira vez os «Jovens Selvagens» em Lisboa.

Desenho de Peter Sorge, da RFA

EXPOSIÇÕES

PÁTEO ALFACINHA: Pintura de Margarida Marques até 17 de Novembro, patente todos os dias das 15 às 22 horas.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: Pintura de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, dias úteis das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

S. MARCOS (Galeria de Arte e Artesanato-Oleiros, Azeitão): exposição individual de Helena Felícia (óleos) e uma colectiva de pintura, cerâmica, tapeçaria, trapologia e escultura. Até 31 de Dezembro, diariamente das 10 às 22.

CENTRO CULTURAL DE BENAVENTE: até 15 de Novembro, por iniciativa da Câmara Municipal, a exposição «3 Mulheres no Centro Cultural», com tapeçarias, desenhos e óleos de Anabela Ferreira, Angelina Jordão e Fernanda Narciso.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): Patente até 18 de Novembro a 1ª Exposição Viragem de Pintura e Escultura, todos os dias das 15 às 19. Artistas representados: Aida S. Dias, Álvaro Carneiro, António Santiago, António Viana, Artur Bual, Costa Martins, Duarte Saraiva, Emília Nadal, Germano Santo, Jaime Silva, João Duarte, João Paulo, Lima de Carvalho, Ló, Man, Ormond Fannon, Óscar Guimarães, Paulo Ossião, Pedro Chorão, Rocha Pinto, Rogério Amaral, Sérgio Pinhão e Virgílio Domingues.

FEIRA NACIONAL DA AGRICULTURA - Santarém (salão do Banco Português do Atlântico): por iniciativa da Câmara Municipal, uma exposição do pintor Zé Penicheiro, até 8 de Novembro, a decorrer paralelamente ao Festival de Gastronomia.

GALERIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO (Museu Nogueira da Silva-Braga): exposição de Pintura de Matilde Marçal até 19 de Novembro. Catálogo com textos de Alçada Baptista e de Matos Chaves.

CASA DE PASTO DAS FLORES-S. Bento: até 15 de Novembro, exposição de pintura de Christine Hélène.

PALÁCIO DA CIDADELA (Cascais): Pintura e Desenho de Frederico George, organizada pela Câmara Municipal de Cascais e pelo Instituto Português do Património Cultural com o patrocínio da Gulbenkian.

MUSEU NACIONAL DE SINTRA: até 12 de Novembro, Pintura de Alice Alves Diogo, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 18, sábados, domingos e feriados das 14 às 18.

GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): Pintura de Lima de Freitas, subordinada ao título «Mitolusismos».

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. Tenente Valadim-Portó): exposição de Pintura de Abreu Pessegueiro intitulada «O Porto na Luz e na Água».Até 12 de Novembro, de segunda a sábado das 14,30 às 18,30.

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 9 de Novembro, uma exposição de Pintura de Edmundo Cruz, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19, domingo dia 1 das 16 às 19. Encerra no domingo dia 8.

CASA DA CULTURA DA AZAMBUJA: por iniciativa da Câmara Municipal, 2ª Exposição de Artes Plásticas até 15 de Novembro, com trabalhos de Neves Espadinha e António Canau Espadinha.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): uma exposição de obras seleccionadas dos barristas brasileiros António Poteiro e Souza Netto. Até 10 de Novembro, de segunda a sábado das 16 às 20.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 8 de Novembro, todos os dias das 15 às 24, patente a «Estoril/Decor 87», 6º Salão Nacional de Artes Decorativas. Com Ourivesaria e Antiguidades, incluindo mobiliário artístico, imaginária religiosa, tapeçaria, porcelana, vidraria, pintura, etc.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 12 de Novembro, pintura de Alice Alves Diogo.

GALERIA A.S. (R. das Flores. 60-Porto): pintura de D´Assis Cordeiro até 7 de Novembro, de segunda a sábado das 15 às 19.

GALERIA NASONI E SALA ATLANTICA (R. Galeria de Paris, 68-80 e 67-81-Porto) inauguração dos novos espaços com duas exposições patentes até 18 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 12,30 e das 15 às 19,30, sábados e domingos das 15 às 19,30: Pintura de Armando Alves na Galeria Nasoni e de Albuquerque Mendes na Sala Atlântica.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): «Desenhos Realistas: Oito Artistas da República Federal da Alemanha»

INSTITUTO ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria, 37): «Desenhos Realistas: Oito Artistas Portugueses».

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): «Desenhos Realistas: Oito Artistas da República Federal da Alemanha»
20.

GALERIA ESPIRAL (Centro Comercial das Palmeira-Oeiras): escultura de António Trindade até 25 de Novembro, de segunda a sexta das 14,30 às 22, sábados e domingos das 10 às 22.

LEO (Tv. da Queimada, 48): até 14 de Novembro, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, uma exposição de escultura e desenho, respectivamente de Isabel Meyreles e Cruzeiro Seixas.

GULBENKIAN (exposições temporárias): exposição comemorativa do centenário do grande escultor português Delfim Maya.

ARTEFACTO 3 (Tv. Água da Flor, 37): exposição de Joalharia «Tokyo/Osaka/Lisboa», em colaboração com o AR. CO - Centro de Arte e Comunicação Visual. Patente até 27 de Novembro, nos dias úteis das 15 às 20.

ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO VIEIRA (Alvalade): até finais de Novembro, uma exposição com trabalhos de Rui Moutinho.

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de fotografias de André Gomes intitulada «Imago Operae». Misto de reportagem e de recriação, a mostra está patente até 20 de Novembro podendo ser visitada nos dias úteis das 9 às 20. Durante a inauguração, esta tarde a partir das 18,30, será apresentado um recital de canto e piano, interpretado por Manuela Castanni e João Paulo Santos.

BRITISH COUNCIL (R. Cecílio de Sousa, 65): até 11 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 18, pintura de Julienne Knight.

ESCADA-Centro de Arte (R. da Bela Vista à Graca, 81-A): Pintura de Dora Iva Rita e Ilídio Salteiro; Escultura de João Duarte, até 21 de Novembro de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.

MERCADO DOS ESCRAVOS (Lagos): pintura de Virgílio Raposo

PALÁCIO DO EGIPTO (Oeiras): por iniciativa da Câmara Municipal, uma exposição de vinte artistas portugueses até 9 de Novembro, com a participação de Ana Vieira, Angelo Sousa, Fernando Azevedo, Graça Morais, Helena Almeida, João Jacinto, João Vieira, Jorge Martins, José Guimarães, Júlio Pomar, Justino Alves, Miguel D´Alte Menez, Pedro Chorão, Pires Vieira, Rocha Pinto, Sérgio Costa, Vieira da Silva, Nikias Skapinakis e Rui Paes.

MUSEU JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): até 28 de Novembro, em colaboração com o Instituto Alemão, a exposição «Paisagens», que integra meia centena de obras de pintura, gravura e serigrafia da autoria de 17 artistas contemporâneos alemães, todos eles galardoados no seu país, a RFA.

GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: até 20 de Novembro, «A Arte da Tapeçaria e do Têxtil», com obras de Cláudia Lima, Dália Lacerda Machado, Eveline Martin, Helena Felícia, Ilídia Soares Lopes, Pedro Frederico e Teresa Ribeiro.

GALERIA DE ARTE «A GRADE» (Aveiro): colectiva de pintura de artistas radicados na comunidade portuguesa da África do Sul, até 7 de Novembro.

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: até 15 de Novembro, uma exposição colectiva de artesanato do estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, com trabalhos de pintura, sisal, couro, madeira, vidro e cerâmica.

GALERIA GIOCONDA (Carcavelos): Pintura de Milhais Reis até 14 de Novembro, de segunda a sábado das 9 às 13 e das 15 às 19, domingos das 9 às 14.

GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): pintura de Fátima Vaz até 21 de Novembro, de segunda a sábado das 14 às 19.

MUSEU DA MARINHA: exposição fotográfica «Do Atlântico ao Pacífico» da autoria de Vasco Calixto.

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): «A Galeria Nasoni na Altamira» com obras de Albuquerque Mendes, Armando Alves, Arpad Szenes, Darocha, Domingos Pinho, Gerardo Burmester, Joaquim Rodrigo, Jorge Pinheiro, José de Guimarães, Júlio Resende, Maria José Aguiar, Mário Américo, Pedro Tudela, Rui Aguiar e Vieira da Silva. Até 11 de Novembro de segunda a sábado das 10 às 19.

TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da gama, 48-A): pintura de Jorge Freire até 5 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): até 7 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 15 às 19, escultura de Luís Newparth.

BIBLIOTECA NACIONAL: até 13 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 17, exposição sobre o matemático e poeta José Anastácio da Cunha, no bicentenário da sua morte.

CONFERÊNCIAS

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA (R. de S. José, 41-2º): hoje às 18,30, em mais uma «Terça-feira da SLP», com entrada livre, a escritora Maria Velho da Costa fale sobre o seu romance «Descobrimento de Timor».

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório): às 18,30 concerto de piano por Cristina Ortiz com obras de Beetowen, Schumann, Ravel e Villa-Lobos.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo de Cinema Chinês - às 18,30 «O Guardador de Cavalos»/1982, de Xien Jin; às 21,30 «O Puxador de Riquexó»/1982 de Ling Zifeng. Ambos os filmes são legendados em francês.

ESPECTACULAR

ACTRIZ, portuguesa, 84 anos: estou a falar a Fernanda Coimbra. Não têm conta as personagens que interpretou. O que se chama uma actriz inconfundível. Bastava ouvir aquela voz, aquele estranho metal, para ficarmos a saber de quem se tratava.

A sua participação na **Relíquia**, *fazendo de* **titi**, *veio trazê-la de novo, e com grande impacto, ao convívio do grande público. Depois do que esperamos vê-la num chamado papel de «grande senhora», em peça de consagração.*

Da sua actividade no teatro pouco se falou. Foi o aspecto humano aquele que mais interessou Joaquim Letria, compreensivelmente. Com o seu faro jornalístico (o famigerado «feeling» não sei se já ouviram falar) Letria viu que pegar por aí era, socialmente, o mais importante.

Soubemos assim de uma actriz que vive num recolhimento, onde tem de entrar, impreterivelmente até à meia-noite, pelo que não pode perder tempo a agradecer os aplausos do público...

E soubemos de uma actriz reformada que recebe todos os meses a importância de 13 mil escudos — quase metade do salário mínimo nacional...

... A respeito de teatro português isto diz mais do que muitas palavras.

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

PERMANENTE

ALTO PINA: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104 (Tel. 841912); **ALTO SANTO AMARO -RIO SECO: Dilena,** Rua Aliança Operária, 49 A-B (Tel. 636620); **ALVALADE: Roma,** Av. Roma, 85-B (Tel. 772466); **BAIXA: Valadas,** Rua da Madalena, 235 (Tel. 872060); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa,** Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393); **CAMPOLIDE: Imparcial,** Rua General Taborda, 28-30 (Tel. 680931); **CHELAS: Banha,** Est. de Chelas, 173-175 (Tel. 382241); **LAPA: Mota Capitão,** Rua São Félix, 45 B-C (Tel. 660720); **LUMIAR: Patuleia,** Alameda das Linhas de Torres, 262-B (Tel. 790332); **METRO-ANJOS: Colonial,** Rua Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122); **OLIVAIS SUL: Higiene,** Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Tel. 310026); **SÃO SEBASTIÃO: Sá Bandeira,** Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel. 554672); **BRANDOA-AMADORA: Tavares Matos,** Rua Irene Lisboa, lote 108 (Tel. 993220); **CARNAXIDE: H. Amaral,** Praceta Dr. Egas Moniz, 30-B (Tel. 9815662); **PONTINHA: Pimentel,** Azinhaga dos Besouros, Lote R-8 (Tel. 991328).

AREEIRO-APEADEIRO: Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 890331); **CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca,** Rua 4 Infantaria, 28-A (Tel. 688857); **CAMPO PEQUENO-Av. ROMA: Galeno,** Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920); **CARNIDE: Guimarães Morais,** Rua Neves Costa, 33-35; **CHAFARIZ DENTRO: Cruz de Malta,** Largo Chafariz Dentro, 36 (Tel. 866126); **CONDE BARÃO: Moz Teixeira,** Rua Poço dos Negros, 117 (Tel. 601961); **ENCOSTA/RESTELO-MOINHOS: Tanara,** Rua Rodrigo Reinel, 3-A (Tel. 611814); **ESTEFÂNIA: Universal,** Rua Actor Taborda, 5-7 (Tel. 544158); **MARQUÊS POMBAL: Liberal,** Av. Liberdade, 219 (Tel. 543641); **MARTIM MONIZ: Tavares,** Rua da Palma, 194 (Tel. 863350); **SAPADORES: Branquinho,** Rua dos Sapadores, 87-89 (Tel. 842725); **BURACA-AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro, 6-A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores, 11-A (Tel. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Travessa das Prioras (Tel. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Com. António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar Silva,** R. D. Alberto Araújo, 19 (T. 2750337). Permanente; **MONTE CAPARICA: Nova,** R. Trab. Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica,** Av. República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna,** R. D. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão,** Av. Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado,** Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Santa Marta,** R. D. Manuel P. Nobre, 44-B (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso,** Av. Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso,** B.º Cid. Setúbal, 1-B (T.2291192). Até às 19 horas; **AmORA: Nobre Guerreiro,** R. D. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho,** L. Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene,** R. José Joaquim Marques, 142 (T. 310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha,** P. República, 161 (T. 2390029); **ALHOS VEDROS: Gusmão,** R. Cândido Reis, 30 (Tel. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro,** l. António Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Nova, R. Gen. Gomes Freire (T. 22052). Permanente; Alice,** P. Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Rosado Pinto,** P. Bocage, 98 (T. 22484). Até às 22 horas.

LINHADE SINTRA — AMADORA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 (T. 4938149). Perm; **Jardim,** Av. Conde Oeiras, 120 — Reboleira (T. 4938424). Até às 22 h. **DAMAIA: Damaia,** P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 h.; **QUELUZ: Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Perm.; **CAMARATE: Flores,** Av. Forças Armadas — V. Mor Catujal (T. 2510850). Até às 19 h.; **CACÉM: Rico,** L. Adriano S. Gil — Agualva (T. 4312833). Perm.; **MEM MARTINS: Cristina,** Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9218820). Perm. **MERCÊS: Claro Russo,** R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 h.; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço,** Calç. Rinchoa, 38 (T. 9262006). Perm. **SINTRA: Teresa Garcia,** L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Perm. **COLARES: Abreja,** (T. 9290088).

OUTRAS FARMÁCIAS: MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B.º 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Perm. **SACAVÉM: Lourenço,** Av. Almirante Reis 31, (T. 2518151). Até às 22 h.; **LOURES: Sálvia,** Av. República, 29 (T. 9831240)). Até às 22 h. **AVEIRO: Neto,** P. Agostinho C-L.º, 13 (T. 23286). Perm.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12 (T. 4101486). Permamente; **LINDA-A-VELHA: Moderna,** Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães,** L. Duartes, Lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho,** B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos,** R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central,** R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho Silveira,** R. A. Albuquerque, Lote B-Lj./2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz,** Estrada Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourã Vaz,** Av. de Moçambique, 18-C (T. 24371960. Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal,** Quinta da Palmeira, Lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho,** Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano,** Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani,** Lote 7-B — Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira,** Rua A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes,** Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque,** Arcadas do Parque, 12 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia,** R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

DL TEATROS

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**A DAMA DO MAXIM'S**«, de George Feydeau. Pelo **Novo Grupo**. Tradução: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenários: Nuno Carinhas. Figurinos: Vera Castro. Música: Eduardo Paes Mamede.

Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64. Telef. 875610. De 3ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16

KARTOTEKA, de Tadeusz Rozewicz, pelo Contra Regra. Enc. de Antonino Solmer. Música de Carlos Zíngaro.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

De 5.ª a domingo, às 21.30; sábados, domingos e feriados, também às 16.00

«**SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO**», de Alloisio Coli-Gaber. Cen.: Jorge Rocha. Enc.: Io Appolini. Fig.: José Carlos. Versões das canções de Nuno Gomes dos Santos. Arranjos musicais de Luís Filipe.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. às 16.

GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez, Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

Porto — Sala Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 28 344

De 3.ª a domingo, às 21.45

«**TIO VÂNIA**«, de Anton Tchekov. Pelo Seiva-Trupe. Encenação de Fernando Umaña. Interpretação de Júlio Cardoso, Estrela Novais, Alfredo Correia, Glória Férias, Alberto Quaresma e Laura Perry.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«**METRO-CABARET**«. Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes e música de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Porto — Sede da Caixa de Pandora

R. de N. Senhora de Fátima

«**O MARINHEIRO**«, de Fernando Pessoa. Pela Caixa de Pandora. Encenação de Fernando Costa. Interpretação de Odete Correia, Rosália Rocha e La Salette Alvaro.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 130

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

» **O MÉDICO À FORÇA**«, de Molière. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César e Asdrúbal Teles. Interpretação de Carlos Rodrigues, Maria Clementina, João Victor, Nuno Mello e Rui Serra.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

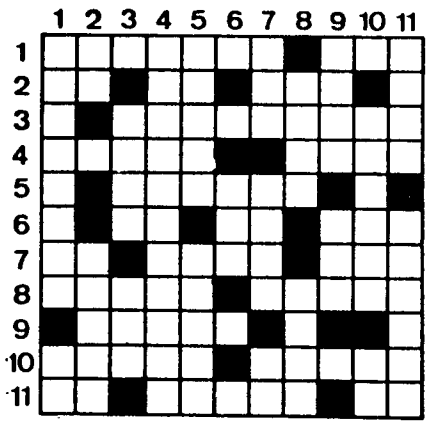
R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

De 2.ª a domingo, às 21.30; sábado, às 20.30 e 23.00; domingo, às 16.00 e 21.30

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, de Henrique Santana. Direcção de João Quintão. Interpretação de Henrique Santana, Rita Ribeiro, Helena Matos, Henrique Santos e Carlos Quintas.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 174



HORIZONTAIS:

1 Separa. Em os.
2 Interjeição de dor. Bário (s.q). Anel.
3 Derrotaremos.
4 Mete em mala. Água no estado sólido.
5 Elimine.
6 Esquadrão. Pátria de Abraao. Figura que simboliza o povo americano.
7 Era cristã. Estimes. Pedra de altar.
8 Tangera. Plantio de amieiros.
9 Adeje.
10 Curar. Perfume.
11 Ósmio (s.q.). Velhaca. Cidade da antiga Caldeia.

VERTICAIS:

1 Que não estão presentes. Solitário.
2 Zomba. Naipe das cartas de jogar.
3 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Rio da Suíça.
4 Assinalaríamos.
5 Cremes. Turro.
6 Tempo do verbo ser. Pronome relativo. Nome de letra.
7 Rio da Suíça. Fêmea do urso. Carta de jogar.
8 Governa. Intuito.
9 Título. Vai para fora.
10 Encerrara. Mulo.
11 Juízo. Bater com malho.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **17 173**

HORIZONTAIS:

1 Lamas. Raras.
2 Tua. TUDO.
3 Aim. Aer. Mor.
4 Adormecera.
5 Mio. Mês.
6 NS. Aarau. NO.
7 És. Rer. Ion.
8 Acaba. Abate.
9 Lama. Isar.
10 II. Grita. VA.
11 Asma. Marras.

VERTICAIS:

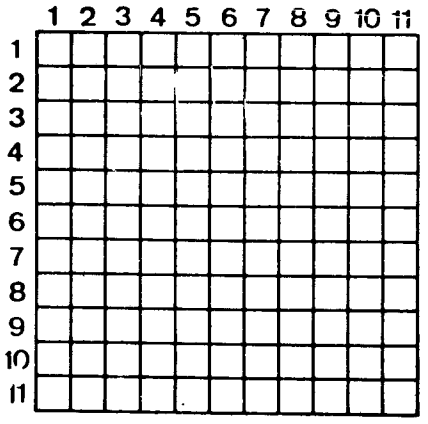
1 SN. Alia.
2 Atiá. Secais.
3 MUNDO. Sam.
4 Aa. Oiã. Baga.
5 Armara.
6 TEM. Re. FIM.
7 Remara. Ta!
8 At. Céu. Biar.
9 Rumes. Ias.
10 Ador. Notava.
11 Sora. Oneras.

PROVÉRBIO: Tudo no Mundo tem fim.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 999

HORIZONTAIS:

1 Rei do Egipto, da 4.ª dinastia, cerca de 2800 aC. Doença dos vegetais que os faz definhar.
2 Besuntais. Prender com elos.
3 Ena! Abreviatura de Santíssimo. Proferirá.
4 Doutor. Aterrorizado.
5 Nesse lugar. Uma das Espóradas. Guarneça de asas.
6 Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Prata (s.q.).
7 Vila e sede de concelho (Braga). Fímbria.
8 Detectar.
9 Gálio (s.q.). Induzir.
10 Pertences. Vai pelo ar com grande velocidade. Lagoa do Estado da Baía.
11 Aperfeiçoássemos.



VERTICAIS:

1 Um dos Estados da Federação da Malásia. Capital da Argélia.
2 Reuniriam. Agarrei.
3 Letra grega. Tanto.
4 Preposição e artigo (inv). Despertava.
5 Aqueles que fabricam pistolas.
6 Pronome demonstrativo. Curas.
7 Rádio (s.q).
8 Calhau. Consentimento.
9 Profeta judeu do tempo de Acab e Jezabel. Diz-se do que é engraçado, esquisito, extravagante.
10 Prelado. Suspiros.
11 Cidade da Argélia. Unha forte e curva.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **15 998**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Jamaica. Par.	1 Jarkov. Toca.
2 Ámon. Aviste.	2 Am. Agulha.
3 Nobres. Em.	3 Monitor. Aar.
4 Kaiser. Coro.	4 Amosa. AC.
5 Tâmega. Re.	5 Bem. Verga.
6 Vão. Gastar.	6 Carregado.
7 Gravar. Osa.	7 Ave. Garraio.
8 Tu. Cedros.	8 Iscas. SS.
9 Olá. Roa. Cu.	9 Ps. Toscas.
10 Chá. Isara.	10 Aterras. Ura.
11 Aar. Apossas.	11 Remoeram. As.

Rádio

ANTENA UM

16.00: «Pequeno jornal» «Rocklândia»; **18.00:** «Regressos» — Carlos Ventura; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** «No Estúdio e no Estádio» (Informação Desportiva — 2.ª Edição); **20.15:** Música Portuguesa; **20.45:** Noite desportiva especial — Transmissão directa do jogo de futebol: Sporting-Kalmar; Taça das Taças; **23.00:** Imaginário; **23.30:** Títulos do «Jornal da meia-noite». Noticiário de hora a hora.

PROGRAMA 2
Rede nacional
(FM 2 Estéreo)

15.30: Compoositores portugueses — Obras de Carlos Seixas e Marcos Portugal; **16.30: Álbum musical; 17.25: Pequeno concerto de câmara — Obras de Maurice Ravel; 18.40:** Orquestras de câmara — Suite orquestral de Sémélé de Marin Marais; **19.00:** Integrais — As sonatas de Mozart para piano por Paul Badura; **19.20:** Música programática de César Franck; **20.40:** Destaque para a flauta — Concerto de Maurice Thiriet; **21.00:** Ciência e Tecnologia... A procura sem fim; **21.25:** Obras instrumentais de Anton Webern; **22.00:** As palavras dos músicos; **22.40:** Intercâmbio musical — A Semana Mozart de Salzburgo 1987 em gravações cedidas pela Radiodifusão Austríaca; **00.50:** Último andamento; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00:** Feira mágica; **20.00:** Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** É de noite... já se vê; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao fim e ao cabo; **20.00:** Nova geração; **21.00:** O sabor da música; **22.00:** As mil e uma noites; **23.00:** Em órbita; **00.00:** Morrison Hotel; **02.00:** O rock pode esperar; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
(Canal 1)
Rede nacional de OM-FM

15.00: Terceira vaga; **18.00:** Bola branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Fim-de-tarde; **20.00:** Programa da LAR; **20.30:** Cidade Nova; **21.00:** Luzes da Ribalta; **23.00:** Bola branca; **23.30:** Suplemento especial; **23.55:** Meditando.

TELEVISÃO

RTP

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«Troca Tintas» e «Fábulas da Floresta Verde»

18.25 - A Mão e o Homem em Projecto
3º Episódio

18.50 - O Império Carson
17º Episódio: Louise Cartwright, uma amiga de Sarah, adoece gravemente e tem de ser assistida por um verdadeiro médico.

19.20 - Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
17º Episódio: Mina consegue livrar-se de Malta dizendo-lhe que tem um recado de Porcina para ele. Roberto Mathias respira aliviado ao ver-se salvo da ira de Malta. Zé das Medalhas leva o Padre a Lulu dizendo que ela está possuída pelo demónio. Lulu conta ao Padre tudo o que se passa na sua vida, dizendo até que entre ela e Zé das Medalhas há uma longa separação física, há cinco anos. A boite de Mathilde é definitivamente encerrada pela Perfeitura. Marcelina diz a Malta que precisa falar com ele sobre a filha.

21.15 - Portugal Sem Fim
22.15 - Acção em Miami
3º Episódio: Crockett e Tubbs compram filmes pornográficos a um realizador para entrarem em contacto com o seu chefe, um homem procurado pelo Governo Federal por suborno, assassíni, transporte interestadual de material pornográfico e corrupção de menores.
Realização: John L. Moxey

23.15 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP 2

15.40 - Quando as Mulheres Triunfam
4º Episódio: Ao chegar ao escritório, Babs encontrs a sua velha ama. Esta está muito preocupada com um dos seus vizinhos que ficara há pouco tempo viúvo. Desgostosio, ele decidira procurar uma vidente que afirma ter estado em contacto com a sua mulher. Desconfiada, Babs promete à amiga que irá investigar o caso.

16.40 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Show
19.55 - Hitchcock Apresenta...
109º Episódio: Depois de Mr. Brenner ter assinado o contrato-promessa de compra da casa de Cissie e Johanna Enright, estas receberam o dinheiro do seguro e acham que o devem matar.

«Roque Santeiro», às 20.15 no 1º canal

«O Império de Carson», no 1º canal

Johanna insiste em que o devem envenenar, mas Cissie não é da mesma opinião...
Realização: Jules Bricken

20.20 - Os Malucos do Circo
23º Episódio

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Cinemadois
«Um Outro Sorriso»: Irma é casada com Paul, um negociaante de bebidas. Cansada da rotina da vida conjugal e das festas que é obrigada a dar em sua casa, serve-se da filha como cúmplice para subverter os rituais sociais do marido. Um dia, decide convidar Ellen, uma amiga empregada numa farmácia, a viver em sua casa e a partilhar o quotidiano da sua família. A pouco e pouco, dá-se um estranho fenómeno: Irma e Ellen vão trocando os respectivos papéis.
Um filme de Robert van Acheren com Katja Rupe, Elisabeth Trissenar, Heinz Ehrenfreund e Anja Muessiggang.

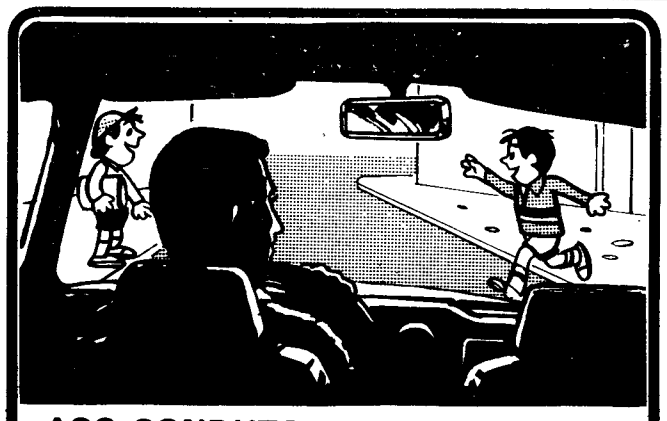
AMANHÃ

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.20 - Portugal de Faca e Garfo
18.55 - O Império Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.35 - Lotação Esgotada
23.40 - 24 Horas
00.15 - Remate

RTP-2

13.16 - Os Imigrantes
14.00 - Agora, Escolha!
15.30 - Futebol
17.15 - Countdown
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Snow
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.20 - Os Malucos do Circo
20.55 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Fantasia e Realidade
22.00 - Clube de Imprensa
23.35 - Crime Organizado nos EUA



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua,distraidamente,para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — Acção em Miami

RTP 2 — Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

"O Império de Carson"

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 55$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

Um membro do partido governamental do Sri Lanka foi assassinado com navalhas de barba, enquanto uma sede do partido era incendiada. A polícia suspeita de que estas acções tenham sido perpetradas por um grupo marxista opositor do acordo de paz com a Índia. O assassinato do secretário do Partido da Unidade Nacional foi cometido por cinco homens não identificados. Num incidente separado, um grupo derramou querosene numa sede do partido governamental, incendiando-a.

Caixas cortam metade dos medicamentos

Mais de 50 por cento dos medicamentos propostos pela comissão de listas do Ministério da Saúde foram excluídos de comparticipação, no oitavo suplemento à lista oficial, divulgado quinta feira.

Trata-se de novos medicamentos e a exclusão é de tal ordem que antingirá tanto medicamentos importados como medicamentos fabricados no país.

Tal decisão — considera a Associação Portuguesa da Indústria Farmaceutica, Apifarma, — afectará os doentes e a própria indústria.

O Ministério da Saúde não informou até à data a Apifarma da quais os critérios utilizados para a exclusão dos medicamentos do oitavo suplemento e a Associação solicitou uma explicação ao secretário de Estado da Administração da Saúde.

A explicação idêntica solicitada pelo «DL» ao Ministério da Saúde esta manhã, telefonicamente, foi dada a resposta de que a única pessoa habilitada a dar a informação, dr. António Samuel, assessor da ministra Leonor Beleza, encontava-se em reunião fora do Ministério.

A Apifarma esclareceu esta manhã que considera que a exclusão de produtos da lista de reembolsos deve obedecer a certos requisitos, momeadamente: 1.º — prazo de publicação que deve ser razoável, não ultrapassando os 120 dias; 2.º — fundamentos. As decisões que levem à exclusão do reembolso devem ser fundamentadas; 3.º — as empresas cujos produtos não foram admitidos a reembolso devem poder sempre recorrer da decisão.

Na opinião da Apifarma, esses requisitos não foram respeitados. Primeiro, porque o prazo que mediou entre o 7.º suplemento da lista de medicamentos comparticipáveis e o 8.º foi de cerca de um ano; os fundamentos das decisões da exclusão não são conhecidos; as empresas não foram notificadas das suas hipóteses de recurso nem dos prazos em que o podiam fazer.

Os associados da Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, na sequência de uma assembleia realizada no passado dia 29, insistem para que a Secretaria de Estado da Administração da Saúde lhes comunique quais os critérios adoptados para que não existam dúvidas quanto à sua transparencia.

Madeira afirma desconhecer passagem de navio com armas

A Polícia Marítima do Funchal afirmou desconhecer a passagem pelo porto daquela cidade do navio de registo panamiano «Eknud», apresado no passado sábado com um carregamento ilegal de armas em águas territoriais francesas. Um porta-voz da instituição, chefe Canárias, referiu que as autoridades marítimas daquela região autónoma não tinham conhecimento da passagem do citado navio em qualquer porto madeirense, sublinhando, no entanto, que isso não implica que «o navio não tenha passado pelas águas do arquipélago, mas não mantendo qualquer contacto com as autoridades locais».

LOTARIA POPULAR

1º—003139	1 000 000$00
2º—252682	250 000$00
3º—121076	150 000$00
4º—385956	100 000$00
Terminação em 139	50 000$00
Terminação em 682	10 000$00
Terminação em 076	2 500$00
Terminação em 956	1 000$00
Terminações em 33, 47, 68 e 97...	400$00

Nota— Esta informação não contempla a acumulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

/D/E/C/A/R/A/S/

GEORGE HARRISON, Ringo Starr e Paul McCartney, os três Beatles sobreviventes, têm, a partir de amanhã, novos álbuns editados em Portugal. Trata–se do último disco a solo de George Harrison, «Cloud Nine», que tem a participação de Ringo Starr na bateria, e de um duplo–álbum compilação de Paul McCartney , «All the Best», que inclui uma balada inédita: «Once Upon a Longo Ago».

ARMANDO PANGUENE, vice–presidente da Defesa moçambicano, partiu ontem para Washington, onde vai participar na conferência afro–americana, que se inicia sexta–feira na capital norte–americana. Em declarações feitas à partida, Panguene disse que o ponto principal em debate na conferência será a situação política e económica na Africa Austral. Em Washington, Panguene terá contactos com entidades militares, com as quais analisará o estabelecimento de possíveis laços de cooperação nesta área.

LUÍS CILIA gravou um novo disco: «Penumbra». O cantor interpreta poesias de David Mourão Ferreira. Assim prossegue na linha artística de discos anteriores: «Sinais de Sena» sobre poesia de Jorge de Sena; «O Peso da Sombra» sobre poesia de Eugénio de Andrade. Desde «Portugal Angola — Cantos de luta» (1964) e de «Portugal Resiste» (1965) que Luís Cilia, o cantor de «O menino negro não entrou na roda» e o autor da música do filme «O Salto», é uma das vozes da contestação e resistência. Em 1987 compôs a música do bailado «Memmo» para a Companhia de Dança de Lisboa.

GARCIA MARQUEZ concluiu na passada quinta–feira a sua primeira obra teatral, intitulada «Diatribe de Amor contra um Homem Sentado». A primeira peça de teatro de Garcia Marquez é um monólogo para actriz, que fala durante duas horas sem parar, enquanto o marido, sentado, lê um jornal sem dizer qualquer palavra. O escritor colombiano, em declarações à TV mexicana, afirmou que o cenário da sua peça é muito móvel e vai mudando conforme o estado emocional da mulher.

ARTUR JORGE, o primeiro técnico português a conquistar uma Taça dos Campões Europeus, vai explicar hoje na televisão como transformou «uma boa equipa de futebol na melhor do mundo». «Artur Jorge: Paris, Hoje» é o programa que a RTP 1 apresenta esta noite, pelas 21e15 horas, da autoria do jornalista Mário Rui e onde o ex–técnico do F.C. Porto fala igualmente do projecto do Matra Racing, a sua actual equipa.

ROCHA DE MATOS, presidente da Associação Industrial Portuguesa, foi recebido no Mindelo em audiência privada pelo Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira. O Presidente cabo–verdiano congratulou–se pela realização da Feira de Produtos Portugueses no Mindelo, e manifestou a intenção de intensificar as relações económicas do seu país com Portugal. Aristides Pereira entregou a Rocha de Matos uma mensagem dirigida a Mário Soares e Cavaco Silva.

Problemas com comboios

Continuação da pág. 1

Os problemas começaram pelas 21 e 30, na Linha de Sintra, quando um automóvel foi colhido por um comboio, na passagem de nível de Papel, entre Barcarena e Cacém. O condutor da viatura saíu ileso ao conseguir abandonar a viatura antes do embate, mas o comboio descarrilou obstruindo as duas vias. Não se registaram vítimas, mas a circulação só foi restabelecida por volta das 4 e 30.

Na Linha de Cascais, um comboio proveniente de S. Pedro sofreu uma avaria, cerca das 7 e 41 pelo que teve de ser rebocado até à estação do Cais do Sodré onde chegou pelas 9 e 17, ou seja com uma hora de atraso. Devido a este facto, a circulação foi afectada só tendo entrado na normalidade às 10 horas. Utentes que utilizam aquele trajecto afirmam que, ao contrário do que sucedia há dois anos atrás, é agora raro o dia em que não se verificam atrasos, sobretudo durante as horas–de–ponta.

Em Santa Iria da Azóia, onde se chegaram a concentrar cerca de três mil pessoas (entre passageiros do comboio paralisado e populares), a GNR foi chamada ao local, mas não se registaram confrontos, tendo a circulação sido restabelecida às 11 horas.

Passegeiros que utilizam habitualmente aquele troço afirmaram ao «DL» que nunca conseguem viajar sentados e que muitas vezes já nem conseguem entrar nas carruagens que já ali chegam mais do que superlotadas. Ao que apurámos, a situação é particularmente dramática para os utentes da chamada Linha da Azambuja, e do Entrocamento que utilizam o chamado «comboio-operário».

Segundo o dr. Américo Ramalho, porta–voz da CP, disse ao «DL», a administração da empresa está a estudar as reclamações, e reivindicações, dos utentes, de forma a procurar dar–lhes uma justa solução. Segundo a mesma fonte, os problemas desta manhã foram devidos às avarias em duas máquinas eléctricas na estação do Entroncamento.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

A língua portuguesa em África

Qual é a situação da língua portuguesa nos novos países africanos que, exactamente, passámos a designar por «de expressão portuguesa»? Que relações mantém com as diversas línguas minoritárias e regionais? É possível, ainda, que o português funcione como língua de unidade nacional? Fernando Cristóvão, presidente do Instituto de Língua Portuguesa, tenta fornecer respostas a estas questões. **Págs. 4, 5 e 6**

A verruga no retrato (III)

Por Chaké Matossian

SE Kant e Lavater divergem quanto à leitura da verruga, o primeiro duvidando dos resultados da fisionomia e encorajando-nos a aceder, para além da fealdade, à expressão, à nobreza de espírito e ao carácter, e o segundo assegurando que nenhuma parcela do rosto poderia subtrair-se ao seu método de decifração, ambos afirmam, no entanto, a relação entre o estético e o ético. Ambos sublinham, com efeito, a ligação entre, por um lado, o belo e o feio visíveis e, por outro lado, o belo e o feio invisíveis, mas invisíveis apenas para aquele que não sabe ver.

Quem se contenta com uma «olhadela» nada vê, e é preciso, para ver o invisível, examinar profundamente o que se dá a ver.

Lavater, como Kant, adoptam a maneira de ver do pintor cuja obra, para merecer esse nome, deve representar a dimensão da alma na tela por meio da expressão, sem a qual os personagens pintados, como diz Leonardo, surgem duas vezes mortos. Não se trata, portanto, de mimar as aparências, de oferecer a semelhança, de operar segundo o modo da metáfora, mas, antes, de «passar», de modo metonímico, entre continente e conteúdo, todo e parte: «a verdadeira semelhança é a semelhança moral, aquela que não se fica pelos acidentes, mas de que os próprios acidentes revelam o essencial[16].

Desde logo, as verrugas representadas no retrato, por mais acidentais que sejam, não podem deixar de revelar algo de fundamental. Imaginar que o modelo apresentava «verdadeiramente» verrugas não basta para explicar porque o pintor escolheu representá-las. O retrato verrugoso problematiza o que é próprio do rosto e questiona o poder do olhar do outro.

O artista inaugura um processo de desfiguração em que o homem, minuciosamente metamorfoseado em monstro, sofrerá de uma terrível ferida narcísica ao sofrer o reenvio de uma imagem de si próprio deformada, anúncio de uma incontornável decomposição que Hipócrates identificava na textura do rosto: «a decomposição do rosto é mortal... E eis em que consiste tal alteração: olhos enfiados nas órbitas, nariz afilado, têmporas emagrecidas, orelhas frias e contraídas, pele rugosa, cor amarelenta ou escura»[17].

Quando Ghirlandajo mostra decomposição ao trabalho no rosto corroído do velho (*O Velho e a Criança*), que mergulha o seu olhar no rosto da criança, cria como que dois reflexos do mesmo rosto captados simultaneamente apesar da distância temporal que os separa, atribuindo ao quadro a função de espelho do tempo: «No 'facies envelhecido' onde a idade semeou rugas e verrugas, é o futuro propriamente dito o que é adivinhado pela criança; quanto ao velho, ele procura o seu passado na face limpa da inocência» [18].

Mas algo de enigmático e de inquietante subsiste neste face a face do liso e do rugoso — algo de incomunicável que Duane Michals porá em evidência na sua composição (fotografia + texto) «A letter from my father» (1976), onde o pai verrugoso e o filho já não se enfrentam; os olhares sentem-se e adivinham-se um ao outro em vez de se cruzarem, como que para insistir no «family secret» que o pai não terá tempo de passar ao filho.

Notas:

[16] Gabriel Seailles, «Le Portrait de Théodore de Banville», *Revue de l'art ancien et moderne*, n.º 203, Paris 1914.

[17] Hipócrates, *Prénotions de Cos*, Paris, Lefèvre, 1843.

[18] Jean Paris, *L'Espace et le Regard*, Paris, Seuil, 1965

Vídeo 19

Narcisismo punctiforme: o «gigante» de Michael Klier.

UM céu plúmbeo. Um ponto luminoso formiga na imagem. Paira ou hesita? Parece aproximar-se. A imagem, mal definida, reduz o objecto a um halo. A pouco e pouco a forma indistinta transforma-se num avião. Aterra. O percurso é seguido em movimentos rectilíneos e às sacadas. A câmara, rebotizada, aproxima-nos do objecto.

Desponta o genérico: «Der Riese» (O Gigante) de Michael Klier. Mas, de novo, sobrevêm as mesmas sacadas no topo de uma cidade. Prédios, telhados, ruas, viandantes, o fluxo das artérias de uma hora de ponta perpétua.

Oitenta e dois minutos de imagens a preto e branco de postos de vigia, imagens robotizadas que auscultam com um empenho «desinteressado» ruas, bancos, praias, «peep shows», estações de serviço, supermercados, metropolitano, aeroporto... Klier limitou-se a justapor imagens assim recolhidas e a envolvê-las de música sinfónica, uma espécie de condimento dramático um tanto ornamental. Por vezes, as próprias câmaras ou os painéis de controlo emergem a cores.

A partir de uma simplicidade assaz evidente o videasta alemão «soube» construir uma extenuante complexidade. Do início até à última imagem de uma mesma intenção tenta subtrair-se como se o acto de justapor uma imagem a uma outra derivasse apenas da ingenuidade do olhar. O ponto luminoso do pré-genérico multiplica-se em opacos grãos de areia onde brincam crianças. A atomização do ponto inicial inscrito nos pontos já luminosos da trama electrónica «desfaz-se» na imagem derradeira da praia. Há como uma oscilação na ossificação dos factos pela sua proliferação, pela multiplicação dos pontos de vista. O videasta, ao justapor imagens justapõe a entropia e a divisão, operações invisíveis na cegueira da matéria no momento em que dividir é igual a multiplicar.

As imagens de «O Gigante» não contam nada. Quando muito tentam somente «despir» fluxos que a imagem constantemente capta, retratando-se como um fluxo entre os mais. A própria surpresa já está englobada na ocularidade tecnológica. Se as imagens de «O Gigante» provêm de câmaras de vigilância contínua no exercício de auscultação que o poder se atribui, não são essas imagens que Michael Klier nos mostra. O «desvio» na imagem constitui-se na sonorização e no plano da montagem. O realismo da imagem é travestido por um «novo» ponto de vista que obedece a uma orientação e que determina a realização que assim atinge. A imagem de «O Gigante» provém de séries que se ignoram entre elas e que só são capitalizadas numa visão que se preocupa em manter a sua continuidade, o poder sobre o acontecimento, um qualquer. Klier, ao escolher e montar essas imagens, decidiu o entrelaçamento dos planos, dramatizou as sequências, liquida ou emancipa as imagens do «desinteresse» em que se encontravam embutidas.

A selecção é um duplo acto de preensão e de interesse redobrado. Por um lado, o investimento do videasta é nulo. Investe numa imagem «ready-made»: a manobra calibrada da câmara desprovida de expressividade, reduzida a um ver funcional. Por outro lado, Klier organiza o espectáculo de uma visão anónima.

«O Gigante», detém-se numa *meada* de fluxos que pretende conjugar e esconjurar o limite da indiferença de uma origem e a sua própria abolição. Conjugar porque são imagens dependentes de uma mesma fonte geograficamente distribuída num território — a Alemanha — e cuja função é-lhes similar, a de vigiar, prevenir e, até certo ponto, prever. Esconjurar um limite não é simplesmente ultrapassá-lo ou promover uma certa dilatação, adiando progressivamente o ponto de ruptura de uma qualquer estabilidade. Além de se tratar do limite da indiferença, o próprio acaso é-lhe não só inerente mas contribui à sua negação. Da banalidade captada e cerzida na imagem, só o acto que se predispõe à descontinuidade é que surge como origem do dispositivo-imagem, isto é, o momento da sua captação é emblematizado na sua própria ofuscação. O alerta do dispositivo é redobrado pela sua repetição possível. A vigilância *já* repetiu o cenário mas não a sua ocularidade tecnológica.

«Um movimento totalmente vivido pela imaginação é facilmente acompanhado por uma música imaginária.» **G. Bachelard**

Um combinado de razões históricas, funcionais, técnicas e estruturais revalidam ou sublinham o efeito de «boomerang» específico do vídeo, da imagem electrónica. Lembremos só que o vídeo é o resultado de pesquisas à volta do radar na Alemanha pré-nazi.

Klier transgride a imagem automática do dispositivo de vigilância e o automatismo do dispositivo desfere no espaço público uma intervenção em que a sua outra vertente — o privado — aparece englobada numa mesma ficção. Aliás, o aspecto «velado» da imagem — esboroando a emotividade — intenta auto-surpreender-se como conteúdo de (uma) memória. O contorno indefinido da imagem intensifica esse efeito de ilusão, de alusão, procurando na distância a ausência de emoção ou a sua metamorfose — a imagem captada pela autonomia da câmara-vigia foi acrescida pelo «ornamento» musical. Também, a relação público-privado obnubila esta segunda componente, indicando-nos, da relação, o elo contínuo que a visualidade do dispositivo-vídeo máquina.

O espaço privado deixa de entrar na ordem do acontecimento. A pura contingência esconde-se ao tragar a sua própria abstracção. O espaço de visualidade pretende *dizer* mais que as palavras, faz figura de enunciado e resolve-se no anonimato do corpo. Assim, o que transe o dispositivo inteiro, o que o percorre, subsome as visualidades a partir do que o orienta, a *energia* — o que compõe o corpo do anonimato. E se não esquecermos que «O Gigante» reabre o processo da motricidade poderemos deduzir o papel do empreendimento de Klier: o videasta reapropria-se de imagens de uma captação automática dirigida por um programa. O que parece satisfazer-se nesta evidência apela precisamente para a complexidade da estratégia de intervenção. É nela que vem sublinhar-se a sua pseudo-neutralidade, argumento pós-moderno, por excelência. O videasta é *quase* apenas o agente de uma escolha que a imagem, agora musicada, vem dramatizar. Da espera da catástrofe iminente passamos a um acontecimento que não pára de não ter fim. O que se tramou numa vigilância apurada mostra-se agora num tom que faz arfar a imagem numa repetição diferencial.

Rafael Godinho

Transumâncias

QUANDO um tipo lá chega cedo, há sempre mais possibilidades de arranjar lugar. É como tudo. É preciso saber quais são os pontos mais concorridos, os caminhos mais calcorrinhados. Entre as cinco da matina e aí as sete, sete e meia é o afã da instalação do material. É o barulho das saquetas e dos objectos a tocar o alcatrão e o calcário dos passeios; é o barulho também do balanço da semana toda:

— Lembras-te do Zica das Carmelitas? Aquele da bossa no tornozelo?! Foi parar à pildra na segunda, só de lá o deixaram sair ontem. Vê lá tu que s'apanhou com uma besdana de tal ordem que se pôs no meio da rua a apalpar uma senhora, coitada, tinha idade para ser mãe dele...

— Hei, João, vê lá se me desengasgas aí uns ferros prò charro, pá. «Tou nas duias, meu! Domas-me aquela pinta que foi lá xonar ontem? Grindou-me todo, pá! A pinta é pior que a mulher-a-dias, meu!

É assim. No fim-de-semana não há semanário mais informativo. Basta abrir as orelhas, pelo menos aí até por volta das nove, porque depois é aconselhável um tipo precaver-se. Depois vêm os watts todos do gerador, por mais pequeno qu'ele seja, vêm os decibéis do amplificador e ainda mais alguns gafanhotos se um tipo estiver por perto:

— ...porque o que lhes vou pedir por este maravilhoso jogo de atoalhados não vai ser sequer uma nota de mil (qu'ele até vale mais!), não vão ser novecentos, nem oitocentos escudos, caríssimos senhores. Tão-pouco me vou ficar pelos setecentos (aquela senhora ali das lentes grossas até já 'tá a abrir a boca!) também não quero seiscentos, qu'isto é pra todos. Vamos para os quinhentos? Quais quinhentos quais quê carapuça. Por este maravilhoso jogo d'atoalhados eu vou pedir apenas quatrocentos escudos! (não quero que ninguém se vá deitar molhado).

Ora vamos lá a isto — um para aquele senhor com as notas na mão, outro jogo d'atoalhados para aquele rapazinho das muletas lá ao fundo: dois, mais dois para esta senhora das lentas grossas, um aqui para o senhor guarda (é despachar pessoal qu'eu só trouxe uma dúzia, é despachar...!).

Este discurso da Etelvina dos lençóis vem a propósito de um outro, qu'ouvi aqui há dias, e que a fez retorcer-se de inveja num esgar narcísico, não fosse o falante do outro sexo. Era mais ou menos assim: — Meus senhores, eu não estou aqui pra enganar ninguém!

(Isto deve ter sido por causa de o inspector ter avisado qu'andava praí papel cheio d'ar).

— Meus senhores, neste momento em que se mina a confiança do aforrador, isto é, quero dizer, em que a confiança é uma mina, queria dizer-vos que no final do corrente não vai ser necessário que vos peça por esta brilhante gestão nem um IP (meus senhores isto vale pelo menos uma dúzia de formulários preenchidos até à última linha!) nem um IT. Não vos vou pedir um IMV, nem tão-pouco um complementar ou um ISC. Meus senhores, isto fica-vos por um IRS e só em caso de ajuntamento por um IRC...

Sei que há muita gente com a nota na mão, mas acredito piamente que a Etelvina lhes não tivesse conseguido dar a volta com tanta pinta. A feira é assim: entre os pontos de gozo e prazer que nos oferece, está esse lugar do inesperado. Um tipo nunca sabe o que lhe vai aparecer pela frente; pode ser um tratado de alquimia com 400 anos ou um penico bordado a ouro, uma boneca de louça que sempre nos habituámos a ver inteira, mas ali sem cabeça. É isso, a pequena aventura inócua da surpresa: a fruição do animal recolector que, uma vez por outra, leva com tantas que nem sabe donde elas lhe caem. Francamente, às vezes são tão mauzinhos! Tão mauzinhos...

Eduardo Manuel Astúrias

NOTA

Chama-se a atenção do leitor desprevenido para o facto de todo e qualquer acontecimento aqui relatado ter decerto ocorrido nas imediações do Campo de St.ª Clara. Qualquer semelhança performativa com outros espaços não é senão pura coincidência.

A guerrilha entre os semanários franceses

À concorrência entre os principais semanários franceses, que se sentem obrigados a disputar cada vez mais o público dos «magazines», assumiu nos últimos tempos formas novas, indicadoras de mudanças consideráveis na concepção da informação.

Os agitadores, «Le Nouvel Observateur» e «L'Evénement du Jeudi» fazem sofrer os *elegantes* (1), «Le Point» e «L'Express». Mas todos se servem das mesmas armas: o «marketing» e a diversificação.

As alegrias, os neonazis, a guerra dos quilos, a maçonaria e o amor aos quinze anos: eis os temas que recentemente e vez a vez ilustraram as primeiras páginas dos semanários. Fortemente apoiados por publicidades, promoções de todo o tipo e suplementos diversos, o «L'Express», o «Nouvel Observateur», o «Le Point» e o «L'Evénement du Jeudi» disputam mais que nunca o público dos magazines de informação. E um mercado publicitário que, em 1986, aumentou 10,5% (para atingir 1239 milhões de francos).

A actualidade comanda a escolha das capas, mas o «marketing» tem também algo a dizer. O mais pequeno da «banda dos quatro», o «L'Evénement du Jeudi», fundado em 1984, não lhe conseguiu fazer frente. «Sabíamos que o 'Nouvel Observateur' tinha conseguido um recorde de vendas com a maçonaria, portanto nós também o fizemos», afirma sem dissimulações o sr. Jean-François Kahn, director do «L'Evénement du Jeudi». No pequeno cenáculo dos semanários, a espionagem e as cópias são permanentes mesmo que o estilo e a natureza dos artigos seja diferente. Estes quatro jornais dedicam-se a uma guerrilha onde um pequeno aumento nas vendas constitui tantas vitórias.

N.T. (BCBG = Bon chic, Bon genre) (1)

Uma guerrilha que também teve como causa directa o alargamento de um mercado desde há muito estagnado. Entre 1986 e 1987, a venda global dos quatro semanários aumentou 11% em Paris (passando de 81 779 exemplares a 89 854). Mas a fortuna varia consoante os títulos. Ainda em Paris, desde Janeiro a Julho de 1987, a média de vendas (sem assinaturas) do «Nouvel Observateur» aumentou 18%, a do «L'Evénement du Jeudi» 5%, enquanto que «Le Point» e o «L'Express» sofreram uma queda brusca (menos 14% para o primeiro e menos 9% para o segundo).

O mercado parisiense dos magazines de informação — que observam de perto os profissionais da imprensa e da publicidade — mudou portanto de fisionomia: durante os sete primeiros meses do ano, o «L'Evénement du Jeudi» ocupa o topo com 30,7% seguido pelo «Nouvel Observateur» 25%, depois o «Le Point» com 22,3% e o «L'Express» com 22%. Jean-François Kahn exulta: o nosso jornal foi durante a maior parte do tempo o primeiro em Paris e nos quiosques de certas grandes cidades da província, como Grenoble, Rennes ou Brest; vendemos por vezes mais do que o «L'Express». Franz-Olivier Giesbert, director da redacção do «Nouvel Observateur», felicita-se também pela subida do seu jornal, que tinha decaído em 1985. «O lançamento da nova fórmula teve lugar no Outono de 1986, mais de um ano após o seu lançamento, explicou. Mas, desde Janeiro, este jornal tornou-se o Concorde».

Este novo fôlego justifica-se pela sua nova imagem. Mas o jornal de Claude Perdriel também soube aproveitar-se do progresso da direita aos negócios. Enfim, a criação e o levantamento do l«Evénement du Jeudi» forçaram o seu despertar. O êxito destes dois semanários é bastante nítido entre o público mais jovem. de acordo com as últimas sondagens do CESP, 28% dos leitores deste jornal têm entre dezoito e vinte e quatro anos. É o caso de 21,9% dos do «Nouvel Observateur», enquanto que os quinze/vinte e quatro anos representam respectivamente 17,9% e 18,2% dos leitores do «L'Express» e do «Le Point».

Perante este duo competitivo que constituem o «Nouvel Observateur» e o «L'Evénement du Jeudi», o «Le Point» e o «L'Express» tentaram contra-atacar. «Mas a evolução actual das mentalidades não é muito favorável a um semanário político, constata o sr. Jacques Duquesne, o PDG do jornal «Le Point». Desde há cinco ou seis anos, os leitores preocupam-se sobretudo com o seu corpo, o seu dinheiro e com o seu universo de relações. No entanto o nosso leitorado permanece constituído por quadros superiores. O «Le Point» cativa simultaneamente o PDG, o arcebispo e o industrial. Qualquer capa propagandista só serve para cativar leitores fora do âmbito habitual».

O jornal «Le Point» acomodou-se à sua imagem de seriedade.

«Demais», comentam nos bastidores alguns dos seus concorrentes, afirmando que «essa fórmula de magazine de informação que narra as notícias da semana é caduca e sem atractivos».

«Le Point» captou a mensagem! Acaba de dar um ar mais jovial à sua *maquette* e criou um suplemento económico com cerca de doze páginas concebido por jornalistas desencaminhados (a preço de ouro) do... «Nouvel Observateur». Mas a concorrência é mais forte no que respeita ao «Express». O semanário, comprado há dez anos a Jacques Servant Schreiber pelo ultraliberal, Jimmy Goldsmith e cedido este Verão à CGE (Companhia Geral de Electricidade), mantém ainda o seu primeiro lugar. Muito embora o pague bem caro. O lançamento de quatro «semanários-mensais» no Outono de 1986, (desporto, ciências, moda, finanças, Bolsa) e as tentativas da última Primavera para separar — em vão — a quinta cadeia, agravaram bastante a sua contabilidade. A Générale ocidental, sociedade mãe do grupo «Express», acaba de anunciar uma perda de 229,5 milhões de francos na sua filial ou seja, quase um terço do seu volume de vendas. Os quatro «semanários-mensais» não venceram esta aposta. O mesmo aconteceu, aliás ,com o suplemento «L'Express-Paris». O director de Redacção do grupo, Jean-Paul Pigasse, tenta permanecer optimista: «O investimento feito nos suplementos não pode dar os seus frutos em apenas um ano, explicou. A sua criação já trouxe a vantagem de purificar o «Express» permitindo-lhe assim voltar à sua verdadeira natureza, um magazine de informação.»

Estratégia «porta-aviões»

Os anunciantes ainda não «sancionaram» a baixa de audiência do semanário. Pelo contrário. As suas receitas publicitárias aumentaram, em 1986 , 16%, e permanece o *leader* incontestado da Imprensa magazine no que respeita a pequenos anúncios, uma renda que obviamente pretendem defender. Mas isto não será suficiente: o novo PDG, Bruno Rohmer (que está também na direcção da «Presse de la Cité», outra filial da CGE, via a «Générale» ocidental), deveria proximamente pronunciar-se quanto ao futuro dos «semanários-mensais» e da edição internacional, que está também em dificuldade. Pretende-se igualmente que ele investirá nos audiovisuais. Neste campo, o «Le Point» tem já uma vantagem graças à sua aliança com a TF 1; daqui em diante, todos os meses, participará na emissão de Christine Ockrent, intitulada «Le monde enface».

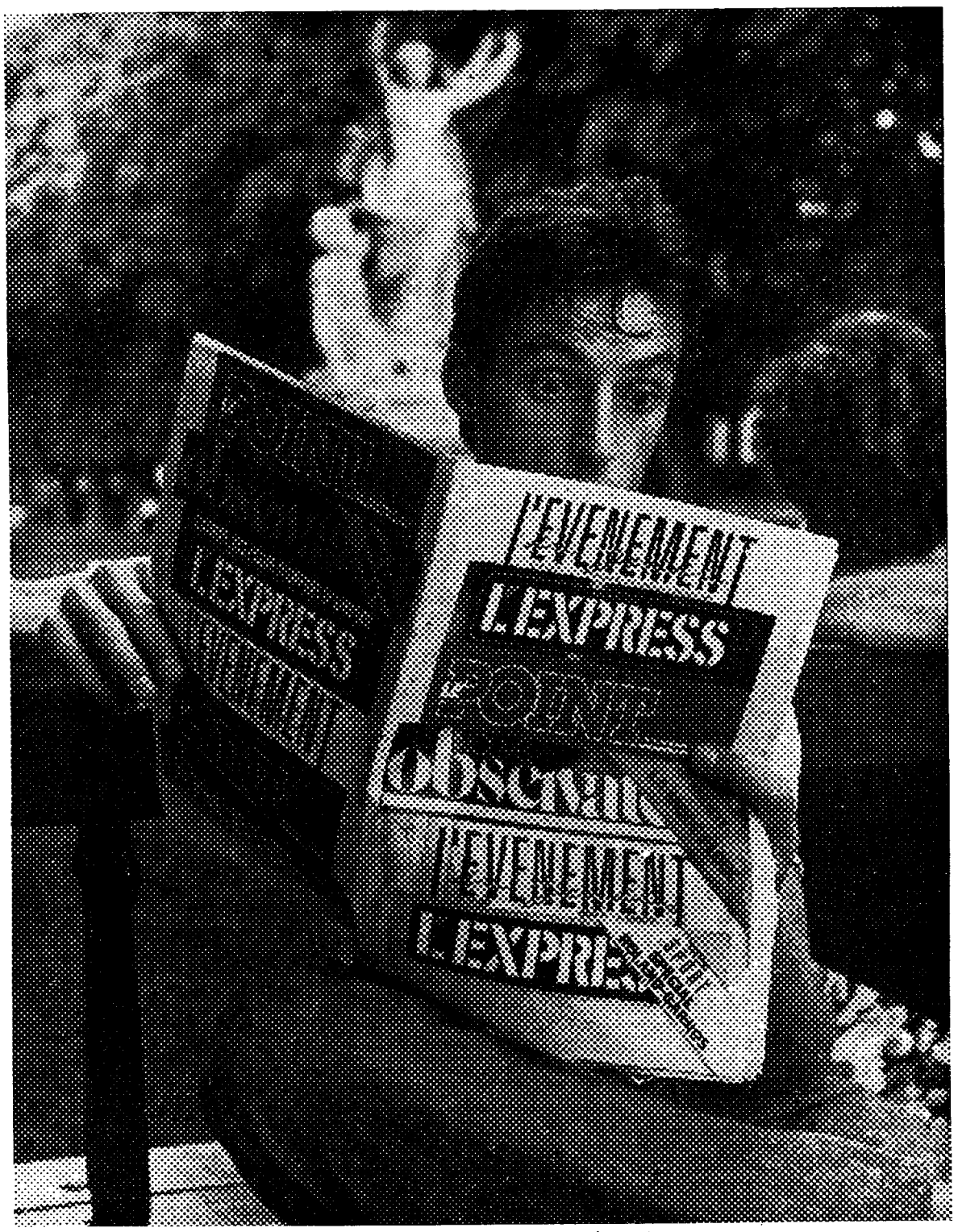
De facto os «grandes» quatro esforçam-se todos para desenvolver uma estratégia «porta-aviões»: lançar novos títulos a partir de um navio almirante. Aliás, nem sempre com sucesso. O «Express» encontra-se obstruído pelos seus «semanários-mensais». E o «Le Point» viu-se obrigado a recusar o «Atout» (a revista da terceira idade). Mas encontra-se em negociações com vista à tomada de controlo do grupo Gault et Millau e no dia 1 de Novembro lançará o«Point-Télématique», em sociedade com o distribuidor do «Parisien». Quanto ao «L'Evénement du jeudi», comprou recentemente ao grupo «Expansion» a revista mensal «Sciences et Techniques» além de ter adquirido 50% da revista «Paroles et Musiques». Tanto para Jacques Duquesne como para Jean-François Kahn, não existe salvação fora dos grupos de Imprensa.

O «Nouvel Observateur» pertence, em sua opinião, ao conjunto dirigido por Claude Perdriel («Sciences et Avenir, la Revue du minitel, Challenges»), mesmo que a sua direcção afirme a sua autonomia. Todavia, ele serve de rampa de lançamento das mensagens telemáticas cor-de-rosa do grupo. No entanto, em cada caso são feitos todos os esforços para se tornarem conhecidos. As campanhas publicitárias — cartazes, imprensa escrita, rádio — estão presentes para cativar o leitor. Segundo o instituto de sondagens SECODIP, o «Le Point» investiu, em 1986, 17,1 milhões de francos em publicidade ou promoção, o «L'Express» investiu 13,8 milhões de francos (além de 11 milhões nos «semanários-mensais») enquanto que o «Nouvel Observateur» e o «L'Evénement du jeudi» consagraram respectivamente 8,4 e 5,3 milhões de francos na sua publicidade.

Yves-Marie Labé

Nota

1) BCBG — «Bon chic, bon genre»: elegantes. N.Tu31 g1s152



Quatro semanários no «menu». Para conquistar leitores, cada um espia e copia o outro

A língua portuguesa em África

Por Fernando Cristóvão

O último número da revista «Terra Solidária», do CIDAC, publica um importante estudo de Fernando Cristóvão, presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e professor da Faculdade de Letras de Lisboa, sobre a situação da língua portuguesa em África. É esse estudo que aqui reproduzimos. Este número de «Terra Solidária» inclui ainda trabalhos de Salvatore Senese, Carolina Quina, Francisco Keil do Amaral e Paulo Pedroso, sobre temas relativos à cooperação com os países africanos de expressão portuguesa.

A fase que actualmente se vive de um certo pânico perante a situação da língua portuguesa nos países africanos lusófonos (em especial na Guiné e em Angola) nem se justifica como atitude realista nem redime a anterior apatia pela sua promoção. Enquadra-se num tipo de reacções emocionais que é preciso ultrapassar, pois nem a situação é tão trágica como a apresentam, nem é legítimo deixar que ela se prolongue sem as necessárias iniciativas de resposta.

Aqui , sim, está a questão mais importante: deixarmo-nos de apoios esporádicos, sem coordenação entre si, e passarmos a actuações concertadas e solidárias dentro de projectos prioritários.

É com este objectivo que apresentamos algumas reflexões, procurando esboçar a situação actual e caminhos possíveis de superação.

A língua portuguesa foi introduzida em África a partir da tomada de Ceuta em 1415, e desde aí não mais se interromperam os contactos com as populações africanas. Depois de Ceuta veio a passagem do Bojador, das ilhas, a dobragem do cabo da Tormentas até se chegar à Índia, segundo uma cronologia que pode entender-se como marco de referência de descoberta ou povoamentos: 1460 para Cabo Verde, 1472 para a Guiné, 1484 para a foz do Zaire e Congo, 1485 para S. Tomé, 1486 para Angola, 1498 para Moçambique.

Era a partir do litoral que a língua avançava para o interior, levada pelas duas formas que sempre usaram os portugueses nos seus contactos com as populações: o comércio e a missionação. Ambas facilitadas pela prática generalizada da utilização dos «línguas» que serviam de intérpretes e facilitavam as aproximações. Com efeito, era hábito nas navegações para África, para o Brasil ou para o Oriente, trazerem as naus naturais aprisionados nessas regiões, que em Portugal se familiarizavam com a nossa língua e colhiam impressões sobre a vida portuguesa. Nas navegações seguintes, eram devolvidos às suas terras de origem, onde exerciam a função de intérpretes.

No seguimento deles iam os mercadores e, sobretudo, os missionários, ensinando as primeiras letras através dos rudimentos da doutrina cristã. A pouco e pouco se abriam escolas e, mais tarde, colégios, enviando o rei «mestres de ler e escrever», como os mandados por D. Manuel, segundo Damião de Góis, para o Congo. O que, com as artes e artimanhas dos «pombeiros» (aventureiros e negociadores de escravos) e «funantes» (comerciantes de mato), contribuiu para a difusão da língua. A seu tempo surgiriam cartilhas, catecismos e livros auxiliares de ensino.

A implantação do português em África veio assim ao ritmo dos acontecimentos, não tardando a poder ser utilizado como língua de comunicação alargada, embora com a precariedade que facilmente se imagina.

Refutando os argumentos de Villaut de Bellefond (que fez uma viagem à costa da Guiné em 1666 e 1667), segundo os quais alguns navegadores de Dieppe teriam precedido os portugueses na descoberta da Guiné, o visconde de Santarém na sua memória *Prioridade das Descobertas Portuguesas na Costa de África Ocidental* refere factos linguísticos muito esclarecedores sobre a presença da nossa língua em África, admitidos até pelo viajante francês. Entre eles, por exemplo, o facto de o rei ter falado a Villaut em português, aliás «tout les habitants parlent le portugais corrumpu», e o de serem portugueses os principais topónimos. Conclui o erudito historiador: «Com efeito ele (Villaut) encontrou nas costa e em toda a parte nomes portugueses, e os naturais não só falavam português, mas, o que é mais, é que em algumas partes aqueles povos falavam a língua portuguesa corrompida, prova de relações conservadas por longos tempos, e que os mesmos habitantes conduziam os portugueses pelo interior e os transportavam a lugares remotos uns dos outros em plena segurança, o que não acontecia aos outros europeus». (1)

«Tais foram as provas do longo domínio dos portugueses na África Ocidental que Villaut encontrou naquela época, que até as autoridades dinamarquesas eram obrigadas a falar português a fim de se entenderem com os habitantes do país e as suas comunicações com eles». (2)

E outros testemunhos semelhantes podíamos encontrar, até de datas mais recuadas, todos cabendo no eloquente testemunho do linguísta Marius Valkhoff que assim resumiu uma situação comum não apenas à África, mas também ao Oriente: «Avant que le français ne devienne la langue mondiale au XVIII^e siècle et l'anglais ou XIX^e, le portuguais, la langue des premiers et des plus grands colonisateurs, a joué ce rôle». (3)

Mas a sua implantação e expansão tão significativas não corresponderam, posteriormente, nas colónias portuguesas de África estruturas de alfabetização capazes de enraizar, entre as populações nativas, a língua que viria a ser por elas adoptada, após a independência, como língua oficial. As estatísticas apresentam números bem decepcionantes em relação ao empenhamento que as autoridades coloniais diziam ter na promoção da sua língua.

Insucesso esse devido tanto à incúria no ensino e educação — factores decisivos para a elevação dos níveis cultural e de vida das populações —, como à resistência dos povos colonizados, sobretudo na fase precursora de maior consciencialização política, preparatória da independência.

Para esses povos, aceitar a língua do colonizador era aceitar o seu domínio, a sua visão do mundo, a perpetuação das suas ideias, instituições e quadros de suporte. Aliás, sob esse aspecto estavam a reagir, da melhor maneira, à ideologia de colonização dos países europeus que, até meados deste século, partiam do princípio de que era preciso impor a língua principal para se garantir a unidade, tanto dentro das próprias fronteiras como no seu império. Só recentemente se chegou à conclusão de que o pluralismo linguístico e cultural não vai, necessariamente, em desfavor da unidade nacional, antes a cimenta em bases naturais, mais duradoiras, portanto, que as da força das armas. Por isso, os governos tanto combatiam as línguas regionais do país como as línguas étnicas das chamadas províncias ultramarinas. Daí as confusões e atropelos de uma alfabetização que não queria distinguir entre língua materna, língua segunda, língua estrangeira, nem entre a metodologia própria duma língua europeia culta e a adequada a uma língua materna e de uso quotidiano.

Foi, sem dúvida, acto de grande clarividência cultural e política a decisão tomada pelos responsáveis africanos das antigas colónias portuguesas de adoptarem o português como língua oficial. Lucidamente, distinguiram a língua dos conteúdos que ela veiculava e souberam entender a extraordinária capacidade unificadora de uma língua oficial, o português, para superar a pluralidade e as rivalidades tribais e outras, das línguas étnicas. Além de que, adoptando os cinco a língua portuguesa, também comum a um país como o Brasil, melhor defendiam a própria identidade nacional face à pressão dos poderosos grupos anglófono e francófono.

Justiça deve ser feita, antes de mais, a Amílcar Cabral pela visão esclarecida que teve desde os alvores da luta armada em que era necessário preparar o futuro, definindo a linha fundamental da política linguística a seguir: «Há muita coisa ainda que não podemos dizer na nossa língua, mas há pessoas que querem que ponhamos de parte a língua portuguesa, porque nós somos africanos e não queremos a língua dos estrangeiros. Esses querem é avançar a sua cabeça não é o seu povo que querem fazer avançar. Nós, partido, se queremos levar

■ Quanto a Angola e Moçambique, a língua não conseguiu implantar-se em todo o território

para a frente o nosso povo, durante muito tempo ainda, para escrevermos, para avançarmos na ciência, a nossa língua tem que ser o português, e isso é uma honra». (4)

Situação actual

A situação actual do português em África é, pois, a de uma língua que conseguiu a sua máxima penetração em Cabo Verde (aliás neste arquipélago a colonização adquiriu feição muito própria, de mestiçagem intensa, ao ponto de a transição política e cultural se ter operado naturalmente, sem rupturas), e o seu resultado mínimo na Guiné-Bissau onde os índices de analfabetismo, até à indepedência, eram sempre muito altos, e onde dificilmente floresceram algumas, poucas, letras.

Mais precisamente, pde traçar-se um panorama geral a partir dos depoimentos apresentados ao «Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo» realizado em Lisboa em 1983, do seguinte modo:

Quanto a Angola, a «língua não conseguiu implantar-se em todo o espaço nacional, particularmente nas zonas rurais, não só devido à resistência oferecida pelo povo angolano, como também pela utilização limitada que dela se fazia». (5) Depois da independência intensificou-se o seu ensino, passando a ser usada como língua oficial, veicular, de escolaridade e comunicação internacional. Concorre, pois, em situação de plurilinguismo com as línguas étnicas, línguas maternas de várias populações, tais como o quiloongo, o quinbundo, o umbundo, o mbunda, o quaniama e muitas outra de menor utilização.

Em Moçambique, o panorama é semelhante: «Em Junho de 1975, apenas uma minoria da população dominava a língua portuguesa. Dessa minoria, por razões de ordem histórica e social, apenas um reduzido número de falantes a possuía como língua materna.

Não dispomos de estatísticas relativas a essa data, mas apenas de dados quanto à taxa de analfabetismo, que poderão, indirectamente, permitir tirar conclusões sobre o número de falantes moçambicanos de português, nessa data, Em 1977, segundo fontes oficiais (Seminário Nacional de Inforamações) existiam em Moçambique cerca de 90% de analfabetos. Se considerarmos que o meio principal de acesso à língua portuguesa era a escola, podemos afirmar que, na altura da independência, o número de moçambicanos que tinham tido acesso ao português não ultrapassaria os 10%.»

Em Cabo Verde, obviamente, a situação é diferente. A difusão da língua portuguesa fez-se com alguma regularidade tanto a partir do ensino primário como do secundário, dado o tipo de sociedade mista que ali se estabeleceu, e dessa situação é expoente de amadurecimento o movimento «Claridade» que ali ocorreu em 1936.

No arquipélago, é diferente a situação do português, pois está integrado numa sociedade bilingue visto que a língua materna é o crioulo (ou melhor, os crioulos, pois são diversos e apresentam diferenças entre si). «Coexistem no arquipélago duas línguas bem individualizadas: a língua portuguesa e a língua cabo-verdiana, embora com traços fisionómicos do português à flor da pele». (7) O português é usado na linguagem culta, na escolaridade (que também é feita em crioulo), na comunicação internacional, na leitura habitual dos principais jornais desportivos e semanários vindos de Portugal em abundância, nos livros.

No falar normal, facilmente se passa do português para o crioulo e vice-versa, conforme a situação comunicativa linguística e a iniciativa de qualquer dos interlocutores.

Muito lucidamente, a filóloga cabo-verdiana Dulce Duarte define o caminho a seguir: «estamos conscientes de que teremos de continuar a esforçar-nos por aprender o português com a maior correcção possível. Por mais que estudemos o crioulo e procuremos dar-lhe um novo estatuto linguístico não podemos perder de vista que teremos necessidade de ser bilingues, dado que precisamos do português como língua de grande difusão internacional». (8)

Na Guiné-Bissau, também um crioulo bastante semelhante ao de Cabo Verde é a língua veicular, concorrendo com as dezanove línguas étnicas, dentre as quais se salientam o mandinga, o jacanca, o fula, o balanta, o manjaca e o mancanha.

«Segundo o recenseamento geral da população e habitação feito no nosso país em 1979, é o seguinte o quadro linguístico: no que diz respeito a falantes de línguas, temos

que 11,1% fala português. E, dos que falam português, apenas 0,15% são monolingues de português. Temos 44% da população que fala o crioulo, e destes que falam o crioulo 4,57% são monolingues do crioulo.« (9) O resto da população fala as restantes línguas étnicas.

Em consequência, são de bilinguismo ou multilinguismo grande número de situações dos guineenses, sendo o português, para além da utilização própria dos falantes da percentagem indicada, aprendido através dos livros, jornais, textos oficiais do partido e do governo, numa hesitante e, às vezes, confusa escolarização.

Em São Tomé as línguas faladas repartem-se pelo angolar, o forro, o moncó, o crioulo são-tomense e o português padrão. Em situação não muito diferente se encontram os naturais de Casamansa (Senegal) e das ilhas do Príncipe e Ano Bom.

Daí que a política mais aconselhável a seguir tenha «como objectivo incrementar a coexistência da língua oficial (português) com os crioulos (forro e moncó) e o único dialecto (angolar), favorecendo o desenvolvimento dos dois sistemas de língua nas escolas, literatura, arte, meios de comunicação social, etc., e, finalmente, reduzir o desequilíbrio entre ambos». (10)

Teremos completado este painel africano lusófono se acrescentarmos que a língua portuguesa é não só língua oficial da CEE e OEA, de trabalho na UNESCO, mas, principalmente, língua oficial da OUA — Organização de Unidade Africana —, o que lhe confere especiais possibilidades e responsabilidades em África.

A necessidade de uma nova dinâmica

Uma nova dinâmica para uma situação já clarificada é o que parece impor-se como dedução dos factos linguísticos resultantes de um passado secular histórico-cultural comum e da vontade lúcida dos governantes.

Essa dinâmica arranca do reconhecimento, que hoje nos parece elementar, mas até há pouco polémico e confuso, de que uma coisa é a língua materna, natural expressão das relações comuns do quotidiano, e outra a língua oficial, fautora da unidade nacional, da comunicação internacional, da escolarização ao mais alto nível envolvendo a reflexão abstracta, a ciência e a técnica. Paralelamente, parece hoje mais claro a quase todos, que um é o papel desempenhado pelos crioulos maternos e línguas étnicas, e outro o do português como língua oficial dos diversos tipos de diálogo supraregional e supranacional.

A recente publicação do romance cabo-verdiano, em crioulo, *Oju d'Agu*, de Manuel Veiga, (11) veio exemplificar de modo bem claro esta situação. Com efeito, se o romance pode ser lido por quem tem este crioulo como materno e consegue reconhecê-lo por escrito, o mesmo não acontece com os estrangeiros. Esses, se souberem português, ainda poderão aventurar-se a uma leitura muito lenta, quase soletrada (com manifesto prejuízo para a ficção), mas os outros nunca conseguirão entender *Oju d'Agu*, a não ser traduzido, pois dificilmente se decidirão a aprender uma língua sem utilidade na comunicação internacional.

Os papéis do crioulo e do português são pois complementares, não opostos.

Deve, contudo, acrescentar-se em relação ao português em África que está a acontecer em alguns grandes meios urbanos, por exemplo, em Luanda, ele ser falado como língua materna dos próprios africanos.

Com efeito, a deslocação de muitos deles para a cidade (devido a causas que vão desde a fuga à guerra, à ilusão de melhores condições de vida e ao elevado índice de natalidade), faz com que, para cada vez maior número de pessoas, o português seja língua materna e única.

Em consequência, duas metodologias se impõem: uma valorizando e fixando os crioulos e línguas étnicas de modo a torná-las escritas também e eficazes nas diversas situações comuns da vida, desde as de alfabetização às da convivência social; outra difundindo a língua ofi-

Continua na pág. 6

Continuação da pág. 5

cial ou eventualmente também materna, língua de prestígio cultural, político, religioso, de modo a que se encontre uma norma cultural nacional capaz de ombrear com as outras normas cultas do espaço lusófono (portuguesa, brasileira, possivelmente também galega e outras africanas).

Não faz, pois, sentido defender-se o crioulo contra o português ou o português contra o crioulo, pois nenhuma destas línguas pode ou deve ocupar o lugar de outra, ambas se completando e consolidando.

A valorização dos crioulos deve levar à sua descrição e estudo, de modo a que não seja língua exclusiva ou predominantemente oral, mas possa fixar-se através da escrita, com a elaboração de gramáticas e dicionários. Tarefa tanto mais complexa quanto, por exemplo em Cabo Verde, não é só de um crioulo que se trata. Vários são, nesse arquipélago, os sistemas realizados, ainda que entendidos a partir de uma origem comum portuguesa, visto compreenderem linhas divergentes no Sotavento e Barlavento (especialmente em São Nicolau, Santo Antão, São Vicente, São Tiago e Fogo). (12)

Por seu lado, a valorização do português como língua oficial deve levar a um mais sistemático e perfeito ensino, bem como a estudos como o da procura de um português fundamental próprio de todas ou de cada uma das repúblicas africanas lusófonas. E, sobretudo, realizar uma valorização que parta do seu reconhecimento como segunda língua do país, perspectiva esta que frequentemente é confundida com a de se entender segunda língua como simples língua estrangeira.

Em qualquer dos cinco países africanos considerados, o português não é língua estrangeira. Por dois motivos fundamentais: primeiro, porque é património venerável de séculos de vivência comum histórico-cultural, depois porque foi reconhecido por esses países como sua língua oficial. Situação, portanto, muito diferente da das outras línguas europeias de cultura como o inglês, o francês, o espanhol, essas sim, línguas estrangeiras ao país.

E a facilitar esse ensino/aprendizagem está ainda a especial «capacidade da língua portuguesa se adaptar facilmente a sistemas linguísticos diferentes, uma vantagem importante relativamente ao inglês e ao francês, línguas de africanização bastante difícil, se não mesmo impossível». (13)

Mas se quanto às ideias de base a situação está clarificada, o mesmo não acontece na prática do ensino e da aprendizagem onde lavra razoável confusão, pois a debilidade das estruturas educativas nacionais ainda não conseguiu equacionar e disciplinar o auxílio estrangeiro. Com efeito, multiplicam-se os projectos de curto prazo, atropelando-se em repetições e paralelismos inúteis, sem enquadramento de prazos médio e longo.

Não têm faltado iniciativas e apoios por parte de organizações internacionais como o Banco Mundial, a UNESCO, a UNICEF ou as Comunidades Europeias, e de organizações portuguesas como a Fundação Gulbenkian, a Direcção-Geral da Cooperação ou o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Acontece, porém, que tais apoios nem estão devidamente integrados num projecto global onde cada instituição teria um papel específico a desempenhar (daí as iniciativas paralelas que mutuamente se desautorizam e inutilizam), nem essas ofertas de auxílio recebem a garantia de continuidade ou, sequer, de poderem efectivar-se sem alterações substanciais ou paralelismos.

■ O romance Oju d'Agu, escrito em crioulo, torna exemplar a necessidade do português, língua de unidade nacional e mais conhecida internacionalmente

Como é óbvio, terá de ser o próprio país africano (pela lógica da coerente defesa dos seus interesses e de preservação da sua cultura) a elaborar esse plano global e a seleccionar e aceitar os projectos de colaboração que nele caibam. Em contrapartida, à instituição colaborante deverão ser dadas garantias de que a tarefa que se propõe realizar possa efectivar-se conforme o acordado e numa perspectiva de continuidade, sem as aludidas mudanças de rumo ou concorrências.

Consideramos, assim, de capital importância para o bom êxito das tarefas de escolarização e ensino da língua, a existência de interlocutores africanos investidos de autoridade e capacidade deliberativa segura e continuada que possibilitem o desenvolvimento homogéneo das acções educativas dentro de um plano que contemple também o médio e longo prazo. As hesitações e flutuações neste campo têm inutilizado e desanimado muitos apoios incondicionais e generosos.

Certamente por ainda não se ter chegado a este estádio é que tantos esforços e dinheiro já investidos não obtiveram resultados palpáveis, chegando-se por vezes a queixas e recriminações mútuas das partes cooperantes. Embora animadas do melhor desejo de colaboração, as partes em diálogo realizam demasiadas vezes um diálogo de surdos, porque lhes falta uma plataforma comum isenta de equívocos.

Um tal projecto global educativo e de ensino impõe-se tanto mais quanto os jovens países lusófonos ainda não tiveram tempo para criarem e consolidarem estruturas próprias sólidas. No caso especial do ensino do português como língua oficial e língua de escolarização, acontece, um pouco em todos eles o que em mais elevado grau ocorre na Guiné: os alunos que pretendem aprender português ou em português, vêem de tal modo acrescidas as suas dificuldades de aprendizagem que estão quase fatalmente condenados ao insucesso escolar, logo à partida. É que a somar ao esforço de entenderem uma língua, que não é a sua materna, têm o mau português falado e pronunciado pelos diversos professores cooperantes estrangeiros (da Suécia, de Cuba, da URSS, RFA, RDA, etc.) leccionando matérias diversas. Ou, pior ainda, têm de juntar a essa confusão uma outra, a do espanhol ou

«portinhol» falado pelos cooperantes cubanos que julgam pouca diferença fazer usar uma língua parecida com a nossa ou com ela misturada.

Para além disso, a falta de programas, de suportes de ensino (livros, audiovisuais) contrasta com a abundância de meios bibliográficos, radiofónicos e televisivos, sobretudo de língua francesa.

Pouco adianta, neste contexto, pedir o envio de professores, de livros, de meios audiovisuais, se eles não podem ser utilizados em projectos com princípio, meio e fim, onde cada pessoa e cada coisa tenham os seus lugares bem definidos.

A colaboração portuguesa no ensino da língua nos países lusófonos deveria também, em coerência de princípios e métodos, ser organizada e concertada para ser eficaz.

Impõe-se também, em nosso entender, uma «arrumação» do apoio português à África lusófona, obviamente sem rigidez nem dirigismo, mas com um mínimo de articulação e optimização de meios.

Essa coordenação de iniciativas e esforços deveria ser realizada de preferência por um organismo já existente, ou a criar, onde estivessem representados organismos oficiais como a Direcção-Geral de Cooperação, o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, o Instituto de Investigação Científica e Tropical, o Instituto de Tecnologia Educativa, a Associação das Universidades de Língua Portuguesa, e organismos privados como a Fundação C. Gulbenkian.

Nesse organismo deviam ser preparadas as respostas aos pedidos africanos e evitando-se paralelismos e repetições inúteis na cooperação, ao mesmo tempo que, através dele, se procurariam incentivar outras instituições nacionais e internacionais para o preenchimento de lacunas, e para reforço das actividades empreendidas.

Na verdade, é já considerável o esforço português de cooperação, com particular relevância para as iniciativas da Secretaria de Estado e Direcção-Geral da Cooperação, Instituto de Gulbenkian e do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

As responsabilidades cometidas em 1976 ao então Ministério da Cooperação e suas estruturas são desempenhadas, segundo o último decreto-lei que reestruturou o MNE (529/85), pela Direcção-Geral da Cooperação, à qual compete «acompanhar e apoiar, em estrita articulação com os demais serviços do Ministério, as actividades de cooperação nos domínios sócio-cultural, científico e tecnológico e ainda nos demais domínios cuja coordenação não caiba na competência de outros organismos».

No âmbito da sua competência tem cabido a esta Direcção-Geral, especialmente através do seu serviço de cooperantes (decretos-leis 180/76, 486/79, 487/79 e, sobretudo, 363/85), desenvolver acções que se estendem também ao ensino da língua, com os sucessos e insucessos de todos conhecidos. As diligências actualmente em curso para que nas suas actividades de divulgação da língua portuguesa tomem lugar, cada vez mais relevante, o ICALP (que para tanto tem competência legal e específica) e outras instituições, parecem poder garantir à Cooperação não só uma filosofia cultural de suporte, inexistente em todo o articulado legal que a regulamente, mas, sobretudo, a vertente científica e pedagógica que torne eficaz esse ensino.

Com esse objectivo têm sido elaborados projectos e missões conjuntas em Portugal e em África, sendo de evidenciar, entre elas, a missão à Guiné-Bissau em Março de 1987, e o acompanhamento da missão em Portugal de um grupo de professores angolanos durante vários meses, até Julho de 1987.

A missão à Guiné, organizada segundo um projecto do ICALP preparado pelas dras. Laura Pereira Monteiro e Maria de Lourdes Paulino, foi enviada pela Cooperação, tendo nela colaborado também o IPED, até porque se considera muito importante o concurso dos audiovisuais. O acompanhamento da missão angolana decorreu durante vários meses e permitiu ao grupo estudar o sistema de ensino português, tendo sido permanentemente assistido pela Escola Superior de Educação de Setúbal.

O que estas duas missões-tipo têm de relevante é o facto de esboçarem perspectivas de projectos comuns que os interlocutores africanos aceitam e encorajam.

Particularmente importante tem sido a actividade da Fundação C. Gulbenkian em relação à África, sendo de evidenciar os trabalhos desenvolvidos com vista a melhorar-se a metodologia e a qualidade do ensino do português nos países lusófonos, e a produção de materiais escolares.

Para tanto, diversas reuniões com responsáveis dos países africanos e missões de estudo têm sido organizadas, a última das quais a Luanda, chefiada pelo dr. Aldónio Gomes, parecendo-nos de relevar, pelo seu êxito, a experiência-piloto a decorrer em São Tomé, trabalhos esses que assentam em estudos rigorosos preparatórios, como o mostra a edição de *A Educação na República da Guiné-Bissau. Análise Sectorial* (14) da autoria de António Guterres, Eduardo Marçal Grilo, Luís Lamas e Roberto Carneiro.

Quanto ao Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, logo que a actual equipa dirigente assumiu as suas responsabilidades, o apoio à África lusófona foi erigido em primeira prioridade da sua acção (15). Passou-se gradualmente da tradicional atribuição de bolsas de estudo, oferta de bibliografias e de alguns subsídios desligados de projectos, para a negociação e compromisso bilateral em projectos e programas de curto e médio prazo, como primeira etapa a cumprir. É nessa perspectiva que se situam as iniciativas atrás mencionadas de colaboração com a Direcção-Geral da Cooperação e com o IPED.

Dentro desse esforço de transformação, o ano de 1987 vai ficar especialmente assinalado por ser o ano da criação e abertura dos primeiros leitorados do ICALP nos países africanos lusófonos. Começam a funcionar já no ano lectivo agora iniciado os leitorados de Bissau, Praia, Luanda e Maputo, esperando-se que no próximo ano não só se abra o de São Tomé, como se aumente o seu número em Angola e Moçambique.

Da acção a irradiar destes leitorados muito esperamos, até porque neles se inicia uma experiência nova; embora leitorados iguais aos outros, sob o ponto de vista académico e administrativo, as atribuições dos leitores são diferentes das dos leitores europeus, pois têm como missão a de serem assitentes pedagógicos do ensino básico e secundário locais. Só excepcionalmente são colocados em universidades, pois o seu local habitual de trabalho será uma escola do secundário ou instituição de funções e nível semelhante, à escolha do país de acolhimento, após acordo prévio.

Naturalmente, eles serão a base de apoio para outras acções de ensino e animação cultural, visto estarem especialmente vocacionados para enquadrarem iniciativas culturais portuguesas e locais, dado situarem-se dentro do sistema escolar africano e em íntima colaboração com ele.

Estes são alguns aspectos da situação e perspectivas da língua portuguesa na África lusófona a exigirem uma mais aturada atenção dos portugueses. Atitude que não vai apenas no sentido de um apoio unilateral, mas na perspectiva ampla das trocas culturais mútuas e da corresponsabilidade nos problemas gerais da língua. É que não podemos continuar a pensar, como no passado, ser ela nossa propriedade exclusiva, antes património comum aos sete países lusófonos. Por isso, são tarefas comuns as de se resolverem problemas como o da unidade ortográfica, da edição de manuais escolares, da divulgação multilateral das culturas dos sete. Mais urgente agora que consolidar a língua da pátria, é urgente a unidade e solidariedade da pátria da língua.

Notas

(1) Visconde de Santarém, **Prioridade dos Descobrimentos Portugueses,** Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1958, p. 38.

(2) **Ibidem,** p. 41.

(3) Marius Valkhoff, «L'importance du portugais comme langue mondiale avant le français», in **Miscelânia Luso-Africana,** Lisboa, JICU, 1975.

(4) Citado in **Actas do Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo,** Lisboa, ICALP, 1985, p. 230.

(5) Irene Guerra Marques, «Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola», **ibidem,** p. 205.

(6) Perpétua Gonçalves, **ibidem,** p. 244.

(7) Belmiro Ramos, **ibidem,** p. 227.

(8) **Ibidem,** p. 230.

(9) Maria Augusta Henriques, **ibidem,** p. 235.

(10) Carlos Espírito Santo, «Situação actual da língua portuguesa nas ilhas de S. Tomé e Príncipe, **ibidem,** p. 256.

(11) Manuel Veiga, **Oju d'Agu**, Praia, Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1987.

(12) José G. Herculano de Carvalho, **Estudos Linguísticos**, 2.º vol., Coimbra, 1984, p. 8.

(13) Salvato Trigo, **Luandino Vieira, o Logoteta**, Porto, Brasília, 1981, p. 84.

(14) Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1986.

(15) Fernando Cristóvão, **Notícias e Problemas da Pátria da Língua, 2.ª edição, Lisboa, ICALP, 1987, p. 54.**

Figuras Atópicas

A escrita e as máscaras

HÁ uma nota de Borges sobre o imperador chinês Huang-Ti onde é afirmado que este soberano, após a vitória sobre as decadentes instituições feudais, teria ordenado a destruição de todos os livros anteriores ao início do seu reinado. Seguidamente, por certo dotado da lucidez ébria dos actos divinos, projectou a construção da Grande Muralha. Deste homem, a quem é também atribuída a invenção da escrita e da bússola, diz Marcel Granet que fez publicar um documento contendo três mil caracteres cujo uso tornou obrigatório e cujas qualidades expressivas se revelaram inexcedíveis, isto porque, segundo o próprio Huang-Ti, a cada ente corresponde um nome adequado, a criação do carácter a um acto divinatório. Repletos de eficácia mágica, os caracteres permitem aos homens a compreensão e o controlo da Natureza na medida em que espelham, de cada ser que designam, a sua personalidade e o seu lugar na Ordem do Mundo (1).

Surgida, indubitavelmente, nas formações sociais despóticas, a escrita, isto é, o aprisionamento da voz e da palavra nas redes secretas do grafismo (para não entrar em polémicas derridianas), aparece, antes de mais, como instrumento político fulcral em regimes onde impera a divisão da ordem social em dominantes e dominados, onde se reconhece a existência de um aparelho estatal. Lévi-Strauss descreve-nos, em páginas célebres (2), um extraordinário evento: durante a sua estada entre os Nambikwara, por diversas vezes estes índios amazónicos se tinham interessado pelo bloco de notas do etnógrafo e pelos misteriosos sinais aí traçados sem que, no entanto, tivessem compreendido ou descoberto a sua utilidade. O seu chefe, contudo, no momento em que, junto a um curso de água, se iam efectuar variadas trocas entre os índios e o etnógrafo «(...) tirou de um cesto um papel coberto com linhas tortuosas que fingiu ler e nas quais procurava com uma hesitação fingida a lista dos objectos que eu devia dar em troca dos presentes oferecidos: a este, contra um arco e flechas, um sabre de cortar. A um outro pérolas! Para os seus colares... Essa comédia prolongou-se durante duas horas. Que esperava ele? Enganar-se a si próprio, talvez; mas ainda mais espantar os seus companheiros, persuadi-los que as mercadorias passavam por seu intermédio, de que ele tinha obtido a aliança do branco e participava dos seus segredos.»

Deste modo, o nosso autor considera que a escrita, vinda do exterior pelas suas mãos, teria sido utilizada pelo chefe não como um meio de conhecer ou memorizar acontecimentos, mas com o fim descaradamente sociológico de «aumentar o prestígio e a autoridade de um indivíduo» (3). No entanto, os Nambikwara, como que sabiamente avisados, esconjuram a ambição despótica do seu chefe, que lhes fazia crer possuir o acesso a um código para eles incompreensível, na medida em que, quase de imediato o destituem do seu cargo: «Aqueles que se afastaram do seu chefe, depois dele ter jogado a cartada da civilização, (...), compreendiam confusamente que a escrita e a perfídia penetravam entre eles de braço dado.» Com efeito, tudo leva a crer que a escrita aparece com o intuito inicial de «facilitar a servidão» sendo a sua utilização intelectual ou estética considerada como um resultado secundário.

Uma das atribuições do chefe ídio é a produção diária de um discurso cujo conteúdo se refere à concórdia que deve existir entre os diversos membros da tribo, ao respeito devido às regras impostas pelos antepassados, enfim, o chefe tem o dever de relembrar diariamente a lei que sustenta o funcionamento social da sua tribo. Este dever da palavra aparece-nos investido de um singular carácter suicidário na medida em que a sociedade obriga o seu chefe a pronunciar um discurso dirigido contra a aquisição individual de poder, contra a inovação histórica, contra a especialização da função política. Por oposição a esta palavra, por todos sobejamente conhecida mas necessariamente relembrada com fins claramente políticos, a escrita emerge em sociedades de organização mais diferenciada, como algo da ordem do segredo e do invisível, código secreto cuja posse determina os privilégios.

A escrita vai aparecer como a nova voz, a voz muda da nova aliança, instrumento de filiação directa com Deus. A palavra divina é revelada pela escrita, fundamento da comunicação: agora já não funciona, em geral, o poder da eficácia simbólica e encantatória do mágico, mas o poder secreto da escita revelada, é inaugurado o reino da incompreensão e inatingibilidade da Lei, origem de um novo regime de codificação dos corpos. A este respeito é exemplar o mundo muçulmano: os versículos do Alcorão serão recitados em determinadas posturas, certas modulações de voz, que diferem pertinentemente, na sua rigidez e compostura, da mímica expressiva e exuberante dos poetas pré-islâmicos (4).

A emergência da escrita torna-se então o garante da exclusividade da aliança entre o poder, pensado como exterioridade, e a classe dominante. Com efeito, se a escrita, código sagrado, age sobre a ordem das coisas enquanto sistema ordenador dos dados da experiência, aqueles que o utilizam participam de algum modo dessa sacralidade, beneficiam, afinal, como agentes, da essencialidade do poder, a saber: o discurso de manuseamento do mundo.

Poder que se constrói (institucionaliza) através da permanência da dramaturgia da exterioridade, isto é, da necessidade experimentada por uma sociedade de não deixar escapar ao seu controlo as forças da natureza. Tal controlo é efectuado através da representação da dramaturgia do mundo, a encenação ritual. É no ritual que os homens projectam o seu desejo de domínio de tais forças, irredutíveis na sua dimensão alucinadamente total. Na representação ritual a natureza é mimada não tal qual ela é, mas tal como o desejo a investe: «Para que certas larvas se possam multiplicar, os actores aranda (tribo australiana) instalam-se num abrigo de ramos que representa o invólucro da crisálida. Sentados no interior, jejuam e cantam; depois saem e comem, como desejam que a larva faça» (5). No ritual, a temida exterioridade é inserida na representação, surge até como o próprio texto vivo, actuante, de toda a dramaturgia. Num determinado momento, uma comunidade congrega forças no sentido da reconfirmação de uma identidade que assegura, embora temerosa e inquieta da consciência da precariedade (identidade e precariedade, faces colectiva e individual de uma mesma ideia), um certo tipo de meio de aquisição, de manter estável a infinita dívida.

Mas os homens e as culturas certamente que, por vezes, se recusaram a abolir tal sonho, a abdicar da existência de um espaço sagrado onde se encena, em cada fragmento de tempo, os momentos atrozes da vida de um deus, a sua construção e desempenho; ao enclausurar certos indivíduos numa multiplicidade de procedimentos, regras e interditos, assegura-se por intermédio dos equivalentes rituais uma intervenção totalizante, a ritualidade como sistema que engloba os vivos e os mortos, as plantas e os animais, os processos e catástrofes naturais. Dramaturgia que se recusa a morrer (afinal o grande paradoxo da grande prática teatral, o problema da sua efemeridade) o Estado primordial aparece certamente assegurado quer ao nível não discursivo da força, da obtenção do monopólio da violência legítima, quer ao nível discursivo da sedução, da sujeição da vontade dos sujeitos a uma «estratégia das aparências» (6), ao fascínio da representação. Dizer o poder que seduz é, de certo modo, pleonástico já que cremos que a força, só por si, não basta para dominar um povo e fundar um Estado. Existe algo de profundamente desconhecido na relação de poder, algo que pertence ao reino da sedução, e que produz um amável consentimento, desejo de prostração face a tão incomensuráveis figuras.

Sedução que não consente a estratégia consciente, a tortuosidade do criminoso que, ao socorrer-se da Razão, forja uma relação pálida, que não se apresenta, de um golpe, irrevogável.

Atentemos, por exemplo, em duas cenas extraídas de mitos africanos de fundação do Estado:

«Repousando um dia nas margens de uma ribeira, cujo leito se encontrava seco nessa estação, encontrou duas jovens que tinham vindo revolver a areia para extrair a água. Pediu-lhes de beber. A primeira, uma rapariga do clã Búfalo, estendeu-lhe a cabaça cheia; a outra, do clã dos Génios de Água, aterrorizada pelo seu aspecto temível, procurou fugir. Mas Damba reteve-a com palavras amáveis e deu-lhes, a uma e a outra, peças de caça que elas levaram aos seus pais. A mesma troca repetiu-se no dia seguinte e nos restantes.» (mito Moundang).

«Mbidi Kiluwe chegou, acompanhado de um servo, a um lago próximo da aldeia de Mwibele. O servo escondeu-se, a Mbidi Kiluwe subiu a uma árvore junto ao lago. Duas irmãs de Nkongolo vieram ao lago buscar água. Elas viram o reflexo de uma cara de homem no lago, e olhando para cima viram Mbidi Kiluwe na árvore. Quando ele saltou da árvore elas ficaram impressionadas pela sua pele extremamente negra e pelas suas belas feições.» (mito lunda).

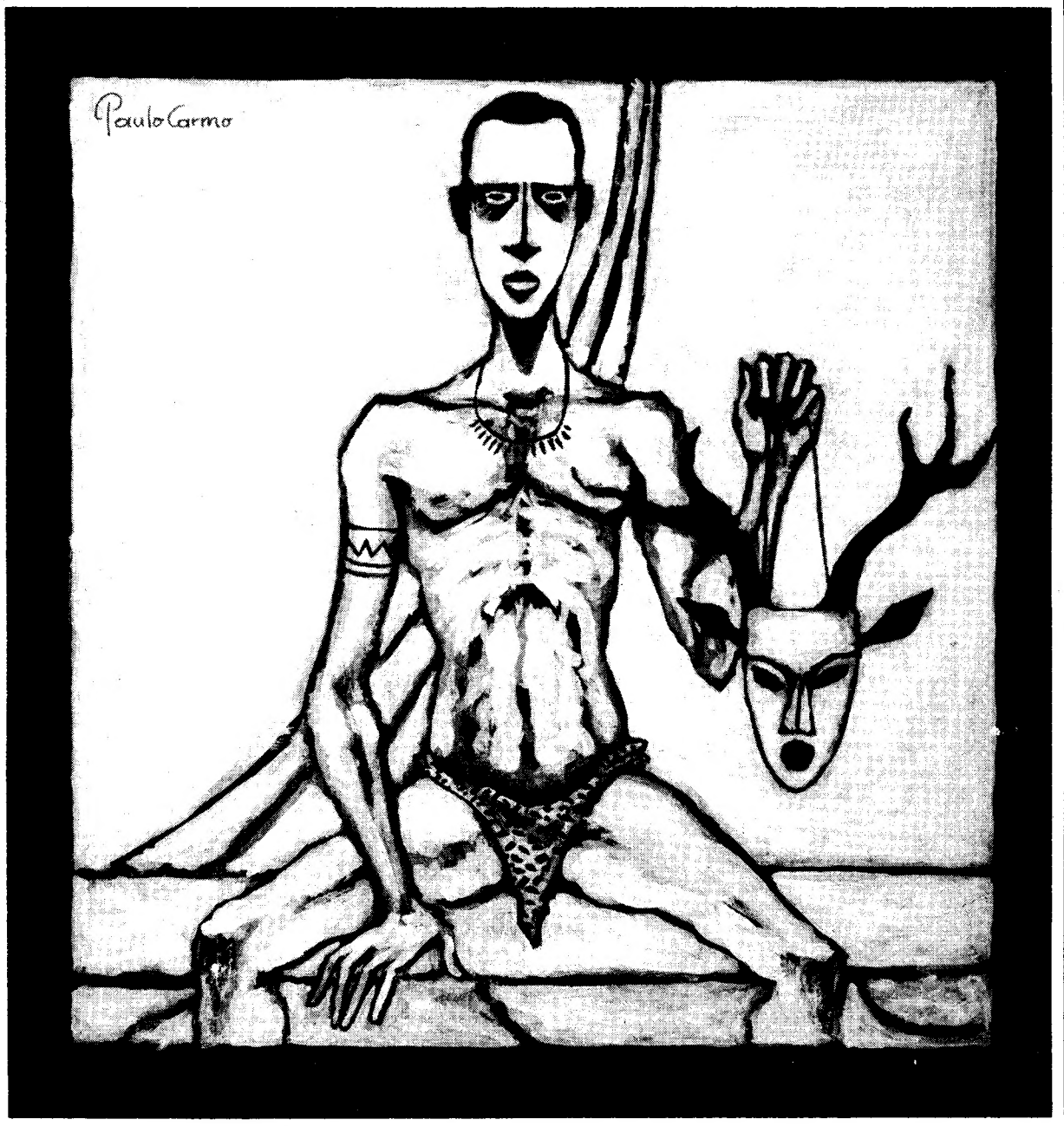
O poder sedutor dos reis constitui-se como condição necessária ao seu advento, poder imediato e terrível, que não dá lugar a qualquer apelação, que leva a preterir a ideia da servidão voluntária a favor da submissão apaixonada: «eles chegam como o destino, sem causa, razão, respeito ou pretexto, (...), demasiadamente outros para chegarem a ser objecto de ódio» (7).

Os homens civilizados, contemporâneos do átomo e da descrença, compreendem à noite, que por detrás de cada máscara existe ainda uma outra e ainda outra incessantemente, que nos perdemos no labirinto e o fio, o generoso fio de Ariane, quer se nos enreda ao pescoço, quer se transmuta em rastilho.

Carlos José

Notas

(1) Marcel Granet; La pensée chinoise; Albin Michel, 1968.
(2) Lévi-Strauss; Tristes Tropiques; Plon, 1955.
(3) Lévi-Strauss; idem.
(4) Malek Chebel; Le corps dans la tradition du Maghreb; PUF, 1984.
(5) Hocart, A.; Rois et Courtisans; Seuil, 1978.
(6) Baudrillard, Jean; De la seduction; Galilée, 1979.
(7) Nietzsche, F.; Genealogia da moral, Guimarães Editora, 1983.



Retratos no Teatro

Luís Varela

Por Manuel Cintra

Évora parece um país distante. Quando se chega desta cidade de Lisboa confusa e suja, o ar mais puro e as ruas mais limpas são particularmente convidativas. Olhando com mais atenção, nota-se, pelas paredes, uma actividade cultural intensa, pouco habitual numa cidade de província. Vem isto a propósito de Luís Varela, encenador e director do centro cultural daquela cidade, e que é sem dúvida um dos homens que mais contribuíram para que este raro caso de intensidade cultural saudável viesse a acontecer.

QUANDO chego a casa de Luís Varela, encontro-o a ultimar o programa do próximo espectáculo do grupo do Centro Cultural de Évora, a estrear em breve: O CONSTRUTOR de Henrik Ibsen. Ligada a esta azáfama, Christine Zurbach, sua mulher, que tem vindo com ele a colaborar na dramaturgia, discreta mas intensamente, de encenação e tudo tem um ar semi-recente, pois acabam de se mudar para ela. Tem-se, portanto, uma segunda vez a mesma sensação de frescura. Quanto ao próprio Luís Varela, que eu conhecera com outro aspecto, parece também ele, rejuvenescido; mais jovem, alegre e enérgico, e de feições mais magras do que a fôto, mais uma vez desactualizada, mostra.

Luís Varela, embora tenha nascido em Lisboa, passou toda a sua infância e começo da juventude na Nazaré. Foi aí que, tendo irmãos mais velhos já ligados a actividades estudantis, se interessou de pequenino pelo teatro, participando desde logo nas récitas e espectáculos que então se montaram numa pequena comunidade intitulada Clube Académico da Nazaré. Foram montadas peças, entre outros autores, de Luís Francisco Rebello, e sempre que era preciso uma criança, ali estava ele para interpretar o papel. Pode portanto dizer-se que foi crescendo com o teatro, e que nunca mais dele se afastou. Quando em 1967 chegou a Lisboa para tirar o curso de Direito, o outro sítio onde imediatamente se inscreveu foi no Cénico de Direito, nesse ano dirigido artisticamente por Luís de Lima, que em breve se ausentaria de Portugal. Após um período em que a direcção artística seria de Fernando Gusmão, a actividade do grupo intensificou-se com a chegada de Adolfo Gutkin, que trazia consigo todo um conjunto de noções mais modernas, arejadas e inovadoras daquilo que podia ser o teatro universitário. Foi então que se montou VOLPONE, encenação da qual ainda hoje volta e meia se fala e que parece ter sido um espectáculo a todos os níveis notável.

Acompanhando muito mais assiduamente a actividade do grupo cénico do que as aulas, Luís Varela teve rapidamente consciência de que nunca seria um advogado respeitável, e de que o seu respeito ia muito mais para o teatro. Era mau estudante e ia tirando o curso devagar, quase por descargo de consciência. Foi assim que em 69 foi a França, passando algum tempo em Paris a ler, a reflectir, a ver muito teatro e a sobreviver lavando pratos ou executando outros trabalhos do género. Fala disto achando-se o exemplo típico daquilo que fizeram muitos companheiros da sua idade, por aqueles anos. A diferença estará talvez em que muitos deles, depois dessa reflexão e desse período em que encher a bagagem cultural era importante e urgente, hoje estão praticamente inactivos, ou com actividade pacata e discreta, sendo na maior parte dos casos o exemplo típico daqueles burgueses que na altura tanto censuraram. Ao contrário deste homem, para quem a cultura se tornou uma realidade, no sentido téorico mas também prático, com resultados objectivos sólidos, regulares de há já bastantes anos para cá, e que ameaçam não deixar de o ser tão cedo.

Ao voltar de Paris, Luís Varela foi convidado, juntamente com outros elementos que tinham feito parte do Cénico de Direito, assim como de outras origens, a formar o GAT — Grupo de Acção Teatral, que se instalou no Teatro Villaret e tinha direcção artística de Artur Ramos, Luís Francisco Rebello, Portela Filho e João Abel Manta. Era uma aposta de entrar de certo modo no circuito comercial, e que conseguiu existir durante algum tempo, tendo apresentado propostas bastante interessantes como O PROCESSO de Kafka no qual gostou muito de participar.

Mas para Luís Varela ser actor de teatro não era, já nesta época, aquilo que mais o interessava, e sim uma maneira possível de ir participando em teatro. Foi assim que obteve uma bolsa da Fundação Gulbenkian para estudar encenação na escola de Estrasburgo, onde viria a estudar durante três anos.

Foi em Estrasburgo que veio a conhecer Mário Barradas, então no último ano do curso, encontro importantíssimo para os anos que viriam a seguir-se. Foi ainda em Estrasburgo que Mário Barradas lhe propôs, quando voltasse para Portugal, formar com ele e com outras pessoas um projecto de descentralização cultural, o que, como se sabe, viria de facto a acontecer.

Durante o último ano do curso, teve a oportunidade de ser praticamente co-encenador de três peças, ao lado de Robert Gironés, então encenador daquele grupo de Estrasburgo e que depois viria a deslocar-se a Paris. Ano extremamente intenso e durante o qual pôde concretizar solidamente os conhecimentos adquiridos. Encontravam-se nessa altura no Theâtre de la Reprise Bernard Chartreux, de quem aliás se montou uma peça, e Jean-Paul Wenzel, hoje conhecido como autor de peças sobre o quotidiano, e que na altura era actor daquele grupo.

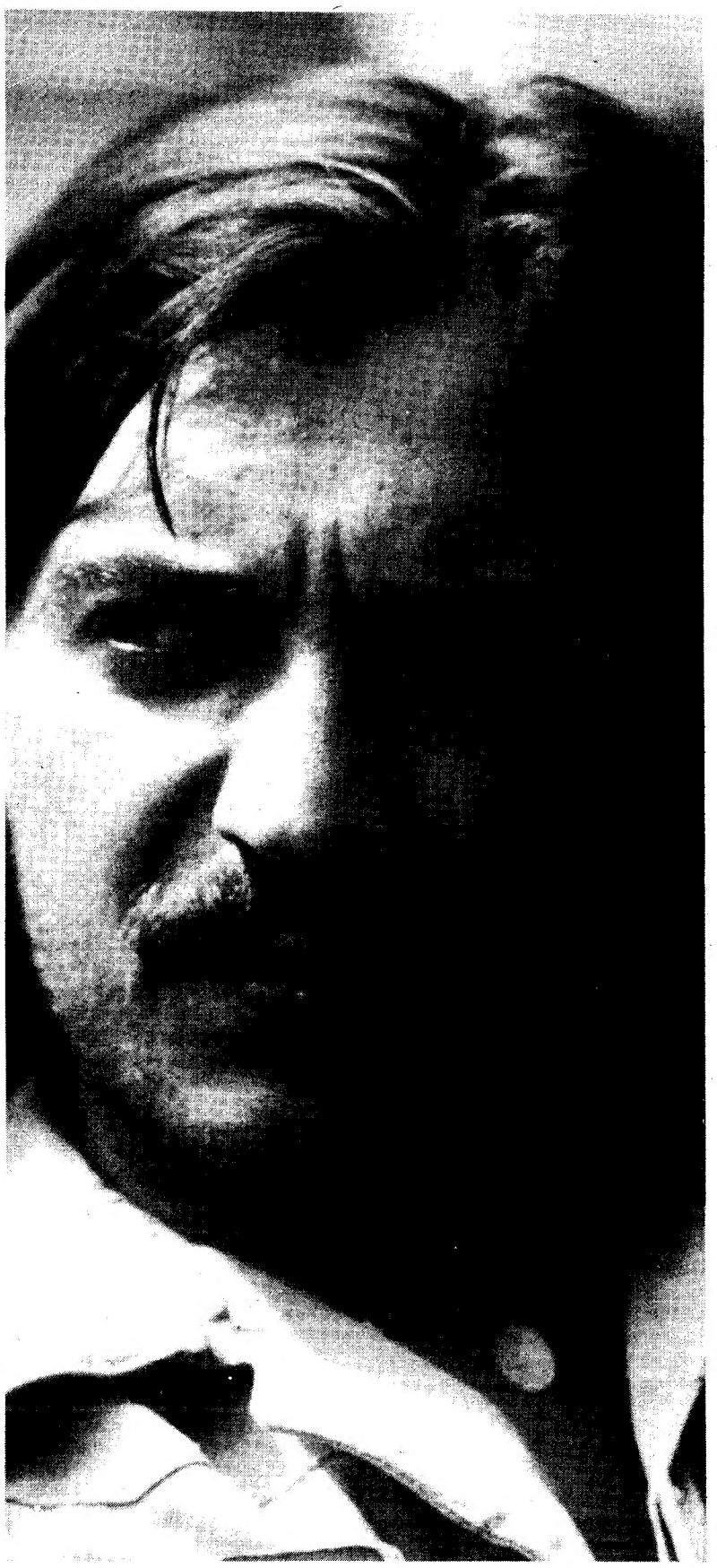
Foi durante o Verão de 74 que Luís Varela voltou para Portugal e que reunido com Mário Barradas e outros companheiros começaram a dar forma ao projecto de descentralização cultural, que veio a concretizar-se em Évora, no Teatro Garcia de Resende, onde ainda hoje o Centro Cultural de Évora se encontra instalado. Foi aí que nasceu essa espantosa corrente de energia que tem feito do Centro um dos principais focos culturais do país. Curiosamente, tendo Luís Varela sido chamado para a tropa, foi posto na rua por castigo, juntamente com muitos outros, mesmo a tempo de poder estar presente no dia 1 de Janeiro de 1975, dia em que iniciariam os trabalhos do Centro Cultural. Foi preciso encarar um velho (e magnífico) teatro, onde não havia uma única corda na teia e onde era preciso de tudo, desde mesas e cadeiras. Mas havia força para trabalhar, e é assim que hoje o Centro Cultural, além de receber regularmente todo o tipo de espectáculos nacionais e estrangeiros ao longo do ano, possui um curso de formação de actores de dois anos de duração, que este ano será talvez melhorado por diversos ateliers paralelos, pois verbas da Comunidade Europeia virão em princípio a ser nisso aplicadas.

O primeiro espectáculo a ser montado foi escrito na altura por Richard Demarcy, que então vivia em Portugal. Chamava-se A NOITE de 28 DE SETEMBRO e relatava, através de personagens-tipo, os acontecimentos políticos que se tinham dado recentemente.

Como encenador, além de ter encenado pela primeira vez em Portugal, AS DUAS CARAS DO PATRÃO de Luís Valdez, trabalho de certo modo pontual, a sua primeira encenação de peso, foi, no Centro Cultural de Évora, LUZ NAS TREVAS de Brecht, tendo-se seguido tantas outras, num trabalho que ano após ano vai tomando forma. Lembremos também o trabalho de recuperação cultural, como por exemplo a aquisição e protecção do grupo de marionetas Bonecos de Santo Aleixo, que brevemente virá a Lisboa, e que é, como se sabe, um precioso testemunho de arte popular.

Tendo Mário Barradas, com quem trabalhou na direcção do Centro durante estes anos, vindo para Lisboa, Luís Varela encontra-se a braços com a direcção do Centro Cultural e da Escola de Teatro, o que vai começando a pesar de mais, estando previsto que um colaborador virá dirigir ambas as coisas consigo num futuro próximo.

Desalento, nenhum. Sai-se de Lisboa onde tudo parece difícil e triste e respira-se umas paredes alentejanas, que mesmo que chova são bem brancas e lembram tempos, de que ouvi falar, em que também em Lisboa certas coisas eram mais luminosas. A tarde chega ao fim, a conversa foi calma e de repente tudo entra em alvoroço: chega a sua filha a casa, despede-se, explica-me que passa, ao fim da tarde, O NAVIO de Felini. Fico um pouco parvo, com a notícia. Luís Varela sai, fico uns momentos com Christine escolhendo uma fotografia. Nada a fazer: há mudanças recentes na cara deste homem e as fotografias não condizem. Por isso vai aqui a receita: cortem um pouco os cabelos, tirem umas lascas à cara, acrescentem um brilhozinho nos olhos e se estiverem fartos de Lisboa, vão viver para Évora. De lá, saudades.



Na quinta-feira

TER ESCREVER